


UNESP  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Câmpus de Araraquara – SP


ALESSANDRO AUGUSTO DE SOUZA VASCONCELOS

**USOS DO SINAL ↕ (QUE/QUEM) NA LÍNGUA
BRASILEIRA DE SINAIS: Multifuncionalidade e
gramaticalização**



ARARAQUARA – SP
2023

ALESSANDRO AUGUSTO DE SOUZA VASCONCELOS

**USOS DO SINAL  (QUE/QUEM) NA LÍNGUA
BRASILEIRA DE SINAIS: Multifuncionalidade e
gramaticalização**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Angélica T. Carmo Rodrigues


ARARAQUARA – SP
2023

V331u	<p>Vasconcelos, Alessandro Augusto de Souza</p> <p>Usos do sinal (que/quem) na Língua Brasileira de Sinais : Multifuncionalidade e gramaticalização / Alessandro Augusto de Souza Vasconcelos. -- Araraquara, 2023</p> <p>106 p.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara</p> <p>Orientadora: Angélica Terezinha Carmo Rodrigues</p> <p>1. Língua Brasileira de Sinais (Libras).. 2. Gramaticalização.. 3. Que/Quem.. 4. Pronome Interrogativo.. 5. Conjunção subordinativa.. I. Título.</p>
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ALESSANDRO AUGUSTO DE SOUZA VASCONCELOS

**USOS DO SINAL  (QUE/QUEM) NA LÍNGUA BRASILEIRA
DE SINAIS: Multifuncionalidade e gramaticalização**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Angélica T. Carmo Rodrigues

Data da defesa: 21/07/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidenta e Orientadora: Profa. Dra. Angélica T. Carmo Rodrigues
Universidade Estadual Paulista – Unesp

Membro Titular: Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Membro Titular: Prof. Dr. Anderson Almeida da Silva
Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr

Membro Suplente: Prof. Dr. Felipe Aleixo
Universidade Federal de Roraima – UFRR

Membro Suplente: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlink
Universidade Estadual Paulista – Unesp

Local: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Câmpus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos às pessoas que foram fundamentais para a conclusão desta dissertação. Ela demonstra o resultado de todo o processo por que passei desde início, ao ingressar da Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa na Unesp. Minha vida inteira foi afetada, tanto pelos aspectos profissionais, pessoais e afetivos, por meio do contato com meus pais, orientadora, professores, amigos e colegas acadêmicos.

Primeiramente, desejo agradecer ao Prof. Dr. Anderson Almeida da Silva, por me incentivar a ingressar neste Mestrado e por sua confiança em meu potencial para seguir na pesquisa em Linguística.

Não posso deixar de fazer um grande agradecimento à minha orientadora, Profa. Dra. Angélica T. Carmo Rodrigues, por sua dedicação, orientação e apoio ao longo de todo o processo de pesquisa. Sua expertise, paciência e comprometimento foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Sou imensamente grato pela oportunidade de aprender com você e por compartilhar seus conhecimentos.

Agradeço, também, as intérpretes que estiveram presentes nas sessões da orientação com Profa. Dra. Angélica Rodrigues, principalmente Liz Máximo, que foi quem mais me acompanhou durante minha jornada acadêmica, de modo que ainda tivemos oportunidade, por pouco tempo, de conhecer na nossa outra área em comum, a tradução e a interpretação.

Estendo minha gratidão, sobretudo, aos meus pais, à minha mãe, Andréa Vasconcelos, e ao meu pai, Sérgio Vasconcelos, por seu amor, incentivo e apoio incondicionais desde o meu nascimento. Vocês são minhas fontes de inspiração e força; sempre esforçaram a me fazer enfrentar os desafios da vida, para a minha independência de capacitação na sociedade, para a minha evolução na aprendizagem da língua portuguesa –língua majoritária do Brasil – o que foi fundamental para conclusão desta dissertação (meu maior desafio foi a escrita neste idioma). O apoio emocional, financeiro e incentivo de vocês foram fundamentais para minha realização pessoal e profissional.

Agradeço a Ana Beatriz, Bruna Letícia, Gabriella Sobral, Mirella Cavalcanti e Victor Cláudio, que são meus queridos amigos de infância, do grupo “Farrinha”, que me apoiaram, também, ao longo da minha jornada acadêmica.

Agradeço aos meus amigos e colegas acadêmicos que estiveram ao meu lado durante o percurso. Vocês compartilharam risadas, momentos de estudo, dúvidas e trocamos experiências de pesquisa, contribuíram nos meus momentos necessários, tornando esta jornada muito mais significativa e prazerosa.

Meus agradecimentos também se estendem a todos os professores e pesquisadores que contribuíram para a minha formação acadêmica. Seus ensinamentos e conhecimentos compartilhados foram fundamentais e me ajudaram a crescer intelectualmente. Agradeço a cada um de vocês pelas oportunidades de aprendizado e por inspirarem meu desenvolvimento como estudante e pesquisador.

Por fim, gostaria de agradecer aos grupos de pesquisa que compuseram o minicópus SignL, da UNESP, e o Corpus de Libras, da UFSC. Suas contribuições foram valiosas para a obtenção dos resultados apresentados neste trabalho.

A todos os mencionados e a todos aqueles que, de alguma forma, fizeram parte desta jornada, meu mais profundo agradecimento. Sem o apoio, encorajamento e contribuições de vocês, esta dissertação não teria sido possível.

RESUMO

Neste trabalho, como pesquisador surdo, tenho como objetivo analisar como os sinalizantes surdos da Língua Brasileira de Sinais (Libras) utilizam o sinal (que/quem), extraído de dois corpúscos principais: Corpus Libras (UFSC) e Minicórcpus compilado por pesquisadores do Grupo SignL da UNESP. Os usos desse sinal incluem sua categorização como pronome interrogativo, como previsto nos dicionários Lira e Souza (2011) e Capovilla *et al.* (2017), mas também observamos, nos dados, que pode ser associado a contextos envolvendo pares pergunta-resposta: pergunta plena (formulada pelo sinalizante e respondida por outro sinalizante), pergunta semirretórica (formulada e respondida pelo próprio sinalizante) e pergunta retórica (formulada para não ser respondida), além de poder ser usado como complementizador em contextos de orações subordinadas. Nossa pesquisa tem como objetivo mostrar que os diferentes usos do sinal podem refletir um processo de gramaticalização (Heine, 2003 *apud* Rodrigues, 2022), que parece ter levado à emergência de complementizador a partir de pronome interrogativo. Os autores Pfau e Steinbach (2011) e Rodrigues (2022) afirmam que os estudos sobre gramaticalização em línguas de sinais, embora profícuos e pertinentes, apresentam desafios metodológicos, já que não dispomos de robusto conjunto de evidências diacrônicas. Partimos de um conjunto de 46 videossinalizados extraídos do Corpus Libras (UFSC) e do Minicórcpus compilado por pesquisadores do Grupo SignL da Unesp. Demonstramos que, nesses vídeos, todos anotados no programa ELAN (HELLWIG, 2020), os sinalizantes surdos utilizam o sinal associado a pares pergunta-resposta como estratégia de pergunta semirretórica. Nossas ocorrências somam 131 usos do sinal nos bancos de dados, que foram operacionalizadas através do software Microsoft Excel. Os resultados obtidos foram divididos em quatro grupos de análise: (i) *os contextos sintáticos de uso do sinal* , em que as ocorrências apresentam os contextos sintáticos dos pares pergunta-resposta e orações subordinadas adjetiva (restritiva e explicativa) e substantiva (subjativa, objetiva, completiva nominal, predicativa do sujeito); (ii) *estatuto categorial do sinal*, em que observamos os usos do sinal , apresentando suas formas morfológicas do seu processo de gramaticalização da categoria gramatical: pronome interrogativo, pronome indefinido e conjunção subordinativa; (iii) *marcações não manuais associadas ao sinal*, em que demonstramos a frequência do uso do movimento de cabeça e sobrancelhas associado aos sinal , e (iv) *gramaticalização do sinal*, em que apresentamos as informações das descrições fonológicas com usos do sinal – fazemos aí um compilado que demonstra os sinais em sua própria categoria gramatical com sua propriedade. Para isso, seguimos Hopper e Traugott (2003), considerando um arranjo de formas analisadas como menos e mais gramaticalizadas: pronome interrogativo > pronome indefinido > subordinação. Identificamos, ainda, os usos do sinal com seu movimento diferente, que se refere a não ser particular nem restrito a quantidades com identificações; as outras ocorrências analisadas podem ser do seu contexto sintático da oração subordinada adverbial, mas foram pouco encontradas para observar o seu processo de gramaticalização.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais (Libras); Gramaticalização; Que/Quem; Pronome Interrogativo; Conjunção subordinativa.

ABSTRACT

In this work, as a deaf researcher, my objective is to analyze how deaf signers of the Brazilian Sign Language (Libras) use the sign (what/who), extracted from two main corpus: Corpus Libras (UFSC) and Minicópus compiled by researchers from the Group SignL from UNESP. The different occurrences of this sign include its categorization as an interrogative pronoun - discriminated in the dictionaries Lira e Souza (2011) and Capovilla *et al.* (2017) - but it is also observed, through the data, that it can be associated with contexts involving the question-answer pairing strategies: full question (it is elaborated by the signer and answered by another signer), semi-rhetorical question (it is elaborated and answered by the signers themselves), and rhetorical question (it is elaborated not to be answered), in addition to being used as a complement in subordinated clauses. Our research aims to show that the different uses of the sign may reflect a grammaticalization process (Heine, 2003 *apud* Rodrigues, 2022), which seems to have led, from interrogative pronouns, to the emergence of its function as a complement. The authors Pfau and Steinbach (2011) and Rodrigues (2022) state that the research on grammaticalization within the area of sign languages, although fruitful and relevant, present challenges in their methodology, as we do not encounter a solid collection of diachronic evidence. Our *Corpus* consists of 46 signed-videos extracted from the *Corpus Libras* (UFSC) and the *Minicorpus* compiled by researchers from the SignL Group at UNESP. It is demonstrated that, in these signed-videos, all registered in the ELAN software (HELLWIG, 2020), the deaf signers use the sign associated with the question-answer pairing strategy, utilizing the semi-rhetorical question system, divided between “semi-rhetorical question” and “complement function” for our analysis. We collected 131 signs from the database’s occurrences, which are systematized via Excel. This analysis was divided into 5 categories approaching the different functions of the sign : *indefinite pronoun*, *relative pronoun (adjective subordinate clause)*, *subordinating conjunction (substantive subordinate clause)* and *another category*, presenting their phonological descriptions of the sign . Thus, as proposed by Hopper and Traugott (2003), it is conceived as an hierarchical arrangement of forms analyzed as less or more grammaticalized: interrogative pronoun > indefinite pronoun > subordinate. We also identify the uses of the sign , with its different movement, which refers to not being particular nor restricted to quantities with identifications; the other occurrences analyzed may be from their syntactic context of the adverbial subordinate clause, but they were rarely found to observe their grammaticalization process.

Key-words: Brazilian Sign Language (Libras); Grammaticalization; What/Who; Interrogative Pronoun; Subordinating Conjunction.

LISTA DE FIGURAS











Figura 1 – Sinal 	13
Figura 2 – Sinal QUE1 em Lira e Souza (2011).	16
Figura 3 – Sinal QUE2 em Lira e Souza (2011).	16
Figura 4 – Sinal QUE-ISSO em Lira e Souza (2011).	17
Figura 5 – Sinal QUEM1 em Lira e Souza (2011).	17
Figura 6 – Sinal QUEM3 em Lira e Souza (2011).	17
Figura 7 – Sinal QUÊ? em Capovilla <i>et al.</i> (2017).	18
Figura 8 - Sinal QUE PESSOA? em Capovilla <i>et al.</i> (2017).	19
Figura 9 - Sinal QUEM (1) em Capovilla <i>et al.</i> (2017).	19
Figura 10 - Sinal QUEM (2) em Capovilla <i>et al.</i> (2017).	19
Figura 11 - Sinal QUAL (2) em Capovilla <i>et al.</i> (2017).	20
Figura 12 - SignWriting do sinal <i>que/quem</i> como elemento interrogativo.	22
Figura 13 – Sinais de pronomes indefinidos na Libras apresentados por Felipe (2007).	24
Figura 14 – Sinal ALGUÉM em Capovilla <i>et al.</i> (2017).	24
Figura 15 – Descrição do elemento “quem” como pronome substantivo.	26
Figura 16 – Marcação não manual interrogativa de pronome interrogativo	27
Figura 17 – SignWriting da MNM do sinal <i>QUE/QUEM</i> de interrogativa indireta de Quadros (1999).	28
Figura 18 – Rota de gramaticalização de gesto.	36
Figura 19 – A origem do sinal “dever”	37
Figura 20 - Rota de gramaticalização de gesto.	37
Figura 21 - Gramaticalização de gesto  como apontador	38
Figura 22 - Marcações não manuais da sentença interrogativa QU.	42
Figura 23 - Marcações não manuais da sentença interrogativa que expressam dúvida e desconfiança.	42
Figura 24 - Marcações não manuais da sentença interrogativa QU que aparecem em sentenças subordinadas sem a marcação não manual interrogativa.	42
Figura 25 - Exemplo de sentença interrogativa QU usado nos testes realizados por Ampessan (2017).	43
Figura 26 - Exemplo de sentença interrogativa QU usado nos testes realizados por Ampessan (2017).	43

Figura 27 - Exemplo de sentença interrogativa QU usado nos testes realizados por Ampessan (2017).....	44
Figura 28 - A expressão “O que?” com uso do sinal  de Pêgo (2013).	47
Figura 29 - O morfema-boca sem uso do sinal  de Pêgo (2013).	47
Figura 30 - A expressão “de” com uso do sinal  de Pêgo (2013).	47
Figura 31 - A sentença com uso do sinal  da expressão “de” de Pêgo (2013).	47
Figura 32 – Sinais  dos pares pergunta-resposta.....	85
Figura 33 – As mãos do sinal 	86
Figura 34 – Articulação-boca de <i>que</i> e <i>quem</i>	86
Figura 35 – Sinal  do Corpus de Libras da UFSC.	88
Figura 36 – O processo de gramaticalização das sobrancelhas com suas categorias gramaticais.	95
Figura 37 – Sinal  como pronome indefinido às referências de quantidades com identificações.....	101





LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Uso de sobancelhas com o sinal 	94
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resumo da descrição do sinal $\overleftrightarrow{\blacksquare}$ dos dicionários.	21
Tabela 2 – Quantidade dos contextos sintáticos com uso do sinal $\overleftrightarrow{\blacksquare}$	68
Tabela 3 – Quantidade com usos dos sinais “que” e “quem” e suas categorias.....	84
Tabela 4 – Padrão de usos do sinal <i>que/quem</i>	96

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: DESCRIÇÃO DO SINAL 	16
2.1 O sinal  na língua brasileira de sinais	22
2.1.1 Pronome indefinido	22
2.1.2 Pronome interrogativo	26
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	32
3.1 Gramaticalização	32
3.1.1 Gramaticalização em línguas orais	32
3.1.2 Gramaticalização em línguas de Sinais	35
3.2 Sentença e pronome interrogativo	41
3.2.1 Marcação não manual em línguas de sinais	41
3.2.2 Marcação não manual interrogativa da língua brasileira de sinais	41
3.2.3 Tipos de par pergunta-resposta	48
3.3 Orações subordinadas	52
3.3.1 Oração subordinada adjetiva / pronome relativo	54
3.3.2 Oração subordinada substantiva / conjunção integrante	58
4. METODOLOGIA	61
4.1 Sobre os corpúsculos	61
4.2 Metodologia de coleta e análise de dados	62
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	67
5.1 Os contextos sintáticos de uso do sinal 	67
5.1.1 Pergunta plena	68
5.1.2 Pergunta semirretórica	69
5.1.3 Pergunta retórica	71
5.1.4 Orações subordinadas	73
5.1.4.1 Oração subordinada adjetiva	73
5.1.4.2 Oração subordinada substantiva	77
5.2 Estatuto categorial do sinal 	84
5.2.1 Pronome interrogativo	84
5.2.1.1 Gramaticalização dos pares pergunta-resposta	87
5.2.2. Pronome indefinido	88
5.2.3 Conjunção subordinativa	92

5.3 Marcação não manual associada ao sinal ↕↕	93
5.4 Gramaticalização do sinal ↕↕	95
6. CONCLUSÃO	99
REFERÊNCIAS	102

1. INTRODUÇÃO




Neste trabalho, empreendo a análise, como pesquisador surdo, sobre os usos do sinal  (que/quem), com a configuração de mão dessa forma , com movimento para a frente em duas vezes, conforme a figura 1, utilizado por sinalizantes surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Figura 1 – Sinal .






Fonte: elaborado por autor

Optamos por usar a representação do sinal em SignWriting¹ visando manter uma perspectiva de análise mais afastada da língua oral, no caso, o português. Preocupamo-nos com o modo de uso de glosas, assim como defendem Leite *et al.* (2021), o que pode comprometer a análise linguística. Desse modo, concordamos com os autores que o uso de glosas “enviesa e simplifica a nossa compreensão sobre a semântica da Libras, direcionando nosso olhar inevitavelmente para palavras isoladas em português” (Leite *et al.* 2021, p. 20). Os dicionários consultados traduzem esse sinal como “que” e “quem”, categorizado como pronome interrogativo. Os dicionários de Lira e Souza (2011) e Capovilla *et al.* (2017) trazem traduções semelhantes desse sinal. Todavia, em nossa análise, baseada em dados espontâneos, observamos que esse sinal exibe propriedades que precisam ser mais bem descritas. Por exemplo, identificamos que esse sinal parece funcionar como um conjutor em orações complexas. Observamos, igualmente, que esse sinal nem sempre está associado a uma pergunta plena, ou seja, uma pergunta que demanda uma resposta de outro interlocutor, mas também a uma pergunta retórica, quando não há resposta do receptor e nem própria, e a uma pergunta


¹ “O SignWriting é uma escrita visual direta e uma solução completa para escrever as Línguas de Sinais. Cada grafema desta escrita representa diretamente um fonema das Línguas de Sinais e nos mostra como ele é realizado” (Barreto; Barreto, 2015)


semirretórica, em que o emissor produz sua própria resposta à questão (Araújo; Freitag, 2010; Freitag, 2010; Santos, 2017).





Nosso objetivo é, desse modo, trazer resultados da análise do sinal , tendo em vista dados espontâneos da Libras, extraídos de dois corpúsculos principais. Além disso, esse sinal também pode ser utilizado como um juntor em orações substantivas, tendo, pois, uma função gramatical além da função de pronome interrogativo. Nossa hipótese é que esses usos diferentes do sinal  podem estar associados a um processo de gramaticalização, na medida em que identificamos usos menos e mais gramaticais, que envolveriam, por um lado, seu uso como pronome interrogativo (menos gramatical) e, por outro, seu uso como conjunção, interligando sentenças (mais gramatical).


Assim como já apontado por autores como Pfau e Steinbach (2011) e Rodrigues (2022), o estudo sobre gramaticalização em línguas de sinais, embora profícuo e pertinente, apresenta desafios metodológicos, já que não dispomos de robusto conjunto de evidências diacrônicas. Entretanto, assim como sugerem os autores supracitados, os diferentes usos do sinal  nos permitem dispô-lo num *continuum* de gramaticalização, dentro de uma perspectiva sincrônica.

Esta pesquisa visa ampliar as descrições morfossintáticas da Libras apresentadas Ferreira-Brito (2010[1995]), Quadros e Karnopp (2004) e Quadros (2019, 2021), bem como por pesquisadores como Royer (2019), Rodrigues e Souza (2019), Rodrigues (2019, 2020), Carneiro, Khouri, Ludwig (2020), Aleixo (2021) e Ludwig (2021, 2022), que desenvolvem estudos da Gramática de Libras e compõe um conjunto de trabalhos que mais recentemente tem apresentado análises descritivas da Libras com base em dados espontâneos.

Em *Língua Brasileira de Sinais: Estudos Linguísticos*, de Quadros e Karnopp (2004), encontramos menção sobre a formação de interrogativas na Libras, a partir do uso de três sinais para construir interrogativas nas orações principais e subordinadas, que foram coletados da tese de Quadros (1999) – um dos três sinais produz uma oração simples, e os outros dois sinais demonstram diferentes marcações não manuais e as mãos deslocam para outro espaço, produzindo, assim, uma oração subordinada (um deles com realização de uma ou duas mãos). Recentemente, foi publicado o livro *Libras*, da autora Quadros (2019), que apresentou os sinais de interrogativa para produzir uma pergunta como oração simples. Isso também pode ser visto no *V-book Gramática da Libras*, em que, no subcapítulo *Outras possíveis ordenações na Libras*, Royer e Quadros (2021) apresentam exemplos da tese de Quadros (1999) assim como do livro de Quadros e Karnopp (2004). As autoras, contudo, não especificam a classe gramatical e função do uso de sinal interrogativo como  no meio das orações, e também não descrevem

quais são tipos de marcação não manual, como, por exemplo, o movimento de cabeça, o uso das sobrancelhas e articulação-boca. Apesar disso, apresentam as imagens da sinalizante que produz os sinais, de modo que podemos descrever a partir de nossa perspectiva. Além disso, em sua tese, Quadros (1999) não utilizou a metodologia específica para investigar de quais são as funções do sinal , que foram mostrados de forma comparativa ao uso na Língua de Sinais Americana (ASL).

Surgiram, assim, as três perguntas pela nossa pesquisa para análise dos usos do sinal  da sua origem como pronome interrogativo. A primeira pergunta é: *Todas as ocorrências com o uso de sinal  estão relacionadas à pergunta plena com uso do franzimento das sobrancelhas e movimento de cabeça para frente que esperam receber outras respostas?* A segunda pergunta que nos fazemos é: *Quais são funções possíveis do sinal  que poderiam ser alocadas num continuum de gramaticalização que vai de pronome interrogativo para outra função gramatical quando não se está produzindo uma pergunta plena?* E a terceira pergunta é: *Quais são significados dos diferentes usos do sinal .*

A dissertação está organizada da seguinte forma: inicialmente, apresentamos uma contextualização do sinal , foco da nossa pesquisa, tendo em vista principalmente dicionários. Na Seção 3, temos a fundamentação teórica e, na Seção 4, os procedimentos metodológicos que utilizamos. As análises e a discussão serão apresentadas na Seção 5. A conclusão compõe a Seção 6, e as referências estão na Seção 7.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: DESCRIÇÃO DO SINAL



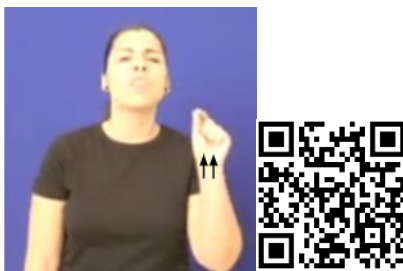
O sinal  é glosado como QUE e QUEM nos dicionários de Capovilla *et al.* (2017) e de Lira e Souza (2011) (*on-line*). Com base nesses dois dicionários, esse sinal é descrito tendo em vista parâmetros fonológicos e a sua classe gramatical. Destacamos que esses dicionários fazem entradas a partir das palavras em língua portuguesa, por sua estrutura de dicionário, em ordem alfabética. Encontramos aí as possíveis traduções como “que”, “quê”, “o que” e “quem” com essa configuração da mão , conforme apresentado em Lira e Souza (2011).

Figura 2 – Sinal QUE1 em Lira e Souza (2011).


<p>Acepção: Expressão que traduz a impossibilidade de compreensão do que foi dito por alguém.</p> <p>Exemplo: Não entendi o que você disse.</p> <p>Exemplo Libras: EU ENTENDER-NÃO QUE VOCÊ FALAR.</p> <p>Classe gramatical: Pronome.</p>


Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Lira e Souza (2011).

Figura 3 – Sinal QUE2 em Lira e Souza (2011).


<p>Acepção: Expressão com que se indaga a escolha de alguém.</p> <p>Exemplo: O que você quer beber?</p> <p>Exemplo Libras: VOCÊ BEBER O-QUE?</p> <p>Classe gramatical: Pronome.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Lira e Souza (2011).


Figura 4 – Sinal QUE-ISSO em Lira e Souza (2011).



Acepção: Indagação que reforça desaprovação; expressão de repreensão.
Exemplo: Não faça isso! É muito feio! O que é isso?
Exemplo Libras: QUE-ISSO? FAZER NÃO! FEIOmuito!
Classe gramatical: Locução Adverbial.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Lira e Souza (2011).

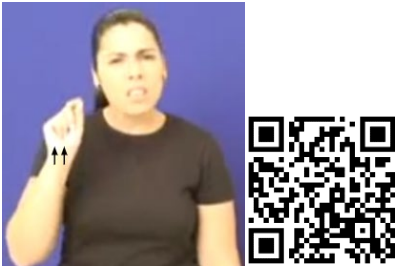
Figura 5 – Sinal QUEM1 em Lira e Souza (2011).



Acepção: Forma de identificar o proprietário de um objeto.
Exemplo: De quem é o lápis? Alguém esqueceu!
Exemplo Libras: LÁPIS QUEM PESSOA? SE@?
Classe gramatical: Pronome.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Lira e Souza (2011).







Figura 6 – Sinal QUEM3 em Lira e Souza (2011).




Acepção: Forma de identificar ou nominar alguém.
Exemplo: Quem é o seu amigo? Quero conhecer!
Exemplo Libras: AMIG@ SE@ QUEM-É? EU QUERER CONHECER!
Classe gramatical: Pronome.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Lira e Souza (2011).

O dicionário de Lira e Souza (2011) possui acepção, classe gramatical e exemplos em português e Libras, mas não há descrição dos parâmetros; então, a nossa consulta foi realizada

a partir de campos semânticos da forma de sinal. Considerando as imagens fornecidas pelo dicionário, faremos um resumo dos parâmetros utilizados. Vejamos as figuras de 2 a 6, que utilizam mesma configuração de mão  (o uso na figura 2 apresenta uma diferença entre dedos indicador e polegar, que se afastam que dessa configuração de mão ,  franzimento de sobrancelha, semelhança do movimento de cabeça para cima (exceto figura 6, em que há movimento de cabeça para frente),  levantamento de lábio superior e movimento da mão de duas vezes para frente (exceto figura 2, em que os dedos indicador e polegar se tocam duas vezes). Há mais um sinal, apresentado na figura 4 juntamente com  (isso), apontado no espaço neutro, que pode se refere a alguma entidade, e na figura 5 é utiliza o sinal  (pessoa) como composto para “quem”, com referência a ser humano.

A descrição apresentada nesse dicionário nos permite identificar diferentes parâmetros fonológicos associados a diferentes usos do sinal. Em nossa análise, verificaremos a pertinência desses parâmetros para a descrição do sinal .



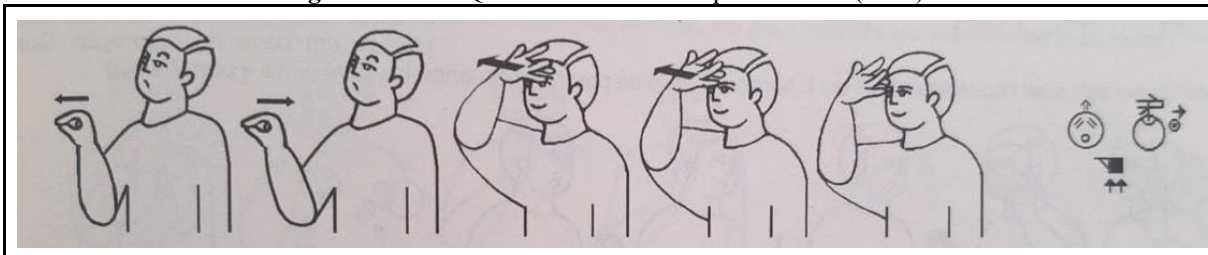
Encontramos os dois sinais de “QUE”, dois sinais “QUEM” e um sinal de “QUAL” do dicionário de Capovilla *et al.* (2017) com essa configuração da mão . Apresentamos abaixo a descrição de forma de sinal, morfologia, classe gramatical, significado e exemplos:

Figura 7 – Sinal QUÊ? em Capovilla *et al.* (2017).


<p>Descrição de forma de sinal: Mão vertical fechada, palma para frente, dedos indicador e polegar estendidos e unidos pelas pontas. Mover a mão para frente, duas vezes, com expressão interrogativa.</p> <p>Morfologia: Trata-se de sinal formado pelo morfema interrogação, codificado por expressão facial interrogativa, com leve meneio da cabeça (i.e., cabeça levemente levantada, voltada para trás) e, às vezes, com sobrancelhas erguidas e boca entreaberta.</p> <p>Classe gramatical: Pronome interrogativo substantivo.</p> <p>Significado: Qual coisa? Quais coisas? Que coisa? Quais coisas? Que coisa? Que coisas? Que tipo de? Qual?</p> <p>Exemplo: Que você está fazendo?</p>

Fonte: elaborado pelo autor a partir de Capovilla *et al.* (2017, p. 2360).

Figura 8 - Sinal QUE PESSOA? em Capovilla *et al.* (2017).



Descrição de forma de sinal: Fazer este sinal QUE?: Mão vertical fechada, palma para frente, dedos indicador e polegar estendidos e unidos pelas pontas. Mover a mão para frente, duas vezes, com expressão interrogativa. Seguido deste sinal PESSOA: Mão horizontal aberta, palma para trás. Passar a ponta do dedo médio sobre a testa, da esquerda para a direita.

Morfologia: Não há registro.

Classe gramatical: Expressão interrogativa.

Significado: Não há registro.

Exemplo: Que pessoa mandou as flores?

Fonte: elaborado pelo autor a partir de Capovilla *et al.* (2017, p. 2361).

Figura 9 - Sinal QUEM (1) em Capovilla *et al.* (2017).



Descrição de forma de sinal: Fazer este sinal QUE?: Mão vertical fechada, palma para frente, dedos indicador e polegar estendidos e unidos pelas pontas. Mover a mão para frente, duas vezes, com expressão interrogativa

Morfologia: Não há registro.

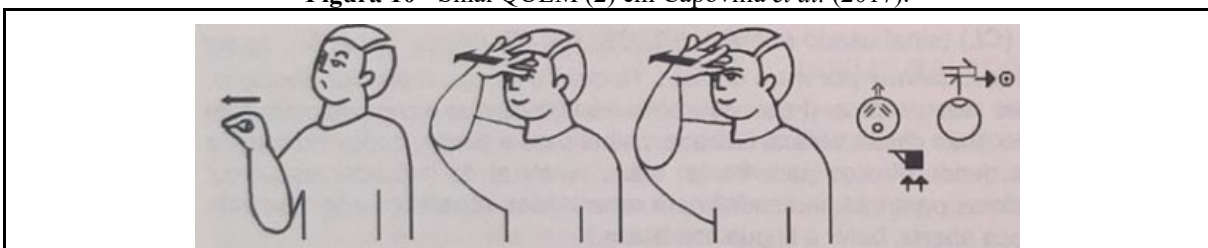
Classe gramatical: Pronome interrogativo.

Significado: Que pessoa? Que pessoas?

Exemplo: Quem mandou as flores?

Fonte: elaborado pelo autor a partir de Capovilla *et al.* (2017, p. 2368).

Figura 10 - Sinal QUEM (2) em Capovilla *et al.* (2017).

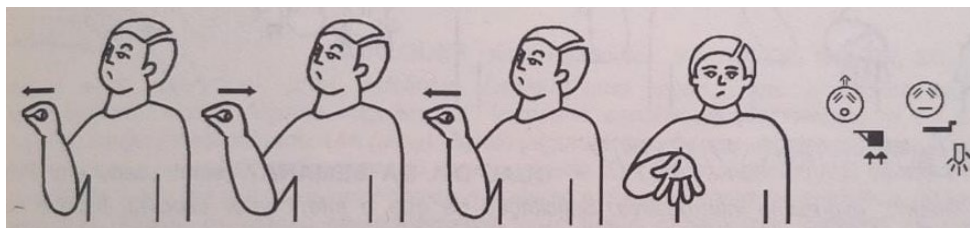


Descrição de forma de sinal: Fazer este sinal QUE?: Mão vertical fechada, palma para frente, dedos indicador e polegar estendidos e unidos pelas pontas. Mover a mão para frente, duas vezes, com expressão interrogativa. Então, fazer este sinal PESSOA: Mão horizontal aberta, palma para trás. Passar a ponta do dedo médio sobre a testa, da esquerda para a direita.

Morfologia: Não há registro.
Classe gramatical: Não há registro.
Significado: Não há registro.
Exemplo: Não há registro.

Fonte: elaborado pelo autor a partir de Capovilla *et al.* (2017, p. 2368).

Figura 11 - Sinal QUAL (2) em Capovilla *et al.* (2017).



Descrição de forma de sinal: Fazer este sinal QUE?: Mão vertical fechada, palma para frente, dedos indicador e polegar distendidos e unidos pelas pontas. Mover a mão para frente, duas vezes, com expressão interrogativa. Então, abrir a mão, palma para cima.



Morfologia: Trata-se de sinal formado pelo morfema interrogação, codificado por expressão facial interrogativa, com leve meneio da cabeça (i.e., cabeça levemente levantada, voltada para trás) e, às vezes, com sobrançelas erguidas e boca entreaberta, como nos sinais QUÊ?, QUANDO?, COMO e CADÊ?


Classe gramatical: Não há registro.

Significado: Não há registro.


Exemplo: Não há registro.
























































Fonte: elaborado pelo autor a partir de Capovilla *et al.* (2017, p. 2349).

As figuras de 8 a 11 são baseadas no uso do sinal “QUE” produzido na Figura 3. Então, nesses casos, todos os sinais são os mesmos em sua descrição quanto à forma (uso dos parâmetros) do sinal, enquanto as figuras 8 e 10 possuem mais um sinal  (pessoa) de composto “quem” (assim como mostrado em Lira e Souza (2011) na figura 5), e a última figura com mais um sinal na forma de *palm up*² , que é a segunda variante. Não há registro de classe gramatical, significado e exemplo, mas como é variante do sinal “qual”, a classe gramatical é pronome interrogativo, uma vez que significa: “Que pessoa? Que coisa? Qual das alternativas?. Substitui, na pergunta direta ou indireta, a qualidade, a natureza, o modo ou o nome que se espera como respostas” (Capovilla *et al.*, 2017). Há o exemplo “Qual dos dois livros você quer ler primeiro?” (Capovilla *et al.*, 2017).

Reunimos, na tabela 1, os 10 sinais apresentados nos dois dicionários, tendo em vista os parâmetros movimento e expressão não-manual, a sua classe gramatical e sua forma simples ou composta (mais um sinal com ):

² Palma para cima.

Tabela 1 – Resumo da descrição do sinal  dos dicionários.

Nº	Sinal	Configuração de Mão	Movimento	Sobrancelha	Boca	Cabeça	Classe Gramatical	Composto
1	QUE1 (Figura 2) Lira e Souza (2011)						Pronome	NÃO
2	QUE2 (Figura 3) Lira e Souza (2011)						Pronome	NÃO
3	QUE-ISSO (Figura 4) Lira e Souza (2011)						Locução Adverbial	
4	QUEM1 (Figura 5) Lira e Souza (2011)						Pronome	
5	QUEM3 (Figura 6) Lira e Souza (2011)						Pronome	NÃO
6	QUÊ? (Figura 7) Capovilla <i>et al.</i> (2017)						Pronome interrogativo substantivo	NÃO
7	QUE PESSOA (Figura 8) Capovilla <i>et al.</i> (2017)						Expressão interrogativa	
8	QUEM (1) (Figura 9) Capovilla <i>et al.</i> (2017)						Pronome interrogativo	NÃO
9	QUEM (2) (Figura 10) Capovilla <i>et al.</i> (2017)						Pronome interrogativo	
10	QUAL (Figura 11) Capovilla <i>et al.</i> (2017)						Pronome interrogativo	

Fonte: elaborado pelo autor.

Como vimos na tabela, Lira e Souza (2011) não definiram o tipo de pronome dos sinais de número 1 a 6 (exceto 3); então, podemos considerar como pronome interrogativo, pois eles demonstram os seus exemplos com frases da língua portuguesa que têm sentidos relacionados a perguntas diretas e indiretas, com uso dos elementos *que* e *quem*. Logo, o uso dado, na tabela, pelo número 1 possui o único movimento diferente dos outros, uma vez que é formado pelos dois dedos indicador e polegar que se afastam para se tocarem duas vezes. Não encontramos esse uso em nosso banco de dados. O uso dado no número 3 apresentou a sua classe gramatical como locução adverbial – que não está incluído do nosso objetivo. Assim, não iremos utilizar

esses sinais para nossa análise. Os outros sinais, dos números 6 a 10, continuam da sua origem de classe como pronome interrogativo.




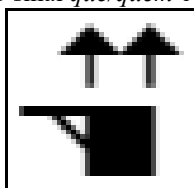
Assim, observamos os dois dicionários dessa tabela para definir o SignWriting do sinal *que* e *quem* em nossa dissertação. A configuração de mão e o movimento de mão e da cabeça foram em maioria iguais – ,  e ; as sobrancelhas e a boca tiveram a mesma frequência de uso, então preferimos utilizar, em SignWriting, apenas configuração de mão e movimento da mão, de modo que não iremos colocar a parte de marcações não-manuais, conforme demonstrado pela figura 12. Na seção 3.2.2, discutiremos sobre a marcação não-manual da Libras com relação ao uso do sinal da nossa pesquisa.


Figura 12 - SignWriting do sinal *que/quem* como elemento interrogativo.



Fonte: elaborado pelo autor.

2.1 O sinal na língua brasileira de sinais

2.1.1 Pronome indefinido

Uma vez que o sinal  é definido nos dicionários como pronome interrogativo majoritariamente, decidimos explorar as dimensões dessa categoria gramatical tomando como base, inicialmente, considerações sobre o português.



O pronome indefinido significa que não tem a função de referência definida. Segundo Neves (2018) exemplifica, *indefinido* significa “ser não particularizado, não restrito” (Neves, 2018). Por exemplo, na sentença “*Toda criança gosta de água*”, o elemento *toda* não particulariza nenhum referente ao substantivo *criança*, logo é um pronome indefinido. Ele não será apenas não particularização como falta de identificação, pois ele pode ser também incerteza quanto à quantificação. Os pronomes indefinidos podem considerar uma indefinição semântica entre identificação e quantidade. Para identificação, a identidade do referente não é particularizada, ou seja, ele não pode ser identificado, como nos exemplos (1) e (2) retirados de Neves (2018); e, para quantidade, considera-se o conjunto dos referentes, de modo que pode

ser uma parte tomada do conjunto ou da totalidade, afinal eles ficam indefinidos, ou seja, ainda não são exatos, como mostram os exemplos de (3) a (6) retirados de Neves (2018):

- (1) *Uma suntuosa propriedade rural de **algum** nobre de outros tempos.* (ACM-R)
- (2) *Jamais **alguém** viu Beatrice comer, ou fazer omeletes.* (ACM-R)
- (3) *Juntos havíamos sido felizes **algum** tempo.* (A-R)
- (4) *Imagine participar de uma corrida na qual não há apenas uma meta mas **várias**.* (SU-J)
- (5) *Basta que você renuncie a **todo** esse ódio de que você veio imbuída.* (A-R)
- (6) *Eu não tenho **nenhum** dinheiro comigo.* (AGO-R)

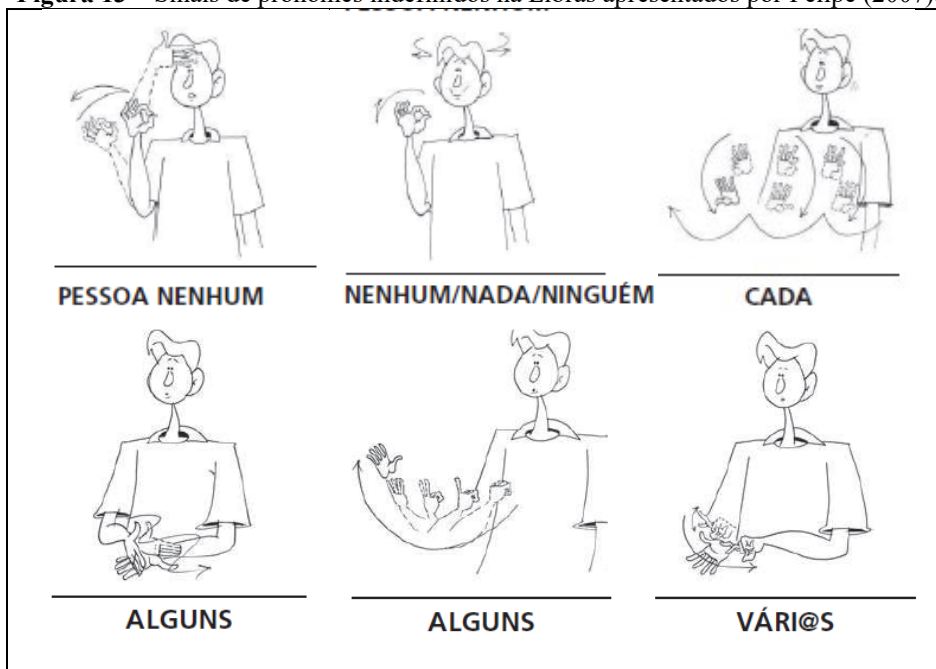
(Neves, 2018, p. 558).

Como vimos, os pronomes indefinidos de quantificação “algum” e “vários” são uma quantidade de uma porção de “todo”; “todo” é um referente de total, de elemento do conjunto; e *nenhum* é uma forma negativa, que se refere a uma quantidade não existe. Esses elementos dos seus papéis discursivos dos pronomes indefinidos não interferem no valor ilocutório das frases, assim como em frases declarativas³. No português, há duas formas do pronome indefinido, que são invariáveis e variáveis (em gênero e número). Nesse aspecto, salientamos que a Libras não utiliza desses elementos dos pronomes indefinidos para mudança de gênero e número. Segundo Ferreira-Brito (2010[1995]), a Libras não utiliza gênero; o que é possível é

acréscimo do sinal  (homem) e  (mulher) como optativo. Felipe (1998, 2006) define que a flexão de gênero na Libras se dá “através de algumas configurações de mão que podem funcionar como classificadores que marcam a concordância de gênero (animado e inanimado)” (Felipe, 1998). As duas autoras não definiram especificamente pronome indefinido relacionado a gênero. Com relação a concordância nominal de número, essa função é incorporada pelos sinais por meio do uso de numeral, repetição e localização. Ainda não há muita pesquisa sobre a forma do pronome indefinido para Libras, mas encontramos os elementos de sinal dos pronomes indefinidos em Felipe (2007), conforme figura 13.

³ “[...] independentemente de uma entoação marcada” (Neves, 2018, p. 47).

Figura 13 – Sinais de pronomes indefinidos na Libras apresentados por Felipe (2007).



Fonte: elaborado pelo a partir de Felipe (2007, p. 110 e 126).



Não vamos nos aprofundar nestes elementos de pronome indefinido por não ser esse o nosso objetivo; todavia, gostaríamos de destacar que encontramos o sinal referente a “alguém” do dicionário Capovilla *et al.* (2017) que foi utilizado com o sinal , conforme mostrado na figura 14, juntamente com acréscimo do sinal .

Figura 14 – Sinal ALGUÉM em Capovilla *et al.* (2017).



Descrição de forma de sinal: Fazer este sinal QUE?: Mão vertical fechada, palma para frente, dedos indicador e polegar estendidos e unidos pelas pontas. Mover a mão para frente, duas vezes, com expressão interrogativa. Em seguida, fazer este sinal PESSOA: Mão horizontal aberta, palma para trás. Passar a ponta do dedo médio sobre a testa, da esquerda para a direita.


Morfologia: Não há registro.

Classe gramatical: Pronome indefinido invariável.

Significado: Alguma pessoa. Pessoa digna de nota.

Exemplo: Alguém veio aqui hoje?

Fonte: elaborado pelo autor a partir de Capovilla *et al.* (2017, p. 156).

Com relação ao sinal referente ao sentido de “alguém” no dicionário de Capovilla *et al.* (2017), não foram encontradas pesquisas sobre o uso de pronome indefinido por meio do sinal , que relaciona o sentido de “que” e “quem”. Os autores Zeshan (2006) e Zeshan e Palfreyman (2017) discutem aspectos da língua de sinais da Nova Zelândia a partir de Mckee (2006). Nesta língua de sinais, observou-se um sinal interrogativo *quem*, utilizado como pronome indefinido *alguém*. Zeshan e Palfreyman (2017) explicam, nessa situação, que é uma questão de polissemia da relação entre interrogativo e não interrogativo, pois eles possuem o mesmo paralelismo das línguas orais. Máximo (2023, p. 51) defende sobre este sinal: “reconhecer esses dois usos do sinal revela não apenas um fenômeno polissêmico, mas uma chave para compreendermos como a gramática é organizada nas línguas de sinais através das interfaces” (MÁXIMO, 2023). É importante enfatizar, todavia, que não há pesquisa específica sobre esse sinal.

Primeiramente, apresentaremos “que” e “quem” da língua portuguesa que podem expressar uma relação interrogativa. Esses elementos em seus papéis discursivos operam “atos ilocutórios, definindo, por si, a modalidade de interação da frase em que ocorrem” (Neves, 2018). Na próxima seção, discutiremos mais sobre os pronomes interrogativos.

Os pronomes *que* e *quem* podem definir uma relação exclamativa para produzir a frase, de modo que “*que*” pode envolver intensificação ou quantificação, conforme apresentado no exemplo (7); em (8), mostra-se que o elemento *quem* pode ter o sentido de “que pessoa”.

(7) *Mas **que** triste figura fizeram!* (THR-D)

(8) *Ai, **quem** me dera ter ao pé de mim a minha querida tia Vi!* (MAD-R)

(Neves, 2018, p. 567-568)

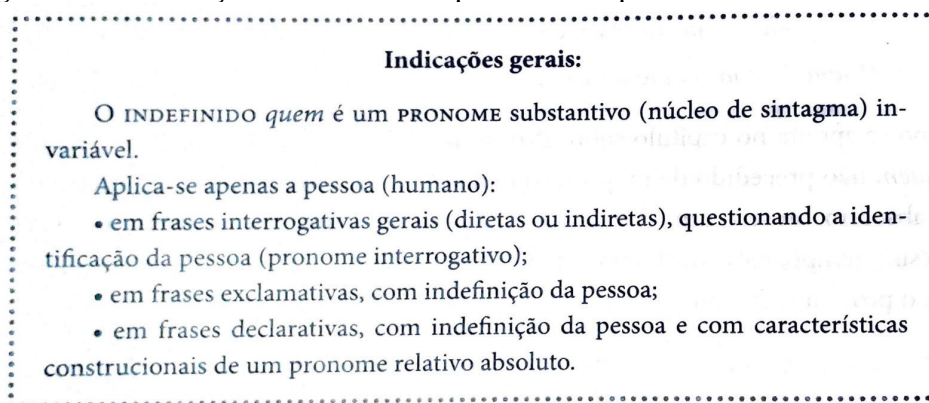
As frases declarativas utilizam o elemento “*quem*” que pode definir uma natureza relativa como pronome relativo absoluto, conforme apresentado no exemplo (9). Pode ter, ainda, o sentido de “aquele *que*”. Pode encerrar em si, também, o sentido de um pronome que denota indefinição, como “seja quem for aquele *que*” (Neves, 2018). O pronome relativo será abordado da seção 3.3.1.

(9) *Que grita para **quem** quiser ouvir / Quando canta assim:* (MPB)

(Neves, 2018, p. 568)

Ao observarmos o sinal como “quem” da Libras, podemos considerá-lo com um sentido particularizado e não restrito como indefinido. Neves (2018) descreve o indefinido “quem” como pronome substantivo que se aplica somente a pessoa, conforme a figura 15. Para a Libras, encontramos uma mudança de movimento do sinal relacionados a “todo”, “vários”, “algum” e “outro” no banco de dados que apresentaremos na nossa análise.

Figura 15 – Descrição do elemento “quem” como pronome substantivo.



Fonte: Neves (2018, p. 620).

2.1.2 Pronome interrogativo

O pronome interrogativo é aquele catalogado de pronome indefinido que definiu uma natureza interrogativa para utilizar os pronomes “que”, “quem”, “qual” e “quanto” (Neves, 2018, p. 566). Esses pronomes podem ocorrer em interrogação direta ou indireta. Apresentamos, a seguir, exemplos de sentenças interrogativas da língua portuguesa relacionado na nossa pesquisa como “que” e “quem” a partir de Neves (2018, p. 566). Os exemplos (10) e (11) são interrogações diretas, por sua característica de entoação, em que, geralmente, no final da pergunta, há abaixamento da curva entonacional. Os exemplos (12) e (13), por sua vez, são interrogações indiretas, em que pronome é utilizado no início da oração, subordinada como complemento da oração principal; sua entoação denota uma sentença declarativa.

(10) *Que aconteceu?* (REB-D)

(11) *Com Francisquinho tossindo a noite toda, quem vai poder dormir?* (MEL-R)

(12) *Tiveram uma conversa. Interessante! Gostaria de saber que conversa foi essa.* (AFA-R)

(13) *Mas com uma condição: que você me diga quem foi!* (FIG-D)

(Neves, 2018, p. 566)


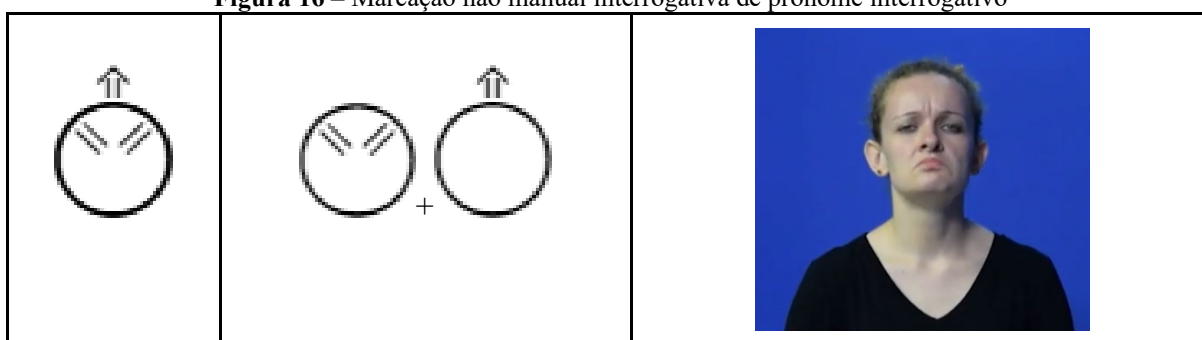
O sinal  como pronome interrogativo é associado pela marcação não-manual de interrogação para as construções interrogativas. As expressões faciais são importantes componentes das línguas de sinais que transmitem informações linguísticas tanto gramaticais como lexicais e morfossintáticas. A maioria da língua de sinais apresentam semelhanças quanto à marcação não-manual interrogativa; para produzir uma pergunta plena, utiliza-se o franzimento de sobrelceja e o movimento de cabeça para frente (Quadros; Karnopp, 2004; Felipe; Monteiro, 2007; Pfau; Quer, 2010; Pfau; Bos, 2016; Figueiredo; Lourenço, 2019; Quadros, 1999, 2019; Royer; Quadros, 2021), conforme a figura 16, e as ocorrências 2 e 3 de Quadros (1999) foram adaptadas por Royer (2019), que apresenta interrogação direta.

Figura 16 – Marcação não manual interrogativa de pronome interrogativo



Fonte: elaborado pelo autor com base em Quadros (2019, p. 98).

Ocorrência 1



Fonte: elaborado pelo autor com base em Royer (2019, p. 47).

Ocorrência 2



Fonte: elaborado pelo autor com base em Royer (2019, p. 48).





Não há muita pesquisa sobre a interrogação indireta da Libras. Quadros (1999) apresentou o sinal  para pergunta indireta e oração subordinada, que possui duas formas distintas de marcação não manual, mas não diz quais são esses marcadores específicos. Apesar disso, utilizou SignWriting da MNM, que classificamos a partir do significado de cada símbolo. Conforme a figura 17,  (a) utiliza “sobrancelhas para baixo com as laterais para dentro” (Ampessan, 2015, p. 173), que não apresentou o movimento de cabeça como pergunta plena, e  (b), “olhos espremidos” (Ampessan, 2015, p. 173), que não apresentou a sobrancelha nem o movimento de cabeça.

Figura 17 – SignWriting da MNM do sinal *QUE/QUEM* de interrogativa indireta de Quadros (1999)

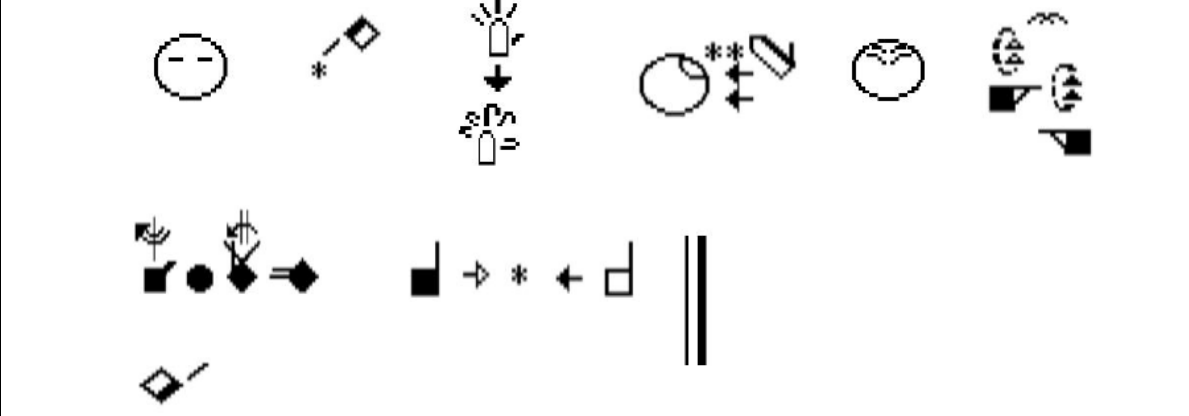


Fonte: elaborado pelo autor com base em Quadros (1999, p. 203 e 209).

Após 5 anos da publicação de tese da Quadros (1999), foi publicado o livro de Quadros e Karnopp (2004) que apresentou duas distintas expressões faciais relacionadas à expressão dúvida e desconfiança e normalmente como “confirmação” (QUADROS, 1999, p. 210). Recentemente, Royer e Quadros (2021) apresentaram a marcação não manual diferenciada da interrogativa direta. Não houve, nesse material, especificação de quais são os tipos de marcador, mas observamos que foram adaptados do mesmo exemplo de Quadros (1999) da ocorrência 3 com a marcação não manual  (a) da figura 17 para Quadros e Karnopp (2004) da ocorrência

4 pela imagem e Royer e Quadros (2021) da ocorrência 5 pelo videossinalizado⁴, em que é possível perceber as semelhanças das expressões faciais das ocorrências.

Ocorrência 3



The image shows a collection of handwritten signs for the sign language phrase 'EU QUERER SABER QUEM JOÃO ENCONTRAR'. The signs are arranged in three rows. The first row contains six signs: a sad face, a diamond with an asterisk, a hand with a lightbulb above it, a hand with three asterisks, a hand with a lightbulb, and a hand with a lightbulb. The second row contains three signs: a hand with a diamond, a hand with a diamond, and a hand with a diamond. The third row contains two signs: a hand with a diamond and a vertical double line.

Glosas: EU QUERER SABER QUEM JOÃO ENCONTRAR
Tradução: Eu quero saber quem o João encontrou.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Quadros (1999, p. 204).

Ocorrência 4



The image shows six photographs of a sign language user performing different signs. The signs are arranged in two rows of three. The first row shows the user with a neutral expression, a hand with a diamond, and a hand with a diamond. The second row shows the user with a hand with a diamond, a hand with a diamond, and a hand with a diamond.

Glosas: EU QUERER SABER QUEM JOÃO ESCOLHER
Tradução: Eu quero saber quem o João escolheu.







Fonte: elaborado pelo autor com base em Quadros e Karnopp (2004, p. 194).

⁴ Em nossa dissertação, fazemos o uso do termo “videossinalizado” como referência ao proposto por Silva (2019, p. 71), que diz que “que se refere ao texto gravado em vídeo com a presença de um ou mais sinalizantes de Libras, tendo ciência de que a câmera deve estar direcionada a ele, e sua sinalização está visivelmente monitorada de acordo com os limites e necessidades desse equipamento tecnológico”. Além disso, enfatizamos esse uso para reforçar a identidade surda na análise do material linguístico.

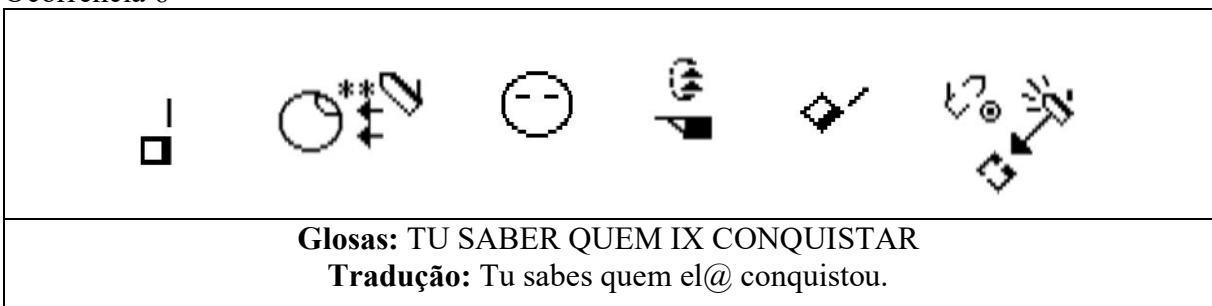
Ocorrência 5



Fonte: elaborado pelo autor com base em Royer e Quadros (2021).

As ocorrências 3 e 4 utilizam o sinal  desta forma  com duas mãos e movimento alternado circular para frente em duas vezes. Para elas, é usado para oração subordinada e pergunta indireta. Quadros (1999) observa a ocorrência 5 do seu próprio exemplo feito em SignWriting com uso do sinal , que sofreu um processo fonológico de perda de uma das mãos da forma ; para ela, isso é muito comum em Libras. Não encontramos o registro dos dicionários com duas mãos, mas buscaremos identificar em nossa análise se permanece. E a MNM  (b) da figura 17 é utilizada para associar a construção de interrogativa indireta, conforme as ocorrências 6 a 8; esse tipo produz a sentença análoga com sinal dessa forma .

Ocorrência 6



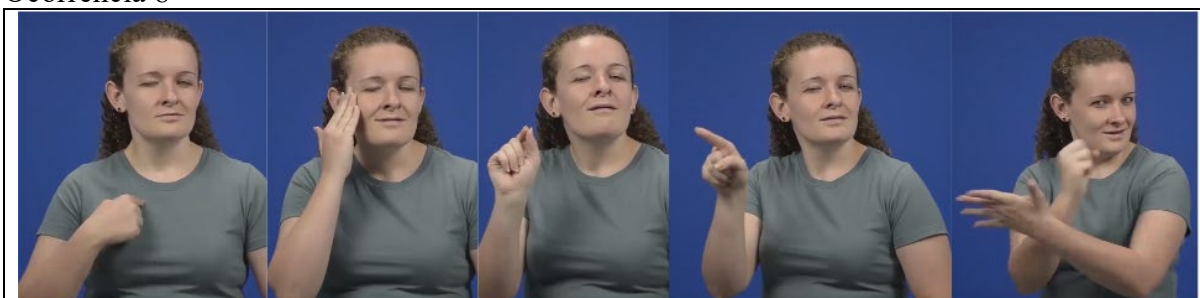
Fonte: elaborado pelo autor com base em Quadros (1999, p. 209).

Ocorrência 7



Fonte: elaborado pelo autor com base em Quadros e Karnopp (2004, p. 197).





Ocorrência 8



Glosas: EU SABER QUEM IX CONQUISTAR

Tradução: Eu sei quem el@ conquistou.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Royer e Quadros (2021).



Nas ocorrências de interrogação indireta, é utilizado o sinal  para se referir tanto a *quem* como *que pessoa?*; ele pode ser especificamente fazer uso das marcações não manuais  e . Todavia, ainda não encontramos as ocorrências que se referem a *que* e *que coisa?*, nem se se mantém a marcação não manual anterior, bem como o número das mãos; buscaremos isso em nossa análise. A interrogação indireta apresenta o sinal  após verbo relacionado interrogativo, mas ele não será único pronome interrogativo que acontece (como na língua portuguesa); ele pode ser pronome relativo e conjunção que se envolve no meio das duas orações dependendo do campo semântico. Abordaremos, nas próximas seções, as noções relacionadas a pronome relativo e conjunção.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, trataremos de questões teóricas que embasam nossas análises.

3.1 Gramaticalização

Nesta subseção, faremos uma breve descrição do processo de gramaticalização, inicialmente revisando trabalhos clássicos sobre línguas orais e, na sequência, trataremos dos trabalhos que descrevem processos de gramaticalização nas línguas de sinais.

Como vimos na seção 2, o sinal  é descrito como pronome interrogativo e indefinido majoritariamente nos dicionários e em alguns trabalhos descritivos da Libras. Todavia, nossos dados trazem evidências de usos desse sinal mais ligados à função de juntores em orações adjetivas (relativas) e substantivas (completivas). A análise da multifuncionalidade de  levará em conta os pressupostos teóricos da gramaticalização para sustentar uma relação histórica entre esses diferentes usos.

3.1.1 Gramaticalização em línguas orais

Há mais de cem anos, o autor Antoine Meillet desenvolveu um trabalho importante que foi dedicado à “evolução histórica das formas gramaticais” (Meillet, 1921 [1912] *apud* Neves, 2021, p. 165). O termo *gramaticalização*, introduzido por Meillet, é definido como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (Meillet, 1921 [1912] *apud* Neves, 2021, p. 165). No processo de gramaticalização, temos a transição de um item lexical para nova forma gramatical, como no *continuum*:

[1] [item lexical] > [item gramatical]

(Gonçalves *et al.*, 2007).

Neves (2021) resumiu a teoria dos princípios da natureza da “gramaticalização” pela obra coletiva de Fischer, Norde e Perrido (2004 *apud* Neves, 2021), que coletaram as pesquisas dos autores das suas bases teóricas de princípio da gramaticalização, incluída a discussão de unidirecionalidade de gramaticalização:

1. a gramaticalização estar, ou não, consistentemente proposta como um processo unitário, contínuo e com valor explanatório;
2. no processo de gramaticalização, serem os fatores semânticos, ou os pragmáticos, os considerados em primeiro lugar;
3. serem determinados como independentes entre si, ou como interdependentes (em relação mútua), os mecanismos considerados intervenientes na gramaticalização (o descoramento semântico, a redução fonética, a analogia, a reanálise);
4. e (como questão das mais prementes, nesse campo): o tradicional *cline* de gramaticalização (Hopper e Traugott, 1993) merecer, ou não, questionamento; ou seja: pôr-se, ou não, em avaliação a 'unidirecionalidade' da gramaticalização.⁵ (Neves, 2021, p. 166).

Os processos de gramaticalização estão associados, por exemplo, à emergência de verbos auxiliares a partir de verbos lexicais. Por exemplo, esse é o caso do verbo de língua portuguesa “ir”, que é um verbo pleno com significado concreto de deslocamento no espaço, como na frase “Eu irei ao cinema”, mas, em outro exemplo, como na frase “Você vai amar o filme”, o verbo “ir” passa a funcionar como marcador de tempo futuro. Os dois usos do verbo “ir” nessas duas frases podem ser explicados por um processo de gramaticalização de verbo auxiliar. Nesse caso, observamos uma mudança de sentido do verbo que passa a ter função de *o movimento no tempo a partir movimento em espaço*. Segundo Gonçalves *et al.* (2007), a acepção mais clássica de gramaticalização pressupõe que categorias linguísticas mais e menos gramaticais possam ser dispostas num *continuum*, em que elementos da categoria lexical plena, como nomes, verbos e adjetivos, podem se gramaticalizar, movendo-se nesse *continuum*, passando a compor a classe das categorias gramaticais, como preposições, advérbios, auxiliares e outros, podendo, inclusive, se tornar afixos.

O estudo da gramaticalização prevê, como propõe Givón (1971, 1979 *apud* Gonçalves *et al.*, 2007; Neves, 2021), que o discurso cria contextos disparadores da mudança e do processo de desenvolvimento de estruturas e categorias gramaticais. O autor sustenta com o *slogan* “A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem” que a mudança segue um processo unidirecional que parte do discurso para a morfossintaxe:

[2] Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero

(Givón, 1971, 1979 *apud* Gonçalves *et al.*, 2007; Neves, 2021).

⁵ “A respeito desse que é o mais relevante (e discutido) traço historicamente ligado à noção de gramaticalização - a unidirecionalidade no desenvolvimento do processo -, essa obra coletiva (Fischer, Norde e Perridon, 2004) oferece referência de uma série estudos do final do século XX e do início do século XXI: Plank (1995), Frajzyngier (1997), Newmeyer (1998b), Haspelmath (1999); Geurts (2000a, 2000b); Haspelmath (2000); Campbell (2001), Traugott (2001), Kim (2001), Auwera (2002). A obra registra que é o que fazem por exemplo, Newmeyer (1998b) e Lass (2000). E ela mostra a existência de casos reversos de “desgramaticalização” (negada, entretanto, em Lehmann (1982: 19)), ou de “antigramaticalização” (proposta em Haspelmath (2004), ou seja, dentro, mesmo, dessa obra coletiva.” (Neves, 2021, p. 187).

Esse *cline* será utilizado para nosso trabalho para discutir dois tipos de processos: no primeiro, será discurso > sintaxe, como “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem” (Givón, 1979 *apud* Gonçalves, 2007, p. 24), e o segundo será sintaxe > morfologia, como “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem” (Givón, 1971 *apud* Gonçalves, 2007, p. 24).

Traugott e Heine (1991, *apud* Gonçalves *et al.*, 2007) demonstram as suas defesas sobre a perspectiva sincrônica e diacrônica da gramaticalização, que “remete a um processo linguístico tanto diacrônico quanto sincrônico de organização categorial e de codificação, ainda que, em momentos anteriores, remetesse a um processo unicamente diacrônico” (Gonçalves *et al.*, 2007, p. 23). O processo de gramaticalização na perspectiva diacrônica apresenta um item lexical que assume uma nova função gramatical e, na perspectiva sincrônica, apresenta o fenômeno a partir dos níveis sintático, pragmático e discursivo. Hopper e Traugott (1993 *apud* Neves, 2021) consideram a existência de duas perspectivas de estudo de gramaticalização: “a ‘histórica’, que estuda as origens das formas gramaticais, bem como as mudanças típicas que as afetam, e a ‘mais sincrônica’, que estuda o fenômeno do ponto de vista de padrões fluidos de uso linguístico” (Neves, 2021, p. 171).

No caso das línguas de sinais, das quais raramente podemos obter evidências diacrônicas, como afirmam Pfau e Steinbach (2011), a análise sincrônica da gramaticalização nos permite organizar padrões de uso de itens linguísticos relacionados dentro de um *cline* que representa o arranjo de formas lexicais e gramaticais.

Existem outros autores que possuem suas definições de gramaticalização. Heine *et al.* citam Kurylowicz (1975 [1965] *apud* Neves, 2021) quanto à sua definição clássica de que a gramaticalização encontra um morfema do estatuto lexical e assume um estatuto gramatical, ou um estatuto menos gramatical se torna mais gramatical, assim como um formante derivativo para flexional.

Os autores Hopper e Traugott (1993, *apud* Neves, 2021) demonstram o processo de gramaticalização por meio do uso do *cline* de mudança, cujo processo envolve alguns elementos de conteúdo lexical que se desenvolvem ao longo de tempo para se tornar elementos gramaticais, e de conteúdo gramatical que se tornam mais gramaticais, nos níveis fonológico, morfológico e semântico-pragmático.

[3] item de significado pleno > palavra gramatical > clítico > afixo flexional

(Hopper; Traugott, 1993 *apud* Neves, 2021, p. 173).

A unidirecionalidade de gramaticalização é discutida por muitos autores em diferentes línguas; há uma característica básica do processo que é o princípio da mudança para incluir de uma categorização como nova função gramatical que não pode ser revertida. Então, como vimos no *cline* acima, Heine *et al.* (1991b *apud* Neves, 2021) apresentam as subespecificações da característica de unidirecionalidade de gramaticalização:

- a. precedência do desvio funcional (conceptual, ou semântico) sobre o formal (morfossintático e fonológico);
- b. descategorização de categorias lexicais prototípicas;
- c. possibilidade de recategorização, com restabelecimento da iconicidade entre forma e significado;
- d. perda de autonomia de um elemento (uma palavra autônoma passa a clítica, um clítico passa a fixo);
- e. erosão ou enfraquecimento formal.

(Neves, 2021, p. 173)

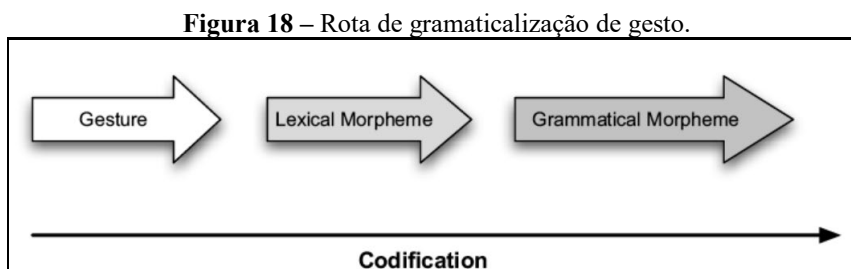
É possível estudar todos os estágios intermediários de gramaticalização através da variação contextual sincrônica, como defende Heine (2002 *apud* Rodrigues, 2022). A autora Rodrigues (2022) traduziu uma citação de Heine (2003a, p. 163 *apud* Rodrigues, 2022, p. 33) sobre a trajetória unidirecional subjacente pela gramaticalização que pressupõe “uma estratégia cognitiva através da qual os conteúdos menos concretos, menos imediatamente acessíveis e/ou com significado menos delineados são entendidos em termos de conteúdos mais concretos, mais rapidamente acessíveis e/ou com significado mais claramente delineado”.

A nossa análise envolve múltiplos processos – fonéticos, morfossintáticos, semânticos e pragmáticos – assim como gramaticalização, que utiliza os quatro mecanismos que atuam na mudança, segundo Heine e Kuteva (2002 *apud* Rodrigues, 2022). Eles serão a partir deste tipo de processo como “concretização” (Heine, 2003b, p. 579 *apud* Rodrigues, 2022): (i) *dessemantização ou redução semântica*, em que acontece a perda de propriedades semânticas, bem como perda de conteúdo semântico; (ii) *extensão ou generalização contextual*, utilizada em novos contextos; (iii) *decatégorização*, em que acontece a perda de propriedades morfossintáticas características desse uso em outros contextos; (iv) *erosão*, em que há a perda de substância fonética, como redução fonológica.

3.1.2 Gramaticalização em línguas de Sinais

Como mostramos na seção anterior, o processo da gramaticalização ocorre em qualquer língua. Nesse sentido, Wilcox (2004; 2017) defende que os gestos espontâneos são codificados como linguagem – do começo da vida de desenvolvimento externo ao sistema

linguístico convencional. O autor propõe uma rota de gramaticalização a partir do gesto que passa a morfema gramatical; esse gesto pode ser incorporado pela língua de sinais como item lexical, codificando-se para assumir uma nova função gramatical ao longo tempo, conforme a rota unidirecional de Wilcox (2004; 2017).



Fonte: Wilcox (2017, p. 12).

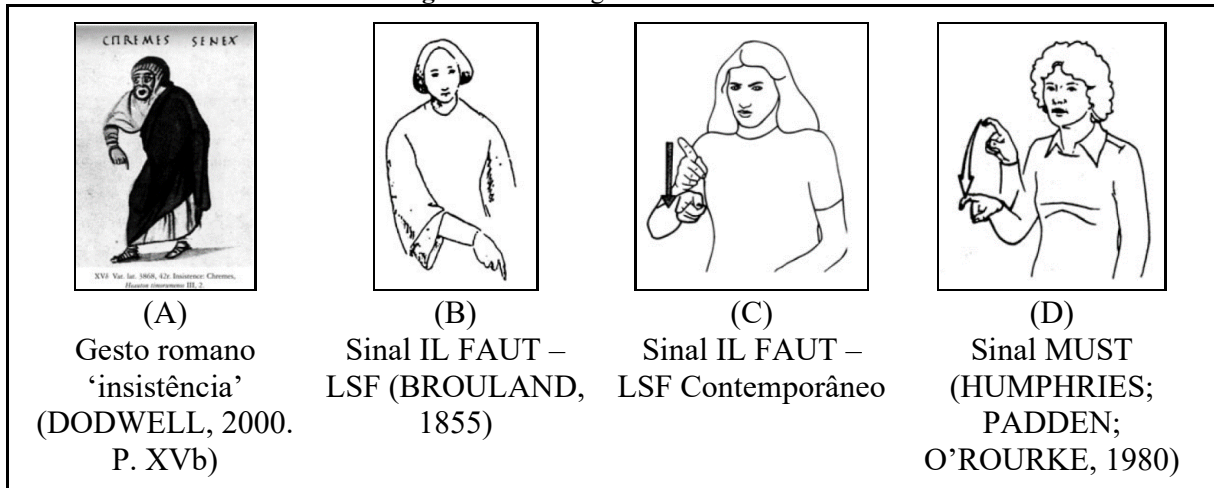
Segundo Langacker (1991 *apud* Rodrigues, 2022), quanto à descrição sobre “item lexical” e “morfema gramatical”, o primeiro nomeia unidade simbólicas para ter conteúdo semântico e fonológico de forma simples e específica, e o segunda apresenta a sua forma fonológica específica e significado abstrato.

Wilcox (2004, 2017) demonstrou a sua defesa sobre o gesto “poder”, que apresenta forma específica e significado como localizado, ou seja, de uma forma abstrata e um significado amplo, assim como mostramos a rota unidirecional anterior. O autor (2004) cita os estudos de Dodwell (2000 *apud* Wilcox, 2004) e Shaffer (2002 *apud* Wilcox, 2004), que apresentaram um gesto “insistência”⁶, no período romano, do sentido de obrigação, conforme a figura 19a, evoluindo⁷ a item lexical como verbo modal da Língua de Sinais Francesa, do sentido de necessário (*il faut*), figuras 19b e 19c, acabando por influenciar a ASL, via histórico da origem da língua de sinais como empréstimo, o modal do sentido de “dever” (*must*) (figura 19d).

⁶“Segundo Dodwell, o gesto foi descrito por Quintiliano no século I d.C.: ‘quando direcionado para o chão, esse dedo insiste’ (DODWELL, 2000, p. 36 *apud* WILCOX, 2004 p. 53)”.

⁷“Como a forma gestual descrita por Quintiliano já tem função gramatical, os dados para este (...) exemplo não documentam o caminho completo do desenvolvimento do gesto lexical para o morfema lexical e para o morfema gramatical. Neste momento não podemos dizer se é porque certas formas gestuais começam com função mais gramatical do que lexical, ou se outro gesto com função lexical foi a fonte do gesto de insistência.” (WILCOX, 2004, p. 53).

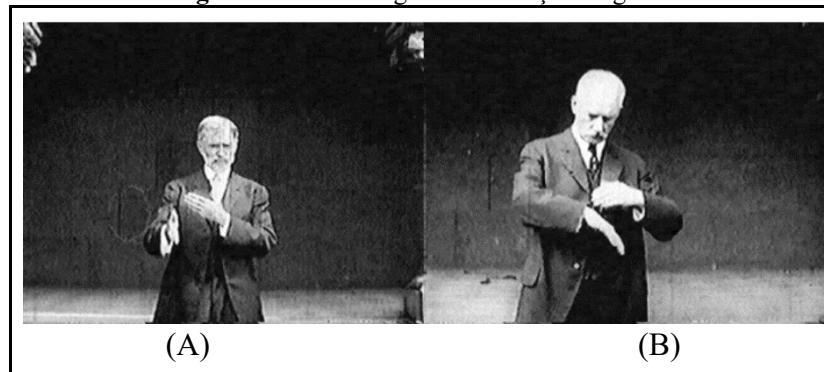
Figura 19 – A origem do sinal “dever”.



Fonte: elaborado pelo autor com base em Wilcox (2004, p. 53-54).

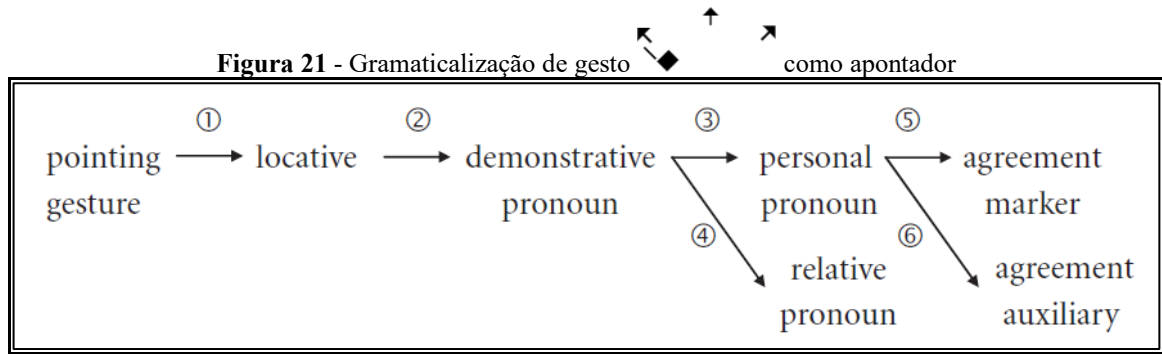
Shaffer (2000 *apud* Wilcox, 2004; 2017) e Janzen e Shaffer (2002 *apud* Wilcox, 2004; 2017) apresentaram o verbo \uparrow em Língua de Sinais Americana (ASL) (figura 20a) como um verbo pleno que significa deslocar no espaço; com o movimento em espaço, é incorporado morfema lexical se modificando em morfema gramatical por movimento em tempo, como marcar o futuro (figura 20b).

Figura 20 - Rota de gramaticalização de gesto.







Fonte: Wilcox (2004; 2017, p. 50).


Pfau e Steinbach (2011) seguem a pesquisa de gramaticalização feita por Wilcox (2004; 2017) e apresentam o gesto \uparrow apontador que parte, pelo processo de gramaticalização, para a forma de pronomes nas línguas de sinais, conforme rota unidirecional dos autores.



Fonte: Pfau & Steinbach (2011, p. 690).

Existem outros autores dos estudos de gramaticalização da língua de sinais. Xavier e Wilcox (2014) apresentam que verbos modais em Libras, com seus significados mais concretos, se gramaticalizam à generalização de significado com a sua mudança fonológica de alguns casos. Alguns autores discutem a gramaticalização de conjunções em língua de sinais, como Schermer e Pfau (2016), que apresentaram o sinal ** (razão) como substantivo em Língua de Sinais Alemã (DGS) e que se gramaticalizou para conjunção da oração adverbial, conforme as ocorrências 9 e 10. Na Libras, Rodrigues e Souza (2019) e Rodrigues (2022) apresentaram os sinais  (esperar/parar) como gesto/emblema que se gramaticalizou para conjunção adversativa “mas”, conforme as ocorrências 11 e 12, o sinal  (motivo) como substantivo para conjunção causal como “porque”, conforme as ocorrências 13 e 14, e o sinal ** (exemplo) como substantivo para conjunção condicional como “se”, conforme as ocorrências 15 e 16.

Ocorrência 9

GRUND
IX₁
VERSTEHEN

Tradução: Eu não entendo a razão.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Schermer e Pfau (2016, p. 309).

Ocorrência 10



IX₁ TRAURIG GRUND POSS₁ OMA STERBEN

Tradução: Eu estou triste porque minha avó morreu.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Schermer e Pfau (2016, p. 309).

Ocorrência 11



IX BARREIRA TER PROBLEMA DEFEITO

VER **E(esperar)** PREOCUPAR COMO RESOLVER

“Eu vejo que tem um problema e/então eu me preocupo em como vamos resolver isso.”

Fonte: Rodrigues (2022, p. 78).

Ocorrência 12



SE INTÉRPRETE AJUDAR BOM

MAS AUDITÓRIO IMPORTANTE

‘(Nas escolas) se tem intérprete ajuda, é bom, mas é mais importante em auditório’

Fonte: Rodrigues (2022, p. 77)

Ocorrência 13

FS(dia) SEXO POR-QUE? COMO CRIAR IX(este) FS(dia) E(pausa) MOTIVO O-QUE?
CUIDAR SAÚDE

*Por que criaram o dia do sexo? (pausa) A **razão** é cuidar da saúde.*



Rodrigues (2022, p. 113).

Ocorrência 14

IX(EU) USAR MÉDICO1 **MOTIVO** ÁREA JOVEM MÉDICO1// 20 ANOS ATRÁS
MÉDICO1 IDADE IDOSO IX MÉDICO2

*Eu uso o sinal "médico1" **porque** eu sou jovem, o sinal usado há 20 anos atrás era "médico2"*



Rodrigues (2022, p. 114).


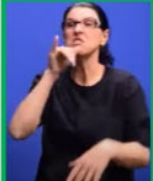





Ocorrência 15

AS-VEZES SURDO TIPO+ **EXEMPLO** TIPO IX(um) **EXEMPLO** DEPENDE MÃE
AJUDAR E(outro) IX(médio) TIPO AJUDAR INTÉRPRETE

*Existem diferentes tipos de surdos, como, por exemplo, surdo que depende da ajuda da mãe,
outro tipo precisa da ajuda do intérprete...*

Rodrigues (2022, p. 148).

Ocorrência 16

						
	EXEMPLO	QUERER	IMPLANTE COCLEAR	QUERER-NÃO	IMPLANTE COCLEAR	DEPENDE
Tradução: <i>Se quiser implante coclear, ou se não quiser implante coclear, depende de cada pessoa.</i>						

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Rodrigues (2022, p. 148).


Os estudos de Pfau e Steinbach (2011), Schermer e Pfau (2016), Rodrigues e Souza (2019) e Rodrigues (2022) são importantes para nossa pesquisa porque mostram como novas conjunções podem emergir nas línguas de sinais. Nesse caso, temos duas rotas de gramaticalização, sendo que a primeira tem uma fonte gestual, e a segunda, uma fonte lexical. Em relação ao sinal analisado nesta dissertação, cabe destacar que nossa hipótese é que

pode apresentar usos menos gramaticais, como pronome interrogativo, e usos mais gramaticais, como conjunção.

3.2 Sentença e pronome interrogativo


A descrição de sentença e pronome interrogativo nas línguas de sinais está fortemente associada à identificação de marcadores não manuais, já que esses são apontados por diversos autores como fundamentais. Desse modo, nesta subseção, apresentaremos brevemente algumas considerações sobre marcadores não manuais e seus papéis na marcação de sentenças interrogativas dos tipos de par pergunta-resposta.

3.2.1 Marcação não manual em línguas de sinais

Nas seções anteriores, não indicamos, juntamente com o sinal  em SignWriting, a sua marcação não manual. Todavia, esse elemento é importante para a gramática das línguas de sinais, sobretudo quanto à sua organização no discurso, envolvendo diferentes níveis na estrutura das línguas de sinais.

Os sinalizantes utilizam como marcações não manuais as expressões faciais, os movimentos de cabeça e os movimentos corporais. Há, contudo, diferença entre marcações afetivas e gramaticais segundo Hermann (2013 *apud* Aleixo, 2021).

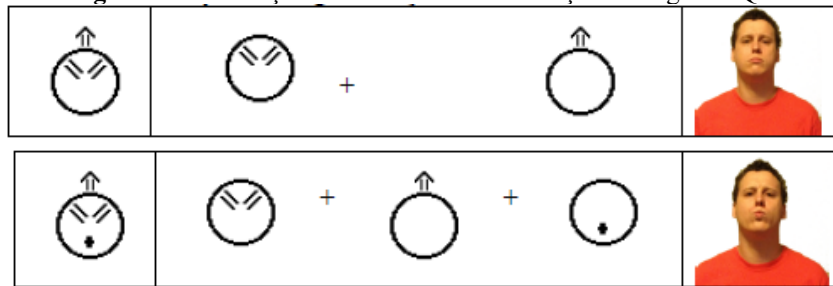
3.2.2 Marcação não manual interrogativa da língua brasileira de sinais

Como mostramos, os dicionários de Lira e Souza (2011) e Capovilla *et al.* (2017) indicam a classe gramatical do sinal , em maioria, como pronome interrogativo. Apresentamos, então, pesquisas sobre marcação não manual relacionadas à interrogação, além de pesquisas que apontam esse sinal e que não o relacionam à forma interrogativa ou que o associam a orações subordinadas.

A maioria das línguas de sinais possui semelhança da marcação não manual para produzir uma pergunta plena com uso dos sinais de elemento interrogativo. A descrição da marcação não manual interrogativa das línguas de sinais, inclusive Libras, utiliza franzimento de sobrelceia e movimento de cabeça para a frente (Quadros; Karnopp, 2004; Felipe; Monteiro, 2007; Pfau; Quer, 2010; Pfau; Bos, 2016; Figueiredo; Lourenço, 2019; Quadros,

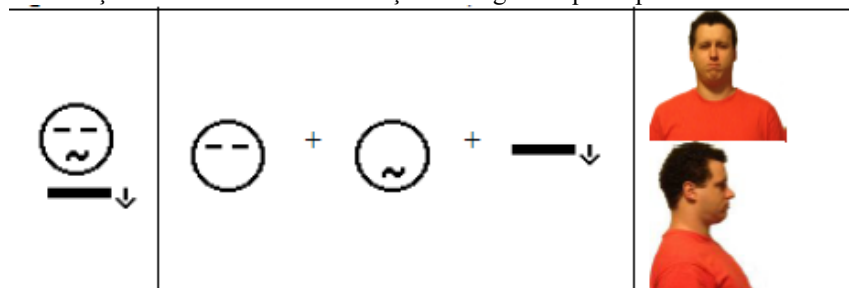
1999, 2019; Royer; Quadros, 2021). Ampessan (2017), em sua pesquisa de mestrado sobre a Libras, demonstra que as marcações não manuais das três de quatro sentenças interrogativas utilizam os sinais de interrogativo como “QU”, conforme as figuras da sentença interrogativa QU para produzir uma pergunta plena, sentença interrogativa que expressam dúvida e desconfiança (pode ser feita com uma ou duas mãos); há, ainda, sentença interrogativa QU que aparece em sentenças subordinadas sem a marcação não manual interrogativa:

Figura 22 - Marcações não manuais da sentença interrogativa QU.



Fonte: Ampessan (2017, p. 186).

Figura 23 - Marcações não manuais da sentença interrogativa que expressam dúvida e desconfiança.



Fonte: Ampessan (2017, p. 185).





Figura 24 - Marcações não manuais da sentença interrogativa QU que aparecem em sentenças subordinadas sem a marcação não manual interrogativa.



Fonte: Ampessan (2017, p; 186)



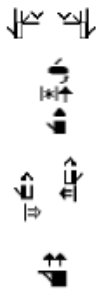

Assim, o autor demonstra diversas marcações não manuais para realizar a construção das sentenças interrogativas, como o uso das sobrelanças, movimento da cabeça, articulação de boca, movimento do ombro e olhos, conforme os três exemplos das figuras anteriores utilizados por Ampessan (2017); esse uso é reproduzido abaixo:

Figura 25 - Exemplo de sentença interrogativa QU usado nos testes realizados por Ampessan (2017).

Tradução	Casa de que amigo?		
Glosa	O-QUE CASA AMIGO?		
Linha	4	Coluna	7
Foto com ENM	SW com ENM	SW sem ENM	Foto sem ENM
			
Categoria:	Sentença Interrogativa QU		



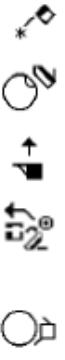


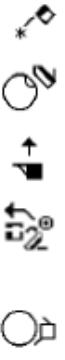


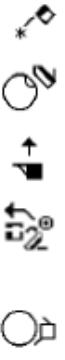

Fonte: Ampessan (2017, p. 214).

Figura 26 - Exemplo de sentença interrogativa QU usado nos testes realizados por Ampessan (2017).

Tradução	O que meu namorado guardou caixa?		
Glosa	NAMORAR GUARDAR CAIXA O – QUE		
Linha	2	Coluna	7
Foto com ENM	SW com ENM	SW sem ENM	Foto sem ENM
			
Categoria:	Sentenças Interrogativo que expressa dúvida e desconfiança (pode ser feita com uma ou duas mãos).		


Fonte: Ampessan (2017, p. 204).

Figura 27 - Exemplo de sentença interrogativa QU usado nos testes realizados por Ampessan (2017).

<p>Tradução Glosa Linha Foto com ENM</p>  <p>Categoria:</p>	<p>Eu sei quem escondeu o celular. EU SABER O - QUE ESCONDER CELULAR.</p> <table border="1"> <tr> <td data-bbox="603 376 834 1162"> <p>1 SW com ENM</p>  </td> <td data-bbox="842 376 1074 1162"> <p>Coluna SW sem ENM</p>  </td> <td data-bbox="1082 376 1378 1162"> <p>2 Foto sem ENM</p>  </td> </tr> </table> <p>Sentença interrogativa QU que aparece em sentenças subordinadas sem a marcação não-manual interrogativa:</p>		<p>1 SW com ENM</p> 	<p>Coluna SW sem ENM</p> 	<p>2 Foto sem ENM</p> 
<p>1 SW com ENM</p> 	<p>Coluna SW sem ENM</p> 	<p>2 Foto sem ENM</p> 			

Fonte: Ampessan (2017, p. 195).

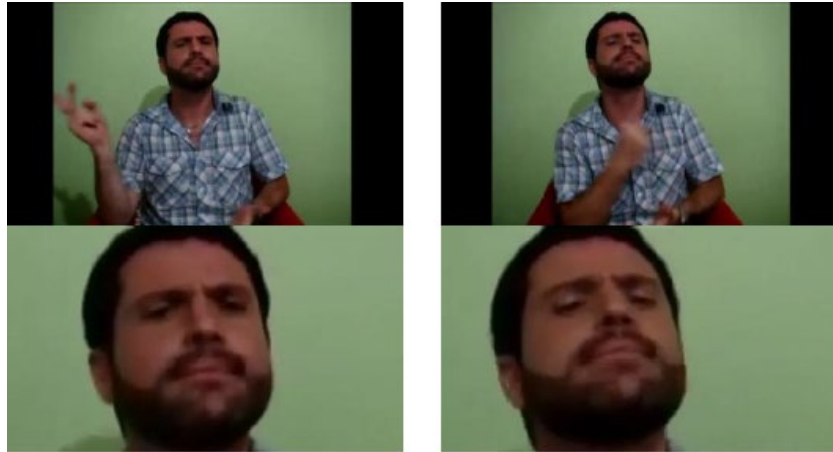
Os exemplos dados pelas três figuras foram extraídos a partir de testes feitos com informantes surdos, possibilitando provar que as marcações não manuais podem identificar o valor das sentenças interrogativas em Libras. Por isso, foram apresentadas aos informantes duas realizações para essas sentenças interrogativas: uma com marcação não manual com uso do sinal e outra sem marcação não manual. Por meio da figura 25, vê-se que os informantes surdos apresentaram mais erros para identificação desse tipo de sentença, então não há como afirmar com uso de expressão não manual, e as figuras 26 e 27 foram descartadas da pesquisa dele, uma vez que não houve resultados absolutos.

Os autores Figueiredo e Lourenço (2019) analisaram o movimento de sobrancelhas como marcador de domínios sintáticos na Libras, e em uma das categorias mostram a interrogativas do tipo QU- com uso do sinal  que utiliza a sobrancelhas abaixadas presentes nas construções interrogativas. Quadros (2011 *apud* Figueiredo; Lourenço, 2019) afirma que esse tipo de marcação é realizado por “uma pequena elevação da cabeça, acompanhada do franzir da testa”. Já Pfau e Quer (2010) usam a nomenclatura “abaixamento de sobrancelhas” utilizando o contexto das interrogativas QU-, acompanhada com um pequeno aceno de cabeça.

Figueiredo e Lourenço (2019) apresentam exemplos desse uso, conforme as ocorrências 17 a 19, com o sinal $\uparrow\uparrow$:

Ocorrência 17

_____ls(interrogativa)
 ACONTECER O-QUE
 ‘O que aconteceu?’



ACONTECER

O-QUE

Fonte: Figueiredo e Lourenço (2019, p. 93).

Ocorrência 18

_____ls(interrogativa)
 ACONTECER O-QUE
 ‘O que aconteceu?’



ACONTECER

O-QUE

Fonte: Figueiredo e Lourenço (2019, p. 94).

Ocorrência 19

 ls(interrogativa)

O-QUE

‘O que?’



O-QUE

Fonte: Figueiredo e Lourenço (2019, p. 94).














Pêgo (2013), ao analisar os morfemas-boca dos sinalizantes surdos, encontrou o sinal  (o que) com essa realização, inclusive outros articuladores não manuais. A forma de morfema-boca é  (morfema-boca-U) associado ao movimento de sobrancelhas franzidas , conforme figura 28, em que representa a expressão de “O quê?” como interrogativa. Nesse caso, para autora, muitas vezes essa acontece realização sem o uso do sinal , ou seja, somente o morfema-boca como  com . Assim, compreende o significado da interrogação que constrói a sentença interrogativa, conforme figura 29 com sinal  (** (sentir), que apresenta o morfema-boca associado a outro sinal mesmo que não haja a presença do sinal , que mesmo assim mantém os seus próprios significados. Como ela demonstrou, encontrou o sinal  com elevação das sobrancelhas e também com um balanço de cabeça, mantendo morfema-boca . Então, a autora percebe que é uma característica de determinação gramatical, conforme figura 30. A autora demonstra um sintagma “*sorvete de uva*”, em que o uso do sinal  representa uma forma expressão de “de”, como preposição indicando posse, conforme figura 31. Como se pode perceber não há um uso absoluto; por isso, manteremos em análise essa forma de marcação não manual.

Figura 28 - A expressão “O que?” com uso do sinal  de Pêgo (2013).




Fonte: Pêgo (2013, p. 66).

Figura 29 - O morfema-boca sem uso do sinal  de Pêgo (2013).







Fonte: Pêgo (2013, p. 68).

Figura 30 - A expressão “de” com uso do sinal  de Pêgo (2013).



Fonte: Pêgo (2013, p. 66).


Figura 31 - A sentença com uso do sinal  da expressão “de” de Pêgo (2013).

		
SORVETE	QUE	UVA

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Pêgo (2013, p. 67).

A autora Pêgo (2021) utiliza o termo “articulação-boca”, que é um movimento de boca da sua origem da língua oral como língua falada. Ela propõe uma das categorias da articulação-boca com base nos autores Bank (2011 *apud* Pêgo, 2021) e Mohr (2014 *apud* Pêgo, 2021), que a relacionam ao semântico que ocorre entre articulação-boca e o sinal manual; há três classificações de acordo com a maior ou com a menor congruência semântica: *prototípica* (a articulação-boca associa a referência mais prototípica em relação ao sinal manual), *variante* (a articulação-boca associa a variação do significado do sinal manual) e *divergente* (a articulação-boca associa a sobreposição ao sinal manual, não evidenciando congruência semântica).

3.2.3 Tipos de par pergunta-resposta

Na seção 3.2.2, falamos sobre a marcação não manual interrogativa da Libras para produzir as sentenças interrogativas; podemos apresentar, agora, os tipos de par pergunta-resposta, que são três: *plena*, *semirretórica* e *retórica*. A nossa pesquisa sobre o sinal  como pronome interrogativo inclui essas sentenças dos tipos de par pergunta-resposta. Nesta seção, recorreremos a Araújo e Freitag (2010), Freitag (2010) e Santos (2017) para demonstrar como o fenômeno ocorre com o português brasileiro e, depois, apresentaremos o que acontece com a Libras.

Para as autoras Araújo e Freitag (2010), as perguntas são utilizadas como estratégias de integração, portanto, compreendem procedimentos discursivos, conforme Castilho (1989 *apud* Araújo; Freitag, 2010), Marcuschi (1989 *apud* Araújo; Freitag, 2010), Riso (2006 *apud* Araújo; Freitag, 2010), Urbano (2006 *apud* Araújo; Freitag, 2010). As autoras definem *procedimentos discursivos* como “estratégias convencionalizadas de verbalização da situação comunicativa, ou seja, são construções que fazem parte da gramática da língua” (Araújo; Freitag, 2010, p. 322). Dizem as autoras:


Quando falamos em estratégias de interação, estamos nos referindo aos caminhos de que se valeu o escritor/falante para melhor se aproximar de seus leitores/ouvintes e conseguir atingir os objetivos a que se propõe. Em outras palavras, trata-se dos meios pelos quais o escritor/falante se utiliza para fazer com que seu interlocutor possa compreender o sentido que este quis produzir em um determinado texto. Uma das estratégias que o escritor/falante dispõe para verificar se o leitor/ouvinte está em sintonia com o conteúdo são as perguntas (Araújo; Freitag, 2010, p. 322).

Na fala oral, será utilizada uma entonação ascendente para identificar a sua produção de pergunta. Essa é uma das formas de estratégias de integração entre os interlocutores para demonstrar o seu desenvolvimento da comunicação entre os indivíduos. Na escrita, é utilizado um sinal de pontuação específico da interrogação como “?”.

Freitag (2010) apresentou as perguntas que foram gramaticalizada na fala como marcadores discursivos prototípicos de interação; para isso, apresenta um contínuo de *pergunta plena* > *pergunta semirretórica* > *pergunta retórica* pela sua caracterização do uso interpessoal⁸ (Martelotta; Votre; Cezario, 1996; Martelotta, 1996). A autora define cada tipo de par pergunta-resposta:

⁸ “Consiste na interação entre a expressão o desenvolvimento da personalidade do falante e a expectativa do ouvinte” (Martelotta, 1996)

Neste contínuo, uma pergunta plena é uma pergunta do falante que requer, necessariamente, uma resposta do ouvinte. Para tanto, faz-se necessário que falante e ouvinte compartilhem do mesmo conhecimento semântico-discursivo no contexto da interação. A pergunta semirretórica é uma pergunta feita pelo falante, que é quem a responde. A pergunta retórica é feita pelo falante, mas não é respondida, nem pelo ouvinte, nem pelo falante; é uma pergunta que não requer resposta; segundo Fávero (2000, p. 95), a “pergunta retórica ocorre quando o falante elabora a pergunta, mas já conhece a resposta; usada como recurso para manter o turno ou para estabelecer contato (função fática) (Freitag, 2010, p. 161).


A sua pesquisa fala sobre a questão “É o quê?”: se é uma estratégia de interação ou de sequenciação. Então aproveitamos a semelhança com a nossa pesquisa sobre o uso do sinal  como *que* para pronome interrogativo, possível para a produção das perguntas. Compreendemos as perguntas *plena* e *retórica* como os exemplos expostos na seção 2.1.2. A seguir, apresentamos os exemplos da língua portuguesa brasileira do tipo de par pergunta-resposta *semirretóricas* que foram retirados de Freitag (2010):


- (14) “o arroz de forno... você pega o quê? um quilo de arroz bota pra cozinhar... com... com sazón... pode ser pra::: arroz branco... como você preferir... vários gosto de sazón né? colocou cozinhou tudo quanto tiver tudo cozinhado... o arroz... assim que você desligar o fogo... você pega dois ovos inteiro... joga dento e mexe... o arroz... que pra untar o arroz... depois do arroz untado... você vai na travessa... coloca o arroz... ái você pode colocar o quê? charque calabresa... escalda o charque... tudo bem picadinho... o charquezinho... escaldou o charque... torrou... separa a calabresa ... cortou ou em fatia ou também em cubinhos... torrou... reserva... depois de tudo reservado...tudo pronto pro recheio... você pode usar o quê? pode usar frango também se preferir... no arroz (MJ 02)”
- (15) “é verdade verdade porque... lá:: lá é assim... eu não errei mui::to ... eu era físico... como aqui eu sou né? nos meus pensamentos ... na minhas... decisões... e LÁ:: eu esqueci:: que... eu era::... eLEItó... não indicado... né? por político... por momento e:: eu:: não pensava duas vezes em:: ser:: ... firme no meu pensamento assim:: ... porque... o que acontece em escola pública? é:: que ... não tão nem aí né?... muitos professores não tão nem aí. (MA 03)”

(Freitag, 2010, p. 160).

Freitag (2010) exemplifica (14) e (15) como *perguntas semirretóricas*. (14) mostra que está passando uma receita, então o falante anuncia sobre a receita que será de “arroz de forno”, e então pergunta: “você pega o quê?”. O ouvinte saberá quais são os ingredientes que pode apresentar, afinal ele pode ser questionado. Há outras formas de uso, como “ái você pode colocar o quê?” e “você pode usar o quê?”; como a autora diz, “o modal *poder* nas perguntas amplia o leque de possibilidades de respostas, mas é o próprio falante quem as responde, enumerando o passo seguinte da receita” (Freitag, 2010, p. 162). Em (15), o falante utiliza o

verbo “acontecer”, realizando uma sequência opinativa (Freitag, 2010); é utilizado o tempo verbal presente do indicativo para reportar a tempo passado.

Em relação à Libras, não há muita pesquisa sobre *pergunta semirretórica*. Todavia recentemente foi publicada a dissertação de Severino (2022) sobre os tipos de solução de tradução no par linguístico português e Libras, em que o autor demonstra a tradução que pode ser utilizada das perguntas semirretóricas e retóricas para as soluções tradutórias da forma estratégia interacional aos leitores; ele utiliza o termo deste tipo de solução: *Pergunta Semirretórica/Retórica*. Foram encontradas diversas ocorrências dos tradutores nos videossinalizados traduzidos com uso das perguntas semirretóricas/retóricas. Assim, como pesquisador surdo com convivência da comunidade surda que utiliza deste tipo de pergunta, observa-se que é uma forma estratégia interacional da comunicação, de forma que os tradutores podem fazer as suas escolhas como facultativo da solução (Severino, 2022). Queremos destacar as ocorrências retiradas do autor Severino (2022) em que foi utilizado o sinal , mas adaptamos das ocorrências.

As três ocorrências apresentam as frases sublinhadas na forma afirmativa; os tradutores, todavia, fizeram suas escolhas e acrescentaram perguntas semirretóricas na versão em Libras; são perguntas em que não se espera que os leitores de tradução respondam – será o próprio tradutor que responde. Na ocorrência 20, aparece na tradução como “esperantistas sonho deles o quê? é unir pessoas” (Severino, 2022); na ocorrência 21, como “[...] parâmetro/regra o quê? seleção de sinais mais compreensíveis” (Severino, 2022); e na ocorrência 22 sinalizou o sinal de WFD (World Federation of Deaf em inglês), utilizando  para sinalizar o significado do sinal anterior, e segue sinalizando Federação Mundial de Surdos.

Ocorrência 20

O sonho dos esperantistas é unir pessoas, naturalmente afastadas pela diversidade das línguas.

Tradução:



GRUPO

PEDIR(grupo)

FS(esperanto)



GRUPO

POSS₃

SONHO

QUE

É

SUJEITO+++

Fonte: elaborado pelo autor com base em Severino (2022, p. 137).

Ocorrência 21

Em meados da década de 1970, o comitê da Comissão de Unificação de Sinais propôs um sistema padronizado de sinais internacionais, tendo como parâmetro a seleção de sinais mais compreensíveis, com o intuito de facilitar o aprendizado, a partir da integração de diversas línguas de sinais.

Tradução:



REGRA

QUE

SINAL

SINAL



SINAL

PERCEBER(sinal)

ENTENDER

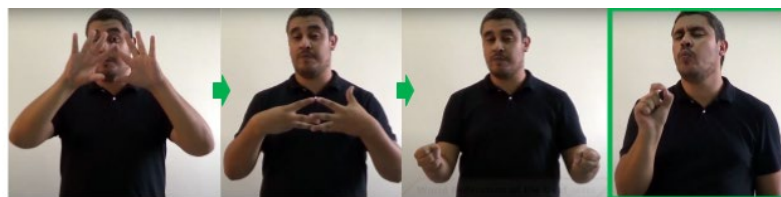
POSSÍVEL

Fonte: elaborado pelo autor com base em Severino (2022, p. 137).

Ocorrência 22

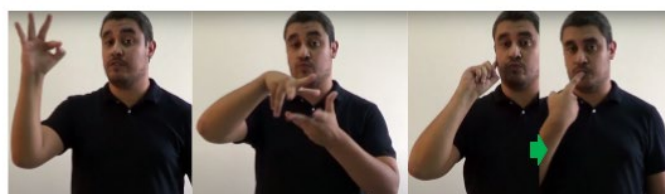
Esse termo foi mencionado pela primeira vez em 1951 no Congresso Mundial da WFD – Federação Mundial de Surdos.

Tradução:



WDF

QUE



FEDERAÇÃO

MUNDIAL

SURD@

Fonte: elaborado pelo autor com base em Severino (2022, p. 137).

3.3 Orações subordinadas

A oração principal é uma oração independente, segundo alguns teóricos; ela apresenta autonomia sintática e semântica na sentença complexa (Cecchetto *et al.*, 2017 *apud* Ludwig, 2022).

A subordinação envolve três tipos de processos que especificam orações adverbiais, orações adjetivas e orações substantivas ou encaixadas. Nesse último tipo, uma oração (a subordinada) ocupa uma posição sintática em relação à oração principal. Desse modo, as orações subordinadas ou encaixadas podem preencher posições de sujeito e complemento em relação à principal.

O autor Ludwig (2022) utiliza uma das terminologias a partir da proposta do Lehmann (1988 *apud* Ludwig, 2022) e Halliday (2004 *apud* Ludwig, 2022): *encaixamento*. Ele define como “a dependência de um sintagma subordinado” (Lehmann, 1988 *apud* Ludwig, 2022, p. 124); o autor esclarece: “um determinado sintagma é modificado por uma sentença encaixada, que define o significado de um determinado termo da sentença matriz” (Ludwig, 2022, p. 124). Halliday (2004 *apud* Ludwig, 2022) define encaixamento:

Encaixamento é um mecanismo semogênico pelo qual uma sentença ou um sintagma passa a funcionar como um constituinte dentro da estrutura de um grupo, o qual é um constituinte de uma sentença, por exemplo, *que veio jantar* em *o homem que veio jantar*. Consequentemente, não há uma relação direta entre uma sentença encaixada e

a sentença na qual ela está encaixada; a relação de uma sentença encaixada para com a sentença “externa” é indireta, com um grupo como intermediário. A oração encaixada funciona na estrutura de um grupo e o grupo funciona na estrutura da sentença. (Halliday, 2004 *apud* Ludwig, 2022, p. 124-125).

Ludwig (2022) esclarece o sentido do encaixamento que “modifica um sintagma nominal dentro de uma sentença, especificando ou explicando o sentido desse núcleo nominal, ou, em alguns casos, uma sentença” (Ludwig, 2022, p. 125). As orações subordinadas podem funcionar como “complemento de um sintagma (substantivas) ou modificam um nome (adjetivas restritivas), e cumprem um papel de argumento em relação à oração matriz” (Carneiro; Khouri; Ludwig, 2020, p. 155).

Para Libras, a autora Ferreira-Brito (2010[1995]), sobre as subordinadas, diz que não há marca explícita de subordinação; demonstrou, então, o valor semântico nas sentenças complexas, que pode definir a dependência ou independência entre as sentenças; foram testados a partir dos propostos por Padden (1980 e 1982 *apud* Ferreira-Brito, 2010[1995]), e apresentou os exemplos⁹ da Libras; sobre a Libras, a autora afirma que não obteve dados suficientes para dizer como funcionam.

Quadros e Karnopp (2004) apresentam uma das ordenações das palavras nas sentenças, SOV e OSV associadas a marcas não manuais com restrições – quando houver uma estrutura complexa em que não será possível a mudança da ordem, haverá oração subordinada (Quadros; Karnopp, 2004, p. 142). Finalmente, há umas pesquisas recentes que foram autores Carneiro, Khouri e Ludwig (2020), Ludwig, Carneiro e Khouri (2021), Quadros *et al.* (2021) e Ludwig (2020, 2022), portanto ainda estão iniciando as pesquisas que vão desenvolvendo aos poucos deste tema.

Segundo Carneiro, Khouri e Ludwig (2020), Ludwig, Carneiro e Khouri (2021) e Ludwig (2020, 2022), a oração subordinada (encaixada) em Libras utiliza a justaposição como uma estratégia da articulação de orações. Para os autores, a semântica do predicador seleciona os argumentos a serem preenchidos por uma unidade oracional. Os autores não identificaram presenças nas sentenças subordinadas (encaixada) com a marcação manual como conectivo da sentença, mas observaram as marcações não manuais como expressões faciais e/ou corporal e os movimentos de cabeça e de tronco (Carneiro; Khouri; Ludwig, 2020; Ludwig; Carneiro; Khouri, 2021; Ludwig, 2020, 2022).

(Ferreira-Brito, 2010[1995], p. 64-67).

Nas próximas seções, discutiremos, inicialmente, questões relacionadas à oração subordinada adjetiva (ou sentença encaixada relativa) / pronome relativo e à oração subordinada substantiva (ou sentença encaixada substantiva) / conjunção integrante.

3.3.1 Oração subordinada adjetiva / pronome relativo

A oração subordinada adjetiva é introduzida por um pronome relativo, que se liga a um substantivo e “exerce a função de adjunto adnominal do substantivo que é seu antecedente, tal como um adjetivo” (Neves, 2018, p. 643). Há duas subclasses do seu estatuto na construção da oração com uso do pronome relativo da língua portuguesa: (16) apresenta o relativo que se relaciona ao referente de um antecedente como *a criança*, e (17) mostra o relativo que é uma natureza mais “nominal”, pois não se relaciona ao referente de um antecedente, pois ele ocorre “em um ponto em que ocorreria um sintagma nominal, ou seja, um sintagma com núcleo substantivo que seria o antecedente de uma oração adjetiva” (Neves, 2018, p. 644).

(16) *E feliz é a criança que recebe o conhecimento da lei perfeita do Senhor.* (LE-O)


(17) *Dessa vez, foi ela quem me fez calar.* (A-R)





(Neves, 2018, p. 644)

Neves (2018) apresentou que há formas para a natureza das referências para os pronomes relativos, que são: (I) *se referem tanto a pessoas como a coisas*, (II) *só se referem a pessoas*, e (III) *nunca se referem a pessoas*. Apresentaremos as duas primeiras, que utilizam os pronomes relativos relacionado à nossa pesquisa.

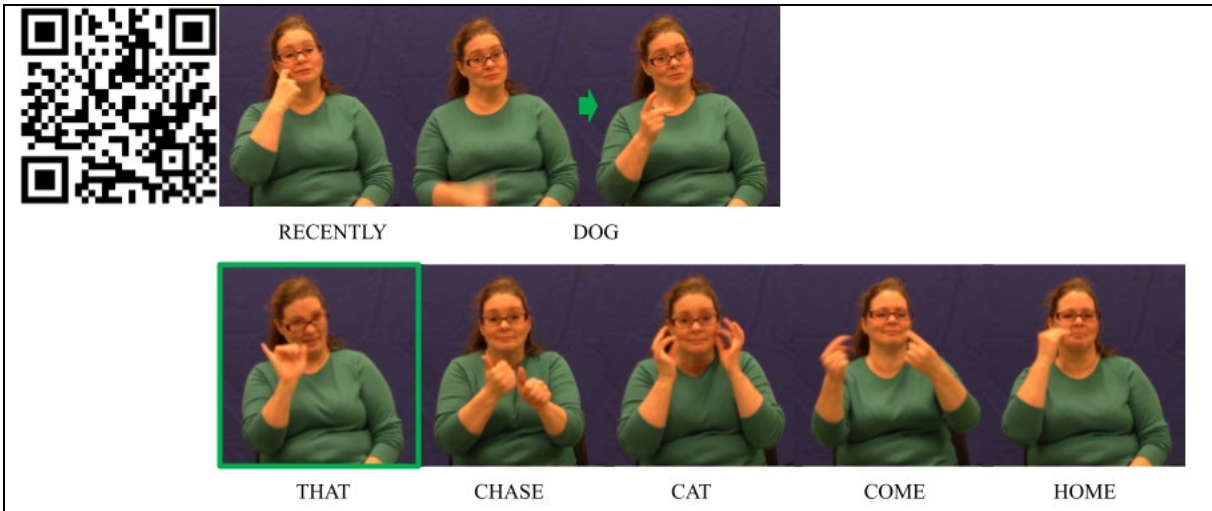
As ocorrências (18) e (19) apresentam o pronome relativo “que” que ele não tem significado nem referência própria, pois ele se representa sempre no antecedente nominal para se referir como (I); e (20) apresenta o pronome relativo “quem” que vem precedido de preposição – esse pronome sempre se refere a um humano (ou tido como humano), se não houver antecedente, assim como (17), ele “é uma forma que reúne em si a função relativa do pronome relativo e, ao mesmo tempo, a função de antecedente desse relativo (um substantivo)” (Neves, 2018, p. 649), então “quem” significa “pessoa que”, como, por exemplo, em “foi ela a pessoa que me fez calar”.

- (18) *A pessoa **que** [a pessoa] toma emprestado o livro assina o cartão, com a data em que deve ser devolvido.* (BIB-T)
- (19) *Põe a cadeira **que** [a cadeira] estava à esquerda junto da direita.* (IC-D)
- (20) *Nunca posso ter medo das pessoas **de quem** eu gosto.* (GSV-R)
- (Neves, 2018, p. 645 e 649).

Para Libras, o autor Ludwig (2020) faz referência aos pesquisadores Cecchetto *et al.* (2017 *apud* Ludwig, 2020) de línguas de sinais sobre a definição de oração relativa (oração subordinada adjetiva), que “é uma sentença cuja propriedade principal é a modificação de um substantivo, considerado o núcleo do sintagma nominal” (Ludwig, 2020, p. 209); logo, ela se apresenta com uma função de adjetivo. Ludwig (2020) explica sobre o sinal relativo: se há marcação manual e/ou não manual; para algumas línguas de sinais, é possível que se faça uso do sinal para marcar a sentença, como na ASL o sinal  (that, em inglês), conforme apresentado na ocorrência 23 como conjunção relativa (Liddel, 1980 *apud* Tang; Lau, 2012, p. 357); este sinal normalmente marca o substantivo em uma oração relativa.

A DGS (Língua de Sinais Alemã) possui duas formas para o sinal de pronome relativo (utiliza-se a glosa RPRO):  se refere a uma entidade humana (RPRO-H) (Tang; Lau, 2012, p. 162), utilizado como classificador (Ferreira-Brito, 2010[1995]) específico para seres humanos, conforme a ocorrência 24; e  se refere a uma entidade não humana ou a um objeto (RPRO-NH) (Tang; Lau, 2012, p. 162), que é utilizado como apontador, conforme a ocorrência 25. Nas duas ocorrências, utilizam-se os sinais de pronome relativo que estão referentes aos  (*mann*, em alemão) e  (*hund*, em alemão) como sintagmas nominais; há uso de marcação não manual, como sobranceiras arqueamentos e inclinação do corpo em direção ao local associado à cabeça nominal (Tang; Lau, 2012).

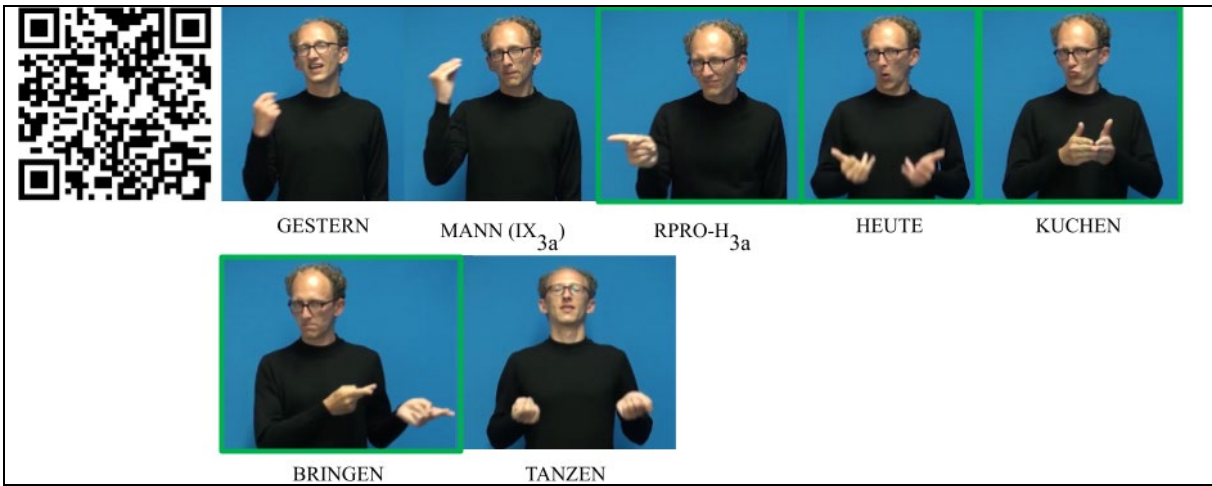
Ocorrência 23



Tradução: O cachorro que recentemente perseguiu o gato chegou em casa.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Cecchetto *et al.* (2017, p. 452).

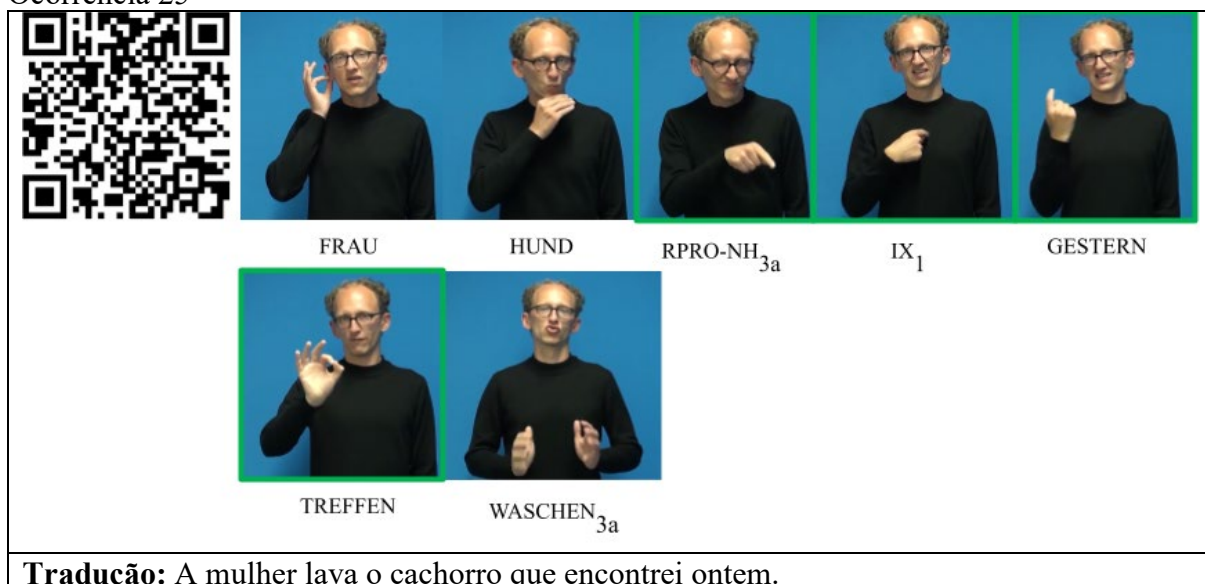
Ocorrência 24



Tradução: O homem que trouxe a torta hoje dançou ontem.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Pfau (2016, p. 162).

Ocorrência 25



Cecchetto *et al.* (2017 *apud* Ludwig, 2020) explicam que nas línguas de sinais existe uma variação do uso de um sinal e o uso de marcações não manuais; porém, há algumas línguas de sinais que não necessitam de um sinal relativo na oração relativa. As línguas de sinais podem ter dois tipos principais de orações adjetivas: *restritiva* e *explicativa*.

As orações adjetivas restritivas fornecem informações essenciais e restritivas sobre o substantivo ao qual se referem. Elas significam que restringem ou delimitam o significado do substantivo. Dois exemplos das sentenças da língua portuguesa, (21) e (22), apresentam os elementos “*que*” com antecedentes “*médico*” e “*quem*” com “*potentado hindu*”.

(21) *O médico QUE dera o atestado chamava-se Pedro M. Silva.* (BU)

(22) *O potentado hindu a QUEM vendi minha coleção de palitos agora deu para colecionar pulgas, vivas ou mortas.* (AL)

(Neves, 2011, p. 374).

Segundo Ludwig (2020) apresentou Cecchetto *et al.* (2017 *apud* Ludwig, 2020) sobre a estrutura sintática das línguas de sinais das orações adjetivas restritivas que “podem ser marcadas por sinais de relativização e marcações não-manuais específicas, as sentenças relativas explicativas podem não apresentar sinais de relativização” (Ludwig, 2020, 209), incluem as marcações não-manuais que destacam as orações relativas, assim como vimos as ocorrências 23 a 25 que são orações adjetivas restritivas, eles utilizam os sinais manuais de

pronome relativo, mesmo há outros exemplos com utilizados apenas marcações não-manuais, enquanto abordaremos as orações adjetivas explicativas.


As orações adjetivas explicativas fornecem informações adicionais, não essenciais, sobre o substantivo. Elas acrescentam os detalhes mesmo não se limitam ou restringem o seu significado principal. Apresentamos os dois exemplos das frases de língua portuguesa, (23) e (24) apresentam os elementos *que* e *quem* com antecedentes *Pedro M. Silva* e *Magendie* com utilizado as vírgulas do entre sintagma nominal e verbal, que é uma informação introduzida é uma complementação como adicional, não se identificar ao Pedro M. Silva e Magendie.

(23) *Pedro M. Silva, **QUE** dera o atestado, era médico.*

(24) *Diferente de **seu nome Magendie**, a **QUEM** sucedeu na cátedra na Universidade de Paris, e de Brown-Séguard, ambos médicos praticantes, Bernard devotava-se só ao laboratório. (APA)*

(Neves, 2011, p. 377)

O Ludwig (2020) está de acordo com Ceccheto *et al.* (2017) para orações adjetivas explicativas de língua de sinais cujos “limites são marcados em alguns casos pelo piscar de olhos, ou seja, uma marcação específica para determinar os limites da sentença”.



Sobre o fato de o sinal  como pronome relativo para Libras ser relacionado a orações adjetivas restritivas e explicativas, não há muitas pesquisas. Nesse sentido, foram encontrados apenas usos das marcações não manuais por meio das publicações de Ludwig (2020) e Ludwig, Carneiro e Khouri (2021).

3.3.2 Oração subordinada substantiva / conjunção integrante

A oração subordinada substantiva apresenta uma função sintática para se encaixar na oração principal (Neves, 2018). Ela pode se desempenhar do verbo para encaixar na oração principal. A autora Neves (2018) exemplifica duas formas diferentes das orações subordinadas substantivas: *conjunção integrante*, que é uma conjunção utilizada para introduzir a oração principal, como em (25), e *palavra interrogativa (pronome ou advérbio)*, que “constitui um termo da oração completiva, não ocorre especificamente para uma junção” (Neves, 2018, p. 1094) como (26) e (27), pois é uma independente no período composto.

- (25) Receava **que** o pai estivesse tuberculoso e transmitisse o mal ao menino. (MAR-R)
- (26) Se tiver de responder, já sei **que** resposta vou dar. (FSP-J)
- (27) Não disse **quem** era? (ACM-R)

(Neves, 2018, p. 1092 e 1094)

Para a Libras, como vimos uma seção 2.1.2 sobre pronome interrogativo relacionado a pergunta indireta e oração subordinada, vimos que não os autores se aprofundaram neste tipo de pesquisa. Então, retiramos novamente uma ocorrência das Royer e Quadros (2021), conforme a ocorrência 26, que faz uso do sinal  – é uma palavra interrogativa como pronome interrogativo que ela pode ser independente das orações. Em nossa pesquisa, apresentamos as funções das orações subordinadas substantivas que são *completiva* e *predicativo do sujeito* da língua portuguesa, e isso pode contribuir com a nossa pesquisa específica sobre a função do sinal  como conectivo da Libras.

Ocorrência 26






Fonte: elaborado pelo autor com base em Royer e Quadros (2021).

A oração substantiva *completiva* funciona com um argumento do verbo introduzido na oração principal; ela possui as funções sintáticas: *subjativa* e *objetiva*, que se relacionam a um verbo e predicado, e *completiva nominal*, que se relaciona a um substantivo ou um adjetivo. E a oração substantiva *predicativa do sujeito* é formada a partir de um verbo de ligação após a oração principal. Apresentamos exemplos das sentenças dados por Neves (2018) com conectivo “que” que se relacionam com a nossa pesquisa:

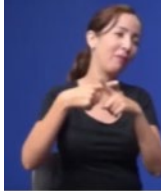


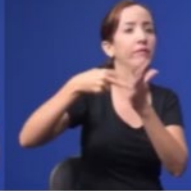
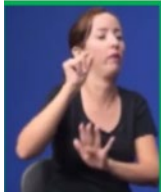


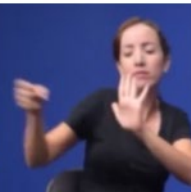
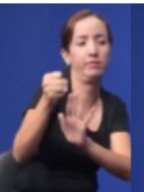
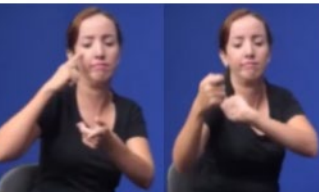
- (28) *É um absurdo que não se baixe* (VEJ-J)
 (29) *O jogador afirmou que foi desrespeitado pelo técnico* (FSP-J)
 (30) *Tinha a sensação de que lhe faltava alguma coisa no corpo* (TV-R)
 (31) *A questão é que não estamos em condições de escolher* (MO-D)

(Neves, 2018, p. 1103, 1105, 1101 e 1102).

Em (28), há uma oração subjetiva que exerce a função de sujeito em relação à oração principal, o predicado que possui sujeito oracional. A ocorrência (29) apresenta uma oração objetiva; nesse caso, é objetiva direta, o verbo que tem como complemento objeto direto oracional. Em (30), temos um exemplo de uma oração completiva nominal, que exerce a função de complemento nominal; nesse caso, é substantivo. A (31) é uma oração predicativa que constitui por si própria um núcleo do predicado da oração principal, portanto o verbo da oração principal não pede um complemento, pois ele é um tipo copulativo (ligação).

Para a Libras, não há pesquisas específicas sobre as funções sintáticas do sinal  como conectivo. Apesar disso, apresentamos uma ocorrência que encontramos em Ludwig, Carneiro e Khouri (2021), conforme a ocorrência 27, em que o sinal  foi introduzido após do verbo  (significar), formando uma oração subordinada. Outras funções foram encontradas no banco dos dados que iremos apresentar na nossa análise de dados.

Ocorrência 27

					
PORQUE	INCLUSÃO	IX(inclusão)	SIGNIFICA		
					
O-QUE	TER	PROPOSTA	COLOCAR-PESSOA	OLHAR	ADAPTAR

Tradução do contexto: Porque a inclusão significa que é proposta a colocar intérprete na sala inclusiva.


Fonte: elaborado pelo autor com base em Ludwig, Carneiro e Khouri (2021).

4. METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos nossos procedimentos metodológicos referentes à seleção dos corpúscos e à coleta e à análise dos dados. Nossa metodologia está alinhada àquela empregada em trabalhos anteriores por pesquisadores como Rodrigues (2019, 2020), Aleixo (2021) e Neto (2021) e Rocha (no prelo), participantes do Grupo de Pesquisa SignL da UNESP, do qual também faço parte.

4.1 Sobre os corpúscos

Nossa pesquisa teve como base a análise de dois corpúscos principais. Foram utilizados dados do Corpus de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, “envolvendo registros em vídeo situações eliciadas e espontâneas de uso, para ser utilizado em pesquisas e em outras finalidades aplicadas” (Quadros *et al.*, 2018, p. 18), e acrescentamos um minicópus compilado pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa SignL da Universidade Estadual de Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) de Araraquara-SP.

Os pesquisadores da UFSC elaboraram o Corpus de Libras, que é uma base de dados com referência nacional. O corpúscos é uma ferramenta de acesso *on-line* por meio do *site* <https://corpuslibras.ufsc.br/>. O banco de dados possui registros dos videossinalizados relacionados a temáticas diversas e de regiões diferentes. Escolhemos o Inventário de Libras do estado de Santa Catarina no acervo de banco de dados do Corpus de Libras da UFSC, que disponibiliza as trilhas de anotação finalizadas com as glosas de sinal, e a participação de dois sinalizantes surdos nativos com a interação sobre temáticas diversos, para encontrar ocorrências do uso do sinal .

Em nossa pesquisa, analisamos 36 videossinalizados selecionados, com seis duplas dos três grupos divididos por faixa etária. O primeiro grupo é de jovens (16 a 29 anos), segundo grupo de adultos (30 a 49 anos) e terceiro grupo de idosos (acima de 50 anos). Cada grupo possui dois subgrupos e os temas abordados durante a conversa são “escolas de surdos e escolas de ouvintes (inclusão)” e “tecnologias e implante coclear”. Disso, totalizam-se 18 sinalizantes surdos nativos, 9 do sexo masculino e 9 do sexo feminino; cada dupla é do mesmo sexo.

Todo o material selecionado dos videossinalizados somam 02 horas, 25 minutos e 44 segundos (duas horas, vinte e cinco minutos e quarenta e quatro segundos); a duração da interação entre os sinalizantes em duplas para cada tema tem uma média de 4 minutos e 3 segundos. Os videossinalizados foram nomeados com número “X” dos documentos de modelo

de referência em formato de vídeo “cidade_grupoX_duplaX_títulos_tema_videoX.mp4” e documento de transcrição “cidade_grupoX_duplaX_títulos_tema.eaf”. Segundo Quadros *et al.* (2018), esta foi a estrutura de estúdio durante gravação entre dois sinalizantes surdos nativos:

Para as filmagens, foi montado um estúdio na Universidade Federal de Santa Catarina com quatro filmadoras para captar os informantes em diferentes perspectivas, exatamente para apreender a dimensão corporal dessa língua, uma língua visual-espacial. Cada participante visualizava o seu interlocutor e uma tela com as imagens relacionadas com cada tópico da interação. A sala recebeu pintura nas duas paredes de fundo e um piso vinílico de cor cinza escuro. Essas cores facilitam a visualização dos participantes estabelecendo um contraste de cores. As câmeras foram posicionadas de acordo com a acomodação dos participantes frente a frente, previamente testadas e planejadas, resultando em filmagens com quatro perspectivas: câmera 1 focada nos dois participantes de frente, câmera 2 no participante 1, câmera 3 no participante 2, câmera 4 nos dois participantes com visão de cima (Quadros *et al.*, 2018, p. 29).

Os pesquisadores do Grupo de Pesquisa SignL da Unesp elaboraram um minicópus com os 10 videossinalizados que foram coletados na rede social Facebook, totalizado 44 minutos e 27 segundos, produzidos por sinalizantes surdos de modo individual; são cinco do sexo masculino e sexo feminino com variantes da idade e de estado do Brasil, com uma média em 4 minutos e 52 segundos em cada vídeo. Esses arquivos estão no Google Drive do Grupo de Pesquisa SignL, e não temos autorização das imagens dos sinalizantes surdos; portanto, utilizamos o espelhamento da sinalização original para reprodução do próprio autor sinalizante surdo. Por motivo da preservação das imagens dos surdos:

No que concerne às normas de ética em pesquisa envolvendo a exibição de imagens, esclarecemos que, embora todos os vídeos que compõem esse minicópus estejam disponíveis para acesso livre na internet, não temos permissão para uso das imagens dos autores dos vídeos (Rodrigues, 2022, p. 51).


Salientamos que os dois cópys têm características diferentes no que diz respeito ao tipo de contexto de interação. Enquanto no Cópus de Libras observamos a interação entre dois sinalizantes, no Cópus do SignL apenas um informante sinaliza diretamente para a câmera. Estamos conscientes de que essa diferença, associada à temática e à dinâmica de produção dos vídeos, pode interferir na produção de dados, especialmente na produção de perguntas plenas.


4.2 Metodologia de coleta e análise de dados

As duas fontes das coletas de dados foram totalizadas por 46 videossinalizados com 03 horas, 10 minutos e 11 segundos, média de 4 minutos e 14 segundos. Todos os

videossinalizados tiveram suas transcrições concluídas para glosas do programa ELAN para facilitar a busca em nossa pesquisa. O ELAN é uma ferramenta de anotação do arquivo de áudio e vídeo para registrar como frase, palavra ou glosa, um comentário, tradução, desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística em Holanda. Esta ferramenta permite a visualização e busca de anotações e, segundo Oushiro (2014 *apud* Rodrigues, 2019, 2020; Aleixo, 2021; Neto, 2021), apresenta vantagens de utilização:

(a) “a sincronização entre o arquivo de mídia e a transcrição/anotação, o que facilita enormemente a análise linguística dos dados (por exemplo, para codificação de variantes de variáveis fonéticas)”; (b) “a possibilidade de criação de múltiplas trilhas”, (...) (c) “o fato de ser gratuito, e que vem sendo utilizado cada vez mais entre estudiosos da língua em uso” (Oushiro, 2014 *apud* Rodrigues, 2019, 2020; Aleixo, 2021; Neto, 2021).


Para metodologia de análise, temos o objetivo de coletar o sinal  a partir de sua transcrição “QUE”, “QUÊ”, “O-QUE” e “QUEM”, de forma a usufruir das facilidades da busca automática entre as trilhas anotadas de cada videossinalizado selecionado no programa ELAN. Todavia, necessitamos assistir e analisar todos os videossinalizados completos, após percebermos que alguns sinais não foram anotados, erros ou confusões dadas por falhas humanas, e acrescentamos e ajustamos anotações no Excel.


No Excel, organizamos colunas com as informações específicas para facilitar o processo de análise dos dados com as suas anotações, onde registramos o sinal  a partir das identificações das suas ocorrências nas colunas de cada ocorrência nas linhas que abordaremos em nosso método.

Identificação dos videossinalizados:



- Córpus: identifica qual c3rpus nas ocorrências.
 - Corpus de Libras da UFSC e Grupo de Pesquisa SignL da UNESP.
- Número: identifica o n3mero nas ocorrências.
- Tempo: identifica o tempo de in3cio da ocorr3ncia.
- Arquivo de banco de dados: nomes dos videossinalizados originais.
- Arquivo de ediç3o: nomes dos videossinalizados editados.
- Link: endereç3o virtual dos videossinalizados editados.




Análise das ocorrências:

- Item : valor semântico:
 - QUE com manual.

- QUE sem manual.
- QUEM com manual.
- Outros:
 - Elemento com manual.
 - Expressão.
- Tipo de par pergunta-resposta:
 - Pergunta Plena.
 - Pergunta Retórica.
 - Pergunta Semirretórica.
 - Não se aplica.
- Sintática: analisar a estrutura sintática:
 - Sentença sem interrogativa: caso de pronomes indefinidos e outros.
 - Sentença interrogativa: caso pares pergunta-resposta.
 - Oração subordinada adjetiva (sentença encaixada relativa): caso de pronomes relativos:
 - Restritivo.
 - Explicativo.
 - Oração subordinada substantiva (sentença encaixada substantiva): caso de conjunção:
 - Subjetiva.
 - Objetiva.
 - Completiva nominal.
 - Predicativa de sujeito.
- Classe gramatical: tipo de classe gramatical com uso do sinal 
 - Pronome indefinido.
 - Pronome interrogativo.
 - Pronome relativo.
 - Conjunção.
 - Outro.

A coluna de “tipo de par pergunta-resposta” possui os três tipos, que são *pergunta plena*, *pergunta semirretórica* e *pergunta retórica*, em que utilizamos o conceito de cada tipo dado pelos autores Araújo e Freitag (2010), Freitag (2010) e Santos (2017). Essa é uma forma estratégica de facilitar a organização das categorias dos tipos de par pergunta-resposta com uso


do sinal  como origem de pronome interrogativo para produzir uma sentença interrogativa como pergunta nas ocorrências. Assim, observamos nas ocorrências se há uma pergunta com três formas que ocorrem após a realização da pergunta: (1) recebe uma resposta do receptor que colocamos como pergunta plena; (2) não espera nenhuma resposta entre sinalizante e receptor, que colocamos como pergunta retórica; (3) há uma resposta após sua própria pergunta. Quando percebemos que há uma forma diferente do uso do sinal  que não faz parte da sentença interrogativa, então separamos para outra categoria, que não seja tipo de par pergunta-resposta, para analisar sob outra perspectiva a sua função sintática.





Após categorizar os tipos de par pergunta-resposta, analisamos de forma funcionalista as ocorrências para identificar o sinal  para outras colunas sequenciais: “sintática” e “classe gramatical”. Caso identificado o sinal  nas ocorrências com função sintática não seja do tipo de par pergunta-resposta como sentença interrogativa, ele pode ser retirado para outra nova categoria. Na análise, serão apresentadas algumas ocorrências de cada categoria: recortamos os trechos das ocorrências nos videossinalizados que colocamos no YouTube e criamos um link QR Code para visualizá-los. Além disso, recortamos as imagens das ocorrências com uso do sinal , e preenchemos as glosas de cada sinal. Por fim, traduzimos os trechos das ocorrências para compreender do contexto das ocorrências, inclusive sublinhamos a parte das imagens das ocorrências.

Ocorrência 28




Tradução com contexto: Mas existem surdos, o problema é que falta falar: não concordo.

Acrescentamos mais colunas de parâmetros do sinal  para identificar quais foram utilizados. Abordaremos duas das colunas de configuração de mão e boca, utilizadas pelos autores Alecrim (2022) e Pêgo (2021):

- Configuração de mão dominante e/ou não dominante: identificar o tipo de configuração de mão e números das mãos
 - 1c (); 1p (); 1c e 1c (); 1p e 1p () (Alecrim, 2022)
- Locação de mão dominante e/ou não dominante: realizar o sinal em localização.
- Movimento de mão dominante e/ou não dominante: realizar o sinal para se movimentar ou não.
- Cabeça: movimentar a cabeça.
- Sobrancelhas:
 - neutras, arqueadas e franzidas.
- Boca: articulação-boca (Pêgo, 2021)

Após preencher todas as colunas, o programa do Excel permite a elaboração dos gráficos de modo automático para apresentar os resultados encontrados nas ocorrências quanto aos seus tipos de pergunta-resposta, sintático e classe gramatical, inclusive as frequências dos seus parâmetros.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Identificamos 131 sinais de  nos bancos de dados, sendo 64 ocorrências do Corpus de Libras da UFSC e 67 do Minicópus SignL da UNESP. Ao contrário do que descrevem os dicionários de Libras, nossos dados revelam que esse sinal tem diferentes usos na língua. De modo a apresentar sua descrição, organizamos as ocorrências coletadas em diferentes níveis de análise. Na subseção 5.1, apresentaremos os resultados relativos aos diferentes contextos sintáticos em que o sinal ocorre, a saber, pares de pergunta-resposta e orações subordinadas. Na subseção 5.2, discutiremos o estatuto categorial do sinal, tendo em vista o nível morfológico. Já na subseção 5.3, discutiremos nossos dados tendo em vista a ocorrência com MNM. Tendo em vista o objetivo da dissertação, mostraremos como a ampliação de uso em diferentes contextos sintáticos (subordinação) coocorre com uma alteração no estatuto categorial do sinal, que passa de pronome interrogativo a pronome indefinido e à conjunção subordinativa (complementizador e pronome relativo). Destacaremos como essas mudanças morfossintáticas se correlacionam com aspectos fonológicos da realização do sinal, alterando ou atenuando os MNM de pergunta.

5.1 Os contextos sintáticos de uso do sinal







Analisamos todas as ocorrências no Corpus de Libras da UFSC e no Minicópus de SignL da UNESP para identificar os contextos sintáticos de uso do sinal , conforme a tabela 2, mostrando as quantidades de cada tipo de par pergunta-resposta: 11 perguntas plenas, 10 perguntas retóricas e 17 perguntas semirretóricas. Eles foram mantidos na sua classe de origem como pronome interrogativo; iremos apresentar as ocorrências de cada tipo nas próximas subseções. Vale ressaltar que encontramos 87 ocorrências que não se aplicam aos tipos de par pergunta-resposta, sendo, então, deslocadas para orações subordinadas. Gostaríamos de salientar que os resultados da tabela 2 devem ser analisados com cuidado, uma vez que o número maior de usos do sinal em orações subordinadas nos dois corpuses pode ser um reflexo do tipo de contexto discursivo, que parece desfavorecer a produção de perguntas diretas. No caso do Minicópus do SignL, isso é ainda mais evidente, já que os dados foram produzidos por apenas um sinalizante, sem situação de interação.

Tabela 2 – Quantidade dos contextos sintáticos com uso do sinal .

Contextos sintáticos	Corpus de Libras da UFSC	Grupo de Pesquisa SignL da UNESP	Total	%
Pergunta Plena	11	0	11	8,80%
Pergunta Semirretórica	6	11	17	13,60%
Pergunta Retórica	4	6	10	8,00%
Orações Subordinadas	39	48	87	69,60%
Total	59	64	123	100,00%

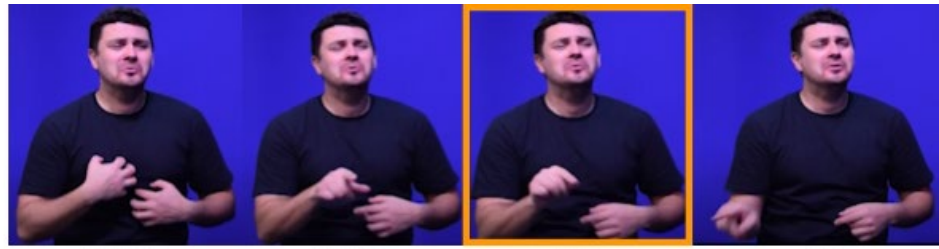
Fonte: elaboração pelo autor.

5.1.1 Pergunta plena

As perguntas plenas são aquelas que sinalizantes produzem visando receber uma resposta. A seguir, apresentamos duas ocorrências de “que” e “quem” em contexto de pergunta plena, conforme a ocorrência 29; nela o sinalizante explica sobre a sala de surdos, que a preferem do que a sala de ouvintes; diz ainda que não conhecia a cultura ouvinte e, então, sinalizou uma pergunta com o sinal  no sentido de “que coisa”, referindo-se ao sentimento sobre estar numa sala de ouvintes, esperando que seu interlocutor o respondesse. Na ocorrência 30, o sinalizante sinalizou uma pergunta com dois sinais  com o sentido de “que pessoa”, referindo-se a quem inventou tecnologia na mesma ocorrência¹⁰, esperando do outro sinalizante uma resposta à sua pergunta. Nestes casos, foram utilizados a marcação não manual de franzimento das sobrancelhas e movimento de cabeça (Quadros; Karnopp, 2004; Felipe; Monteiro, 2007; Pfau; Quer, 2010; Pfau; Bos, 2016; Figueiredo; Lourenço, 2019; Quadros, 1999, 2019; Royer; Quadros, 2021) para produzir uma pergunta; observamos, ainda, que há diferenças de articulação-boca (Pêgo, 2021) para dois sinais: “que” utiliza a forma  (/u/) e “quem” utiliza a forma  (/e/).

¹⁰ Foi utilizado a construção dupla (focalizada) (Quadros, 1999; 2019; Royer; Quadros, 2021).

Ocorrência 29



SENTIR

VOCÊ

QUE

IX

Tradução do contexto: O que você sente sobre isto?

Ocorrência 30



TECNOLOGIA

INVENTAR

QUEM

TECNOLOGIA

ONDE



INVENTAR

QUEM

ONDE



Tradução do contexto: É tecnologia. Quem inventou essa tecnologia? De onde foi?

5.1.2 Pergunta semirretórica

As perguntas semirretóricas são aquelas que sinalizantes produzem mas não esperam uma resposta de outro sinalizante. As quatro ocorrências de pergunta semirretórica são produzidas com o uso do sinal $\uparrow\uparrow$, uma delas utiliza articulação-boca divergente (Pêgo, 2021). Na ocorrência 31, o sinalizante utiliza o sinal $\uparrow\uparrow$ relacionado o verbo $\uparrow\uparrow\rightarrow\uparrow$ (significar), usando uma estratégia de integração para ao receptor; usa, ainda, a marcação não manual sobrelha franzida e o movimento de cabeça; depois ele realiza outra pergunta “*Consegue a ouvir de verdade que adquire identidade para todas?*”; então, o verbo $\uparrow\uparrow\rightarrow\uparrow$ (significar) faz relação com o implante coclear e pode significar “conseguiu ouvir”; logo após a segunda pergunta, ele mesmo responde “*Claro que não, somente barulho*”.

Outro exemplo de pergunta semirretórica aparece na ocorrência 32: a sinalizante explica que o filho sente dor de cabeça por causa do implante coclear e, então, faz a pergunta “*A família*

irá fazer o quê?”; logo elabora sua resposta também em forma de questões: “*Irão arrepender?*” e “*Vai ter de pagar novamente?*”. Assim ela dá duas alternativas à pergunta.

Na ocorrência 33, retirada do Minicópus do SignL da UNESP, a sinalizante produziu uma pergunta de exemplo: “*Até hoje vocês perguntam, por exemplo, você trabalha o quê?*”; então, logo elabora sua própria resposta: “*Eu sou professora de Libras*”. E a ocorrência 34, foi utilizada a articulação-boca divergente  (/ue/) associada a outro sinal manual de apontador ; então, a sinalizante produziu uma pergunta “*fazer o quê?*”. Por meio da análise semântico-pragmático da ocorrência, observamos que o sentido da pergunta é “*o que acontecerá com essa sala de surdos?*”; então, ela mesma responde: “*pode não ter mais surdos*”.

Ocorrência 31



Tradução do contexto: Eu entendo o porquê, o implante coclear significa o quê? Consegue ouvir de verdade que adquire identidade para todas? Claro que não, somente barulho.

Ocorrência 32



Tradução do contexto: Se um filho faz o implante coclear, quando cresce sente dor de cabeça. A família irá fazer o quê? Irão arrepender? Vai ter de pagar novamente? Se gastou, já era.

Ocorrência 33



Tradução do contexto: Até hoje vocês perguntam, por exemplo, “Você trabalha o quê?”. Eu sou professora de Libras.

Ocorrência 34



Tradução com contexto: É verdade. Eu concordo. Mas, só tinha surdos na minha sala da escola, porém eu estou preocupada com outras salas nas escolas que só têm ouvintes na inclusão. O que acontecerá com essa sala de surdos, se eu me formar? Pode não ter mais surdos.

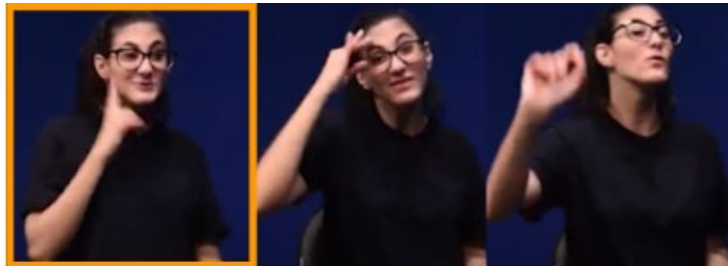
5.1.3 Pergunta retórica

As perguntas retóricas são aquelas que sinalizantes produzem e que não pedem a resposta do receptor. Apresentamos duas ocorrências de “que” em contexto de pergunta retórica. Na ocorrência 35, a sinalizante explica sobre o professor ouvinte que aprende um pouco de Libras para ensinar aos surdos, e fez uma pergunta retórica “o que os surdos irão

entender?"; logo na sequência, continua sinalizando sobre o fato de que os surdos se comunicam muito bem com uso da língua de sinais. Portanto, não há resposta à própria pergunta –ela quer dizer que os surdos poderão dificuldade de entender o que o professor sinaliza por não ser fluente.

Na ocorrência 36, a sinalizante discorre sobre a possibilidade de os pais, que são responsáveis pelo filho, o obrigarem a fazer o implante coclear. Ela, então, faz uma pergunta de forma retórica “*E o filho irá fazer o quê?*”. Na sequência, continuou sinalizando sobre o desejo do filho, ou seja, não houve resposta sobre o que o filho iria fazer; então, ela pôde querer dizer que o filho poderia agilizar alguma coisa para não se submeter à cirurgia de implante coclear. Há semelhança de articulação-boca para dois sinais: que utiliza a forma (/u/) e (/ue/).

Ocorrência 35



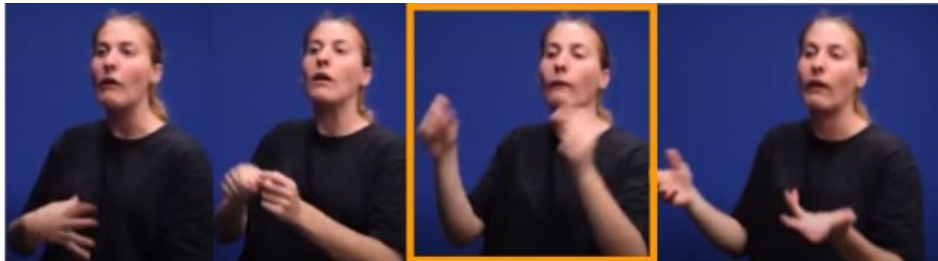
SURDO

ENTENDER

QUE

Tradução do contexto: É língua de sinais. Porque o professor ouvinte tem que aprender a língua de sinais apenas básico e soletração. Os surdos irão entender o quê? Os surdos se comunicam tão bem com uso da língua de sinais.

Ocorrência 36



FILHO

FAZER

QUE

PALM-UP

Tradução do contexto: É também, se os pais que são responsáveis mandam fazer implante coclear, obrigam a fazer. E o filho irá fazer o quê? Ele prefere ser surdo. Ele quer assim, mas os pais não queriam. Não podiam obrigar ele.

5.1.4 Orações subordinadas

As orações subordinadas dividem entre adjetiva e substantiva.

5.1.4.1 Oração subordinada adjetiva

A oração subordinada adjetiva desempenha a função de um adjetivo dentro de uma sentença para acrescentar informação adicional sobre um substantivo ou pronome na oração principal. Encontramos 13 ocorrências com usos do sinal $\uparrow\uparrow$ em oração adjetiva: 10 sinais de “que” e 3 de “quem”. Separamos essas ocorrências em dois tipos principais: *restritivas* e *explicativas*.

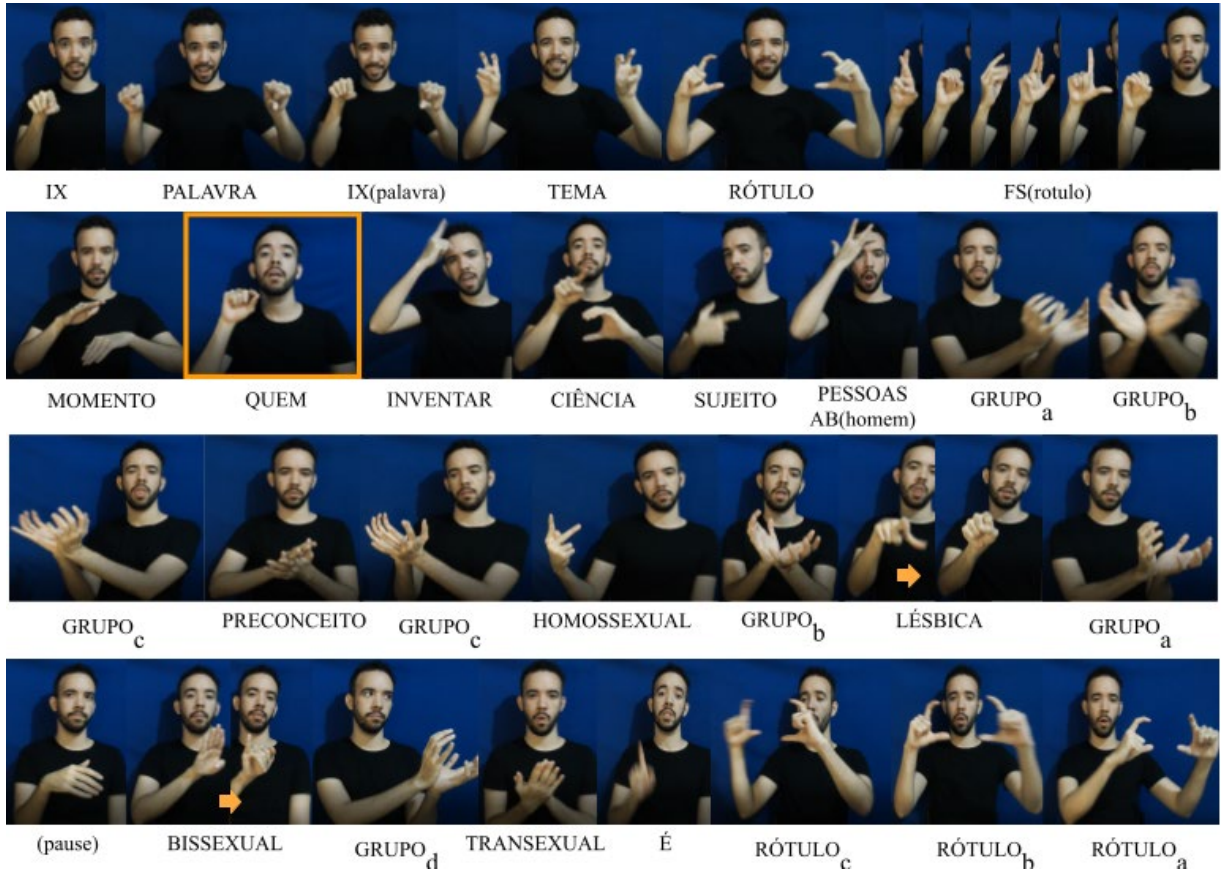
Apresentaremos as 3 ocorrências da oração adjetiva restritiva, que identificam e delimitam um substantivo. Na ocorrência 37, o sinalizante conta uma história e sinaliza os sinais $\uparrow\uparrow$ e \circ (acontecer) como “que aconteceu quando era pequeno”, que está se referindo ao antecedente do sinal \circ (história); na ocorrência 38, o sinalizante explica sobre a palavra *rótulo*, depois sinaliza o sinal $\uparrow\uparrow$ como antecedente do sinal $\uparrow\uparrow$ (rótulo) relacionado a alguém que inventou esse rótulo, então se referiu as pessoas preconceituosas; e na ocorrência 39, a sinalizante usou o sinal $\uparrow\uparrow$ (adulto), que é um antecedente do sinal $\uparrow\uparrow$, e depois fez o sinal $\uparrow\uparrow$ (casado), pois está se referindo a um dos estados civis.

Ocorrência 37



Tradução do contexto: Vou contar uma história que aconteceu quando era pequeno, o professor me ensinava a língua de sinais.

Ocorrência 38



Tradução do contexto: Essa é um rótulo que foi inventado por pessoas preconceituosas para homossexuais, lésbicas, bissexual e transexual que são rótulos.

Ocorrência 39



Tradução do contexto: Porque antigamente as pessoas não podiam falar sobre sexo, somente adultos que são casados poderiam falar sobre sexo.

As orações adjetivas explicativas fornecem informações adicionais que não essenciais para a compreensão do substantivo. Mostramos 3 ocorrências com usos do sinal deste tipo da oração adjetiva: a ocorrência 40 apresenta o sinalizante que explica sobre o celular que possui recursos para pessoas surdas; então, ele sinalizou o sinal (telefone), que é o termo

anterior do sinal ; depois fez o sinal (tecnologia), pois é uma característica do celular, logo é uma informação adicional.

Na ocorrência 41, o sinalizante explica sobre as salas dos surdos e ouvintes, que sente ser melhor estar na sala dos surdos; depois, sinalizou a parte da sala dos ouvintes que não conheciam a cultura deles, e fez o sinal como antecedente do sinal (cultura). Assim, ele está complementando a informação da cultura que faz parte da comunicação de forma oral.

Na ocorrência 42, a sinalizante explica que, quando tiver dúvida na aula, não deve perguntar aos intérpretes, e somente diretamente aos professores; então, ela sinaliza o sinal (ele) referente a professor como antecedente para o sinal seguinte, que possui experiência de conhecimento; é, assim, uma informação sobre o professor.

Ocorrência 40



Tradução do contexto: Eu consigo pegar um celular. É uma tecnologia para comprar. Eu observo o celular. O celular, que é uma tecnologia, possui enviar mensagem e vídeo.

Ocorrência 41

OUVINTE IX₃

ÁREA

E(assim)

IX₁

CONHECER

NÃO



CULTURA

QUE

FALAR-ORAL

PALM-UP

Tradução do contexto: Às vezes tem problema. Para mim, a sala de surdos é boa para contato, pois tenho afinidade, mas a sala de ouvintes... eu não conheço a cultura deles, que se comunicam de forma oral. Você conhece isso? O que você sente disso?

Ocorrência 42

IX₃

EXPLICAR

QUE

IX₃

JÁ

EXPERIÊNCIA




CONHECER

JÁ


EXPLICAR

ESCLARECER












Tradução do contexto: Ele (professor), que tem experiência de conhecimento, já explica de forma esclarecida.


Percebemos o uso do sinal  com a sua mudança de categoria nos pronomes interrogativo e indefinido para pronome relativo; ele é utilizado como fazendo uma referência a um antecedente no sintagma nominal como núcleo substantivo; portanto, a sua função é de adjunto adnominal do substantivo. Com essa mudança, evidencia-se o processo de gramaticalização, segundo Heine (2003 *apud* Rodrigues, 2022). Este sinal perde o valor semântico da forma interrogativa e da indefinição e passa a ser um referente de um antecedente sob a forma relativa; neste caso, acontece a dessemantização; também, uma vez que ele foi transferido para outra categoria como pronome relativo, ocorre decategorização.

5.1.4.2 Oração subordinada substantiva

A oração subordinada substantiva exerce a função de complemento, pois é uma dependente da oração principal para completar o seu sentido. Identificamos 72 ocorrências da oração substantiva: 70 com sinais “que”, incluído 4 articulações-bocas divergentes com essa forma  (/u/), e 2 sinais manuais “quem”.

Apresentaremos 5 ocorrências da oração substantiva que inicia com um pronome interrogativo na oração subordinada como oração completiva em que não ocorre uma junção; ele é uma conjunção independentemente de formar-se um período composto por subordinação, conforme as ocorrências 43 a 47.

Nas ocorrências 43 e 44, foi utilizado discurso indireto com sinal , inclusive articulação-boca  (/u/) associado a outro sinal, como pronome interrogativo; nas duas primeiras ocorrências, sinalizou  (perguntar) para produzir uma pergunta indireta com uso do sinal  como “que”. Na ocorrência 45, foi utilizado o sinal de verbo  (entender) para produzir o que seria o assunto, então sinalizou “o que significa a fita azul”. Na ocorrência 46, foram utilizadas 4 articulações-bocas  (/u/) associadas ao apontador  nas quatro orações; portanto, há três orações foram triplificação com sinal  (falar). Logo após, utilizou o sinal  (não entendi); na última oração, utilizou o sinal do verbo   (explicar) como pedindo a explicação sobre o que o médico disse.

Na ocorrência 47, a sinalizante explica sobre o jovem que fica com ciúme com uma pessoa fazendo o sinal * (curioso). Para nossa análise de forma semântico-pragmático, esse sinal pode significar de *querer a saber*; então, após este sinal, foram utilizados três sinais na sequência: *que*, *onde* e *quem* (há duplicação) – logo, *que* como “o que ela está fazendo”, *onde* como “onde ela está”, e *quem* como “quem está com ela”. Esses sinais encontrados nessas ocorrências demonstram a formação de orações completivas.

Ocorrência 43



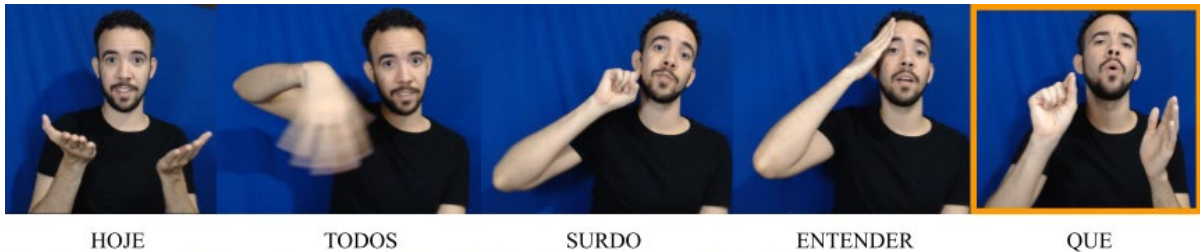
Tradução do contexto: Te pergunto o que você quer mostrar ao público.

Ocorrência 44



Tradução do contexto: Por exemplo, os cinco alunos surdos na sala de aula que eles fingem que entendem a aula. Não pode. Tem que perguntar ao professor, não para intérprete, somente professor. Se pede ao intérprete para tirar dúvida ao professor, pergunto o que significa algo assunto.

Ocorrência 45



Tradução do contexto: Hoje os surdos entendem o que significa a fita azul.

Ocorrência 46



CHAMAR FALAR IX AB(que) EU ENTENDER-NÃO FALAR



IX AB(que) EU ENTENDER-NÃO FALAR IX PALM UP



bEXPLICARa FALAR AB(que)

Tradução do contexto: Às vezes o médico que tem bigode grande em frente na boca, ele fica falando e eu não entendo. Chamei meu pai dizendo que eu não entendi o que o médico disse. Pedi a ele para explicar para mim o que ele disse. Meu pai esperou o médico terminar de falar, utilizou a fala devagar para mim, mas continuei não entendendo.

Ocorrência 47





IX JOVEM CIÚME ONDE IR



CURIOSO QUE ONDE QUEM JUNTO QUEM JUNTO

Tradução do contexto: Jovem fica com ciúme ao saber onde ela estaria. Queria saber o que ela está fazendo, onde ela está e quem está com ela. Ela desiste disso.

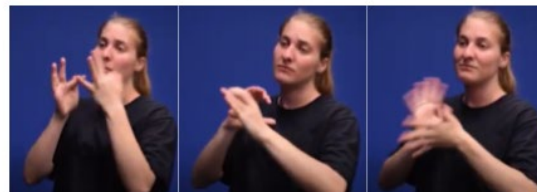
A conjunção integrante faz a integração da oração principal com a oração subordinada que tem dependência sintática. Apresentamos 8 ocorrências de oração substantiva que faz parte integrante da oração subordinada, logo temos suas funções sintáticas: subjetiva, objetiva, predicativa do sujeito e completiva nominal. As duas ocorrências da oração subordinada substantiva subjetiva que exercem a função do sujeito vêm pospostas à oração principal. Conforme a ocorrência 48, a sinalizante fez o sinal  (há duplicação) no início da oração

subordinada “*a família comunique a língua de sinais ao filho surdo*”, que assume a função de sujeito por querer dizer que é mais importante; e também na ocorrência 49, o sinalizante usa o sinal  após “*é uma lembrança do passado*” da oração principal; portanto, a oração subordinada assume a função de sujeito por explicar a relação à história sobre a fita azul.

Ocorrência 48



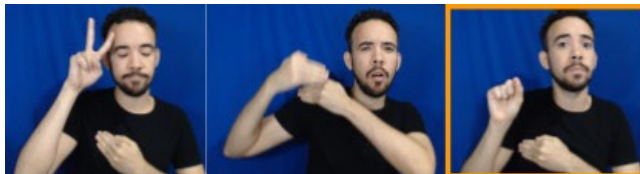
IX QUE MAIS IMPORTANTE QUE



FAMÍLIA COMUNICAR LÍNGUA DE SINAIS

Tradução do contexto: Para surdo, é mais importante que a família comunique a língua de sinais ao filho surdo, precisava obrigar a falar?

Ocorrência 49



LEMBRAR PASSADO QUE






HITLER FAZ-TEMPO MATAR JUDEU ÁREA



TAMBÉM HITLER MATAR ÁREA PRÓPRIO DEFICIÊNCIA SURDO

Tradução do contexto: É uma lembrança do passado que Hitler matava judeus, deficiências e inclusive surdos.

As duas ocorrências da oração substantiva objetiva que exercem a função do objeto estão pospostas à oração principal; logo, são orações completivas. Na ocorrência 50, o sinalizante usou o sinal  após do verbo  (não gosta) para completar uma oração que se refere a este verbo; então, sinalizou “a tela está me mostrando sobre o implante coclear”, tendo, assim, uma função do objeto. Na ocorrência 51, o sinalizante fez o verbo  (falar) para se referir a uma pessoa que falou sobre o significado da fita azul; então, sinalizou uma oração subordinada “a fita é como sentimento, peso da consciência e dor de coração”.

Ocorrência 50





Tradução do contexto: Eu não gosto de que a tela está me mostrando sobre o implante coclear.

Ocorrência 51



Tradução do contexto: Ela disse que a fita é como sentimento, peso da consciência e dor de coração.

Demonstramos, agora, duas ocorrências de oração substantiva como predicativas de sujeito. Na ocorrência 52, o sinalizante fez o sinal  (problema) como sujeito ao verbo de ligação oculto, explicando o problema; então, sinalizou “*o professor andava para os lados enquanto falava, nunca se posicionou na minha frente*” como oração subordinada; então, assume uma função de predicativo do sujeito.

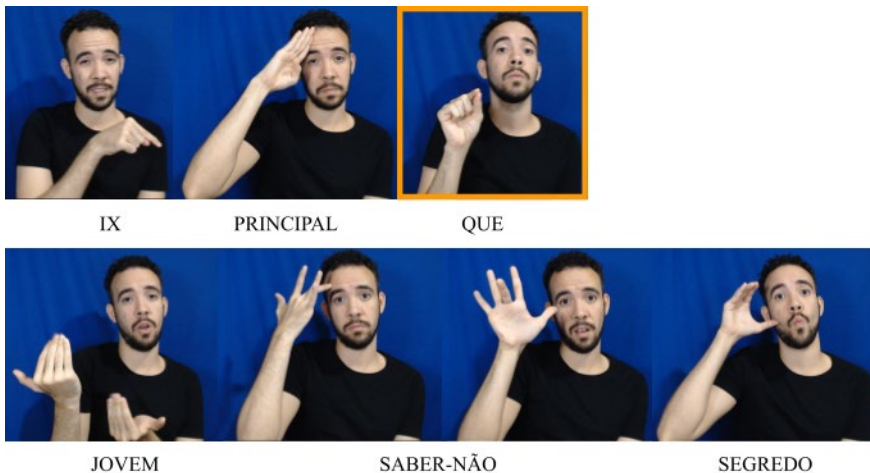
Na ocorrência 53, a sinalizante usou o sinal  (principal) como sujeito ao verbo de ligação oculta, relacionando a explicação do que é o principal; logo, sinalizou “*jovem não sabe guardar o segredo*” como oração subordinada.

Ocorrência 52



Tradução do contexto: Consigo alguns professores. Mas o problema é que o professor andava para os lados enquanto falava, nunca se posicionou na minha frente. Se eu vejo na minha frente, eu conseguirei.

Ocorrência 53



Tradução do contexto: O principal é que jovem não sabe guardar o segredo.

Apresentamos, agora, duas ocorrências de oração substantiva completiva nominal, que é um complemento nominal como substantivo ou adjetivo posposta à oração principal. Na ocorrência 54, a sinalizante explica sobre a situação das pessoas de expor alguma coisa ilegal na internet, que podem receber processos; então, ela fez o sinal após (situação) como substantivo, que é um complemento, informação de qual era a situação; depois” é necessário tomar cuidado na internet”, e continua outra oração seguinte em que sinalizou novamente o sinal , que foi complementar ao sinal (consciência) para sinalizar “você quer digitar para expor ou manter a privacidade”.

Ocorrência 54



Tradução do contexto: Você viu nesta situação que é necessário tomar cuidado na internet, precisa ter a sua consciência do que você quer digitar para expor ou manter em privacidade.

Nesta parte observamos como é complexa esta pesquisa, de modo que podemos considerar que este sinal sofreu uma grande mudança por meio do processo de gramaticalização, tornando-se complementizador para juntar oração principal e subordinada. É possível perceber que ele pode introduzir uma oração nas suas funções de subjetiva, objetiva, completiva nominal e predicativa de sujeito. Podemos observar aí os três mecanismos do Heine (2003 *apud* Rodrigues, 2022) com a mudança no processo de gramaticalização: extensão, que demonstra a maior frequência de grau de gramaticalização do que outros (pronomes

interrogativo, pronome indefinido e pronome relativo); dessemantização, que mostra que o sinal $\uparrow\uparrow$ perde seu valor semântico de indefinição e relativa, pois ele não se particulariza nem se refere a um antecedente, pois ele se tornou juntor; decategorização, que apresenta a mudança de categoria para conjunção integrante.

5.2 Estatuto categorial do sinal $\uparrow\uparrow$

Apresentamos, na tabela 3, a quantidade do sinal $\uparrow\uparrow$ relacionado aos dois sentidos entre “que” e “quem” divididos nas categorias: pronome interrogativo, pronome indefinido, pronome relativo (oração subordinada adjetiva) e conjunção (oração subordinada substantiva) para identificar as suas descrições fonológicas. Temos, ainda, outros elementos que não estão relacionados a “que” e “quem” como pronome indefinido, os quais apresentaremos mais adiante.


Tabela 3 – Quantidade com usos dos sinais “que” e “quem” e suas categorias.

Categoria	Que	Que (não manual)	Quem	Outros	Total	Porcentagem
Pronome Interrogativo	33	1	2	0	36	27,48%
Pronome Indefinido	0	0	5	3	8	6,11%
Conjunção Subordinativa Adjetiva	13	0	3	0	16	12,21%
Conjunção Subordinativa Substantiva	65	4	2	0	71	54,20%
Total	111	5	12	3	131	100,00%

Fonte: elaborado pelo autor.









5.2.1 Pronome interrogativo

Como vimos na análise dos tipos de par pergunta-resposta, nas subseções 4.1.1 a 4.1.3, temos 36 ocorrências de uso do sinal $\uparrow\uparrow$ mantendo sua origem de classe como pronome interrogativo para “que” e “quem”. Destacamos os sinais que foram apresentados nas ocorrências dos tipos de pares pergunta-resposta:

Figura 32 – Sinais  dos pares pergunta-resposta.



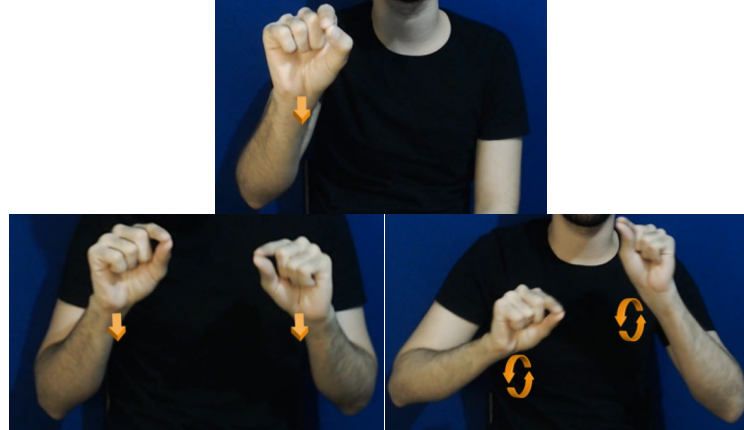
Fonte: elaborado pelo autor com base em Corpus de Libras da UFSC.

O pronome interrogativo utilizado nas sentenças interrogativas dos tipos pares pergunta-resposta contabiliza 35 ocorrências: a configuração de mão utiliza a forma  ou  com uma mão; pela nossa hipótese, eles podem ser alofones, mas ainda não foi encontrado até o momento pares mínimos que os definam como alofones. Quando às variações de configuração de mão, Alecrim (2022) afirma que a locação se localiza em frente do espaço neutro e o movimento das mãos se move para a frente. Além disso, também encontramos realizações com duas mãos destas formas   ou , que podem ser uma variação no número de mãos por motivo de *coarticulação* (XAVIER, 2014); isso pode ser influência pelas formas antecipatória¹¹ ou perseveratória¹², e pode ser uma opcional por questão da “influência do número de mãos com que sinais adjacentes são produzidos” (XAVIER, 2014, p. 42). Então, nesta forma  com duas mãos, estas se movem em círculos alternados para a frente; portanto pode-se mover para a frente que não se altera o significado. Como citamos, a autora Quadros (1999) na seção 2.1.2 sobre pronome interrogativo, apresentou a diferença entre os movimentos para a frente com uma mão , que estão relacionados a sentenças simples, como pares pergunta-resposta, e circular alternado para a frente com duas mãos , que significa oração subordinada. Assim, o sinal pode ser utilizado também nos pares pergunta-resposta, assim como *duplicação* (XAVIER, 2014), mesmo sem mudança no significado.

¹¹ “quando um dado segmento da fala sofre influência de outro que o segue” (XAVIER, 2014 p.42)

¹² “quando essa influência provém de um segmento precedente” (XAVIER, 2014 p.42)

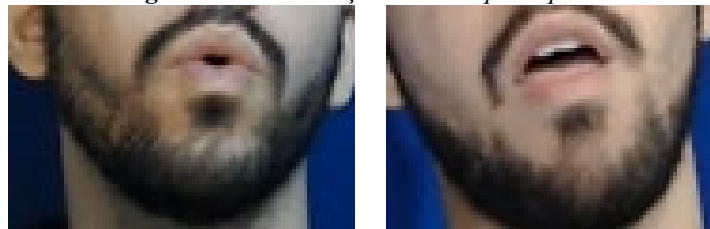
Figura 33 – As mãos do sinal .



Fonte: elaborado pelo autor.

A articulação-boca “que” possui três usos: (/u/), (/o/) e (/ue/); isso pode se referir à língua oral do elemento “o que” como “que coisa”. Nossa hipótese é que pode ser uma variante, como alofone; é possível perceber que foi utilizada a articulação-boca *prototípica* (Pêgo, 2021) pela referência da língua portuguesa, incorporando a forma de elemento *o*, o que faz a forma (/u/) ser mais frequente. A articulação “quem” e “que pessoa” possui uma forma de articulação (/e/), que pode ser articulação-boca variante que possui diferente relação da articulação-boca padrão, conforme a figura 34. A articulação-boca divergente é utilizada de modo sobreposto a outro sinal, uma vez que é sinal não manual, conforme ocorrência 34 que destacamos na subseção 5.1.2.

Figura 34 – Articulação-boca de *que* e *quem*.



Fonte: elaborado pelo autor.

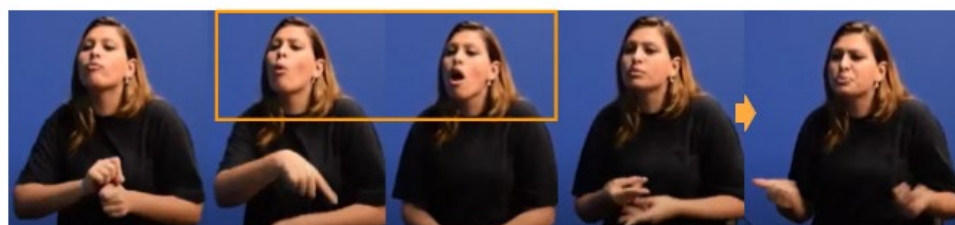
Ocorrência 55



SI

EU

ACABAR



FAZER

IX


AB(que)

DISSOLVER

Tradução com contexto: É verdade. Eu concordo. Mas só tinha surdos na minha sala da escola, porém eu estou preocupada com outras salas nas escolas que só têm ouvintes na inclusão. O que acontecerá nessa sala de surdos, se eu me formar? Pode não ter mais surdos.


5.2.1.1 Gramaticalização dos pares pergunta-resposta

A gramaticalização dos tipos de par pergunta-resposta, de acordo com Araújo e Freitag (2010), Freitag (2010) e Santos (2017), apresenta o processo: *pergunta plena* > *pergunta semirretórica* > *pergunta retórica*. Nossa hipótese, nesse caso, é de que o pronome interrogativo pode ser gramaticalizado para complementizador quando for produzida uma oração para ligar outra oração. Como percebemos, a pergunta semirretórica possui duas orações, uma pergunta e outra resposta, e ainda temos análise para oração substantiva. Então, nós mudamos o processo de gramaticalização dos autores citados, de forma que a semirretórica aparecerá na última posição, ou seja: *pergunta plena* > *pergunta retórica* > *pergunta semirretórica*. Essa alteração da ordem implica na análise sobre oração subordinada, como realizamos na análise da seção 5.1.4. Por esse motivo, não seguimos a ordem dos autores citados no seu contexto da escrita/oral; portanto, há diferença nas línguas de sinais.

Utilizaremos como base teórica da gramaticalização a de Heine (2003 *apud* Rodrigues, 2022) com seus quatro princípios e mecanismos: *extensão*, *dessemantização*, *decatégorização* e *erosão* (iremos apresentar na seção 5.3) para o processo dos tipos de par pergunta-reposta com marcação não manual do sinal . A extensão mostra a pergunta semirretórica, que tem maior grau de gramaticalização, pois ela é mais freqüência no uso dos sinalizantes. A dessemantização demonstra a perda semântica: a pergunta plena necessita

da resposta de outro sinalizante, mas a pergunta retórica não necessita ter resposta; já a pergunta semirretórica possui resposta dada pelo próprio sinalizante, portanto perde a resposta de outro sinalizante. A decategorização demonstra se é outro sinalizante que responde a pergunta que permanece plena, mas quando não há nenhuma resposta, será pergunta retórica, e se o sinalizante produz a pergunta e a resposta por si mesmo, será pergunta semirretórica.

5.2.2. Pronome indefinido

Para os sinais de pronome indefinido foram encontradas 8 ocorrências; três dos 8 sinais possuem forma diferente da sua realização com relação a elementos específicos que não se relacionam com “*quem*”; logo depois, apresentaremos o sinal  que se refere a “*quem*”.








Apresentamos as três ocorrências que utilizam o sinal  de forma diferente do sinal , pela mudança do seu movimento para apontar os lados de cada vez no espaço neutro – o que não foi encontrado nos dicionários, conforme a figura 35. Analisamos este sinal  que tem valor semântico no contexto como pronome indefinido; ele significa “ser não particularizado e não restrito” (Neves, 2018, p. 557) e “não têm a função de apontar uma referência definida” (Neves, 2018, p. 557).

Figura 35 – Sinal  do Corpus de Libras da UFSC.



Fonte: elaborado pelo autor com base em Corpus de Libras da UFSC.

A ocorrência 56 apresenta o sinal  que significa “se refere a algo que não é nenhum daqueles elementos que poderiam ser tomados sob consideração” (Neves, 2018, p. 586); no caso, a sinalizante se preocupa com outras salas nas escolas que só tinham ouvintes. Esse sinal apresenta a indicação de alteridade, como o fato de não ser a mesma sala da sinalizante. O sinal  da ocorrência 57 significa “grande quantidade” – assim como sinalizante sente dificuldade em várias disciplinas, este sinal apresenta muitas disciplinas. E o sinal  da ocorrência 58 significa a forma negativa de forma de indefinição de um qualquer, assim como durante a conversa em que o outro sinalizante explica sobre o implante coclear, que causa problema de forma acidental para cérebro, que pode levar choque e se deve evitar mergulhar; então, o próprio sinalizante entrou no meio da explicação dizendo que em nenhum surdo aconteceu disso.

Ocorrência 56



Tradução com contexto: É verdade. Eu concordo. Mas só tinha surdos na minha sala da escola, porém eu estou preocupada com outras salas nas escolas que só têm ouvintes na inclusão. O que acontecerá nessa sala de surdos, se eu me formar? Pode não ter mais surdos.

Ocorrência 57



Tradução com contexto: Na IATE é uma escola inclusiva com ouvintes, o professor me ensinava que aprendia das coisas até a sétima série. O professor falava que nunca escreveu no quadro. Várias disciplinas eram difíceis, eu desisti. Só isso. Por isso, esperei até agora do ano 2014 que tive uma nova escola.

Ocorrência 58





NENHUM


SURDO


NINGUÉM



NENHUM


Tradução do contexto: Nenhuns surdos (aconteceu isso).

Em nossa análise deste sinal  nas três ocorrências, nós o consideramos como pronome indefinido marcado, pois o movimento apontado aos lados foi repetido, o que podemos considerar como plural ou totalidade; o mais interessante foi a direção de olhos que acompanhou o sinal .

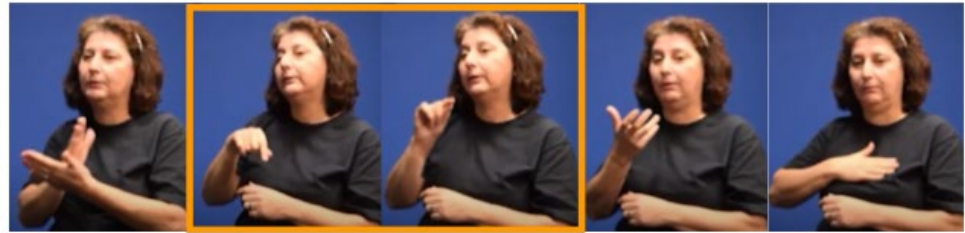
Na ocorrência 58, a marcação não-manual utilizada juntamente com o sinal  foi franzimento das sobrancelhas e boca de ferradura. Segundo Almeida (2019), este tipo de marcação não manual, boca de ferradura, caracteriza-se pelos lábios curvados para baixo; sua pesquisa o relaciona à produção de artigo indefinido não-específico; portanto, podemos considerar este sinal com sua marcação não manual como indefinido.

Nas ocorrências 56 e 57, foi utilizado o arqueamento das sobrancelhas. Apresentaremos duas das cinco ocorrências em que foi utilizado o sinal  como “quem”, que representa indefinição da pessoa.

Na ocorrência 59, o informante quer esclarecer aos ouvintes sobre os surdos e sinaliza ; depois segue falando sobre pessoas que desejam ou gostam de estar junto com os surdos para manter contato, e que elas precisam defender os surdos e apoiá-los. Então, a sinalizante usou , que diz respeito a algumas pessoas (de forma não específica); todavia, eles serão um conjunto ouvintes no contexto, será como de natureza relativa.

Na ocorrência 60, o sinalizante explica sobre seus pais, que não foram influenciados a fazer implante coclear porque eles não queriam, e sinalizou , que significa que qualquer pessoa usa língua de sinais e que isso é importante para se comunicar com as pessoas surdas como ele, esposa e amigos surdos; portanto, esse uso também é de natureza relativa.

Ocorrência 59

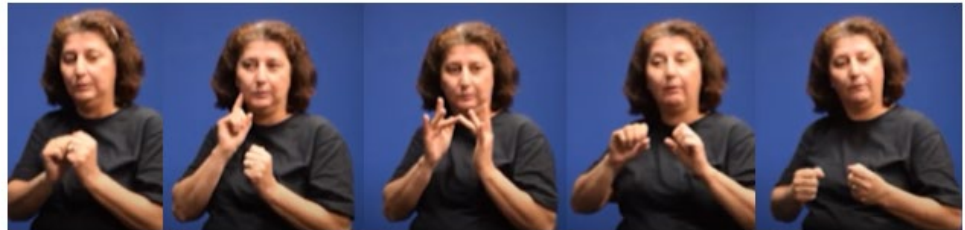


ÀS VEZES

QUEM

QUERER

GOSTAR



JUNTO

SURDO

CONTATO

DEFENDER

Tradução do contexto: As duas são mais importantes. Nós precisamos tentar a esclarecer para os ouvintes entender. Às vezes, quem quer e gosta de estar junto com surdos para ter contato defendem-nos. É melhor. É importante.

Ocorrência 60



IMPORTANTE


QUEM

PRÓPRIO

IX


LÍNGUA DE SINAIS









Tradução do contexto: Meus pais poderiam até ter tentado me influenciar a colocar o implante coclear, mas eles não quiseram, porque o mais importante que se use língua de sinais. Minha esposa é surda. Alguns meus parentes usam língua de sinais. Até meus amigos também usam. Eu uso língua de sinais.

Consideramos o sinal  especificamente “quem”, que se refere à indefinição da pessoa, como sendo utilizado com função mais gramatical como pronome indefinido em relação ao seu uso como pronome interrogativo, que, nesse caso, pode ser considerado como menos gramatical. Essa mudança pode ser analisada como um resultado de processo de gramaticalização como menos gramatical para mais gramatical, em que verificamos os princípios e mecanismos descritos por Heine (2003 *apud* Rodrigues, 2022): *extensão*, *dessemanticização* e *decatégorização*. Embora tenhamos poucas ocorrências para comprovar, observamos na ocorrência 60 que a natureza interrogativa do sinal se esvazia semanticamente, processo conhecido como dessemanticização, passando a designar uma função de pronome

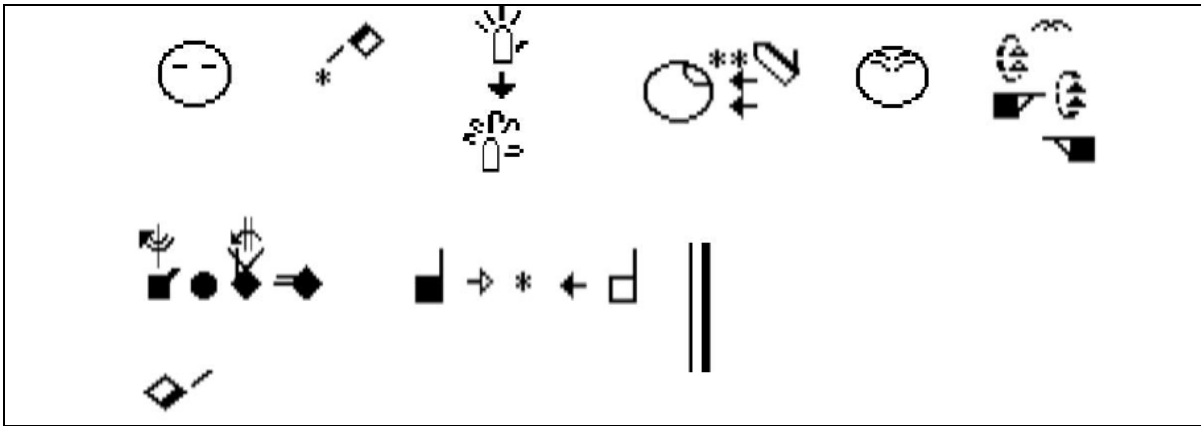
indefinido. Sendo assim, o sinal tem sua função como pronome interrogativo alterada, passando a ser usado também como pronome indefinido, sofrendo também o processo de decategorização.

5.2.3 Conjunção subordinativa

A conjunção subordinativa pode ser usada como pronome relativo na oração adjetiva e integrante na oração substantiva para introduzir uma oração. Apresentamos as formas do sinal  na sua categoria como conjunção subordinativa.

O pronome relativo é utilizado nas orações subordinadas adjetivas – nesse caso, encontramos 16 ocorrências; já a conjunção integrante é utilizada nas orações subordinadas substantivas: encontramos 67 ocorrências. Nesses sinais, utilizam a configuração de mão  com uma mão, e não há diferença para o uso desta forma  com uma mão; a locação se localiza em frente, no espaço neutro, e o movimento das mãos se move para a frente, assim como pronome interrogativo. Por sua vez, a conjunção integrante foi utilizada com as duas mãos desta forma   com variantes de movimento para a frente e circular alternado para a frente e para o lado. Como citamos, Quadros (1999) e Quadros (2021) apresentaram a diferença entre os movimentos para a frente com uma mão , que significa sentença simples e pergunta, e circular alternado para a frente com duas mãos , que significa oração subordinada. Recentemente a autora apresentou o mesmo exemplo (conforme as ocorrências 61 e 62, que destacamos na seção 2.1.2) de oração subordinada de Quadros (1999); apesar disso, vimos que o sinal  foi alterado para este sinal , e as duas formas foram utilizadas; portanto, continuamos com a nossa hipótese pelo processo fonológico da *unificação* (XAVIER, 2014), que é o apagamento da mão não dominante, o que não muda o significado; logo, percebemos que o pronome interrogativo seguiu o caminho o contrário. Com relação à articulação-boca, esta é apresentada da mesma forma no pronome interrogativo.

Ocorrência 61



The diagram shows a sequence of non-manual markers for the sign. The first row contains six icons: a sad face, a hand with a star, a hand with a star and arrows, a hand with a star and arrows, a hand with a star and arrows, and a hand with a star and arrows. The second row contains four icons: a hand with a star and arrows, a hand with a star and arrows, a hand with a star and arrows, and a hand with a star and arrows. The third row contains two icons: a hand with a star and arrows, and a hand with a star and arrows.

Glosas: EU QUERER SABER QUEM JOÃO ENCONTRAR
Tradução: Eu quero saber quem o João encontrou

Fonte: elaborado pelo autor com base em Quadros (1999, p. 224).

Ocorrência 62





The photographs show a woman performing the sign 'EU QUERER SABER QUEM JOÃO ENCONTRAR' with various non-manual markings. The first photo shows her with a neutral expression. The second photo shows her with her hands raised and fingers spread. The third photo shows her with her hand on her forehead. The fourth photo shows her with her hand on her forehead. The fifth photo shows her with her hand on her forehead. The sixth photo shows her with her hand on her forehead.

Glosas: EU QUERER SABER QUEM JOÃO ENCONTRAR
Tradução: Eu quero saber quem o João encontrou

Fonte: elaborado pelo autor com base em Royer e Quadros (2021).

5.3 Marcação não manual associada ao sinal

Apresentamos as marcações não manuais associadas ao sinal , que demonstra o uso do movimento de cabeça e sobrancelhas. Como citamos, os autores que abordam a marcação não manual interrogativa, para produzir perguntas, dizem que é comum o uso de movimento de cabeça para frente com as sobrancelhas franzidas (Quadros; Karnopp, 2004; Felipe; Monteiro, 2007; Pfau; Quer, 2010; Pfau; Bos, 2016; Figueiredo; Lourenço, 2019; Quadros, 1999, 2019; Royer; Quadros, 2021). Com o uso do sinal , na nossa pesquisa, percebemos que ele não foi utilizado apenas com a marcação não manual mencionada por esses autores. Então, iremos apresentar o uso da marcação não manual associado ao sinal segundo nossos resultados.

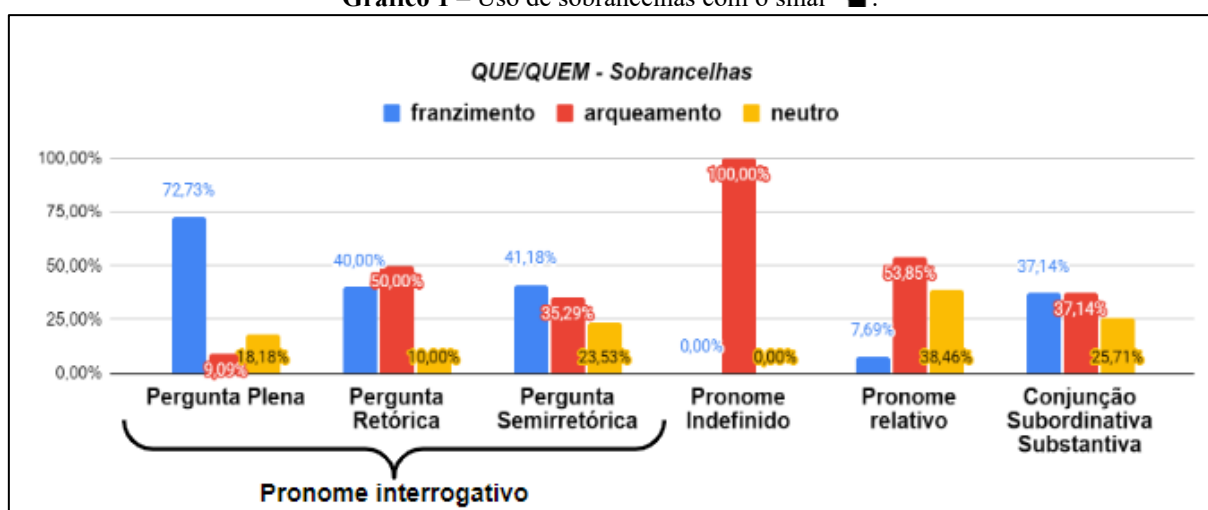
Encontramos variantes dos movimentos de cabeça na análise. Teve maior frequência o movimento de cabeça para a frente, acreditamos que há uma semelhança com o movimento

para cima. Vale dizer que não há muitas pesquisas sobre esse tipo variação dos movimentos de cabeça.

Com relação às sobrançelas, encontramos três posições: *franzimento*, *arqueamento* e *neutro*. A frequência desses usos está colocada no gráfico 1. O pronome interrogativo divide três pares pergunta-resposta com uso das sobrançelas que possuem suas restrições: a pergunta plena utiliza as sobrançelas franzidas; já as perguntas retóricas e semirretóricas possuem uma diferença entre sobrançelas franzidas e arqueadas. Então, as sobrançelas das perguntas plenas se mantêm franzidas, como afirmam os autores citados acima, e as retóricas e semirretóricas podem optar entre franzidas e arqueadas, porque eles não recebem a resposta de outra sinalizante.

O pronome indefinido possui apenas o sinal “quem” com uso de sobrançela arqueadas; ele pode ser uma forma de natureza relativa como pronome relativo, mas não podemos afirmar pela pouca quantidade de ocorrências desse tipo que obtivemos. O pronome relativo utiliza as sobrançelas na posição arqueada e neutra para restritiva e explicativa, e não encontramos diferenças. Nossa hipótese é que pode ser produzida uma nova oração subordinada adjetiva relativa e explicativa. A conjunção do sinal *que* possui variantes das sobrançelas, pela nossa hipótese, dependendo dos verbos, para franzidas relaciona o pronome interrogativo para produzir perguntas indiretas, e arqueadas e neutras para introduzir outra oração subordinada.

Gráfico 1 – Uso de sobrançelas com o sinal .



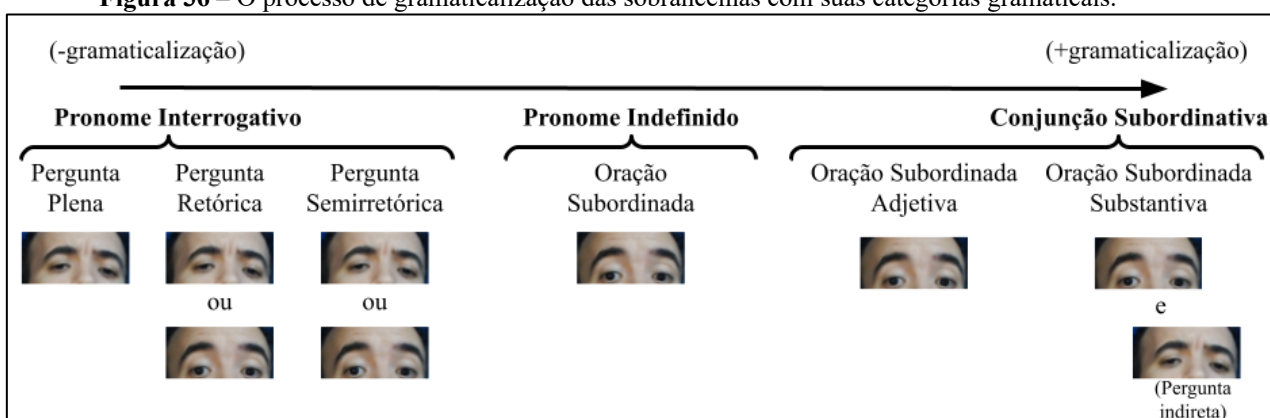
Fonte: elaborado pelo autor.

Apresentamos as frequências da marcação não manual que acontece no processo de gramaticalização. Como vimos, as categorias foram gramaticalizadas segundo o modelo

proposto por Heine (2003 *apud* Rodrigues, 2022), com uso de extensão, dessemantização e decategorização; mostramos, ainda, a erosão.


Percebemos, por meio do Gráfico 1, com relação ao uso das sobrancelhas em pronome interrogativo com seus pares pergunta-resposta, a pergunta plena utiliza a forma franzida; a retórica e a semirretórica também a utilizam, mas podem ter a forma arqueada como optativa. O pronome indefinido apresenta uma perda das sobrancelhas franzidas; como mostramos, nas ocorrências que são de natureza relativa, a conjunção subordinativa adjetiva também perde o franzimento, uma vez que os informantes utilizam a forma arqueada. E a conjunção subordinativa substantiva não houve nenhuma perda, pois ela possui sua propriedade, quando a sobrancelhas arqueadas introduzem uma oração, além de franzidas, que pode ser uso do contexto da pergunta indireta.

Figura 36 – O processo de gramaticalização das sobrancelhas com suas categorias gramaticais.



Fonte: elaborado pelo autor.








5.4 Gramaticalização do sinal

Vimos todas as informações das descrições fonológicas com usos do sinal . Então resumimos esses usos para padronizar o sinal “*que/quem*” a partir de suas categorias, de acordo com suas propriedades. Conforma a tabela 4, padronizamos: os pronomes interrogativos de acordo com os autores que já mencionamos¹³ quanto à sua marcação não manual no contexto de produção de pergunta; e os pronomes indefinidos, os pronomes relativos e conjunção, que utilizam as sobrancelhas arqueadas para propriedades: todas as categorias têm dois tipos de articulação-boca de sentido específico para *que* e *quem*, e as duas mãos apresentam *coarticulação*, como afirma Xavier (2014); há aquelas que possuem suas especificidades de


¹³ (Quadros; Karnopp, 2004; Felipe; Monteiro, 2007; Pfau; Quer, 2010; Pfau; Bos, 2016; Figueiredo; Lourenço, 2019; Quadros, 1999, 2019; Royer; Quadros, 2021)

partícula: o uso de sobrelhas arqueadas no pronome interrogativo ser optativo somente para as perguntas retóricas e semirretóricas; e na conjunção utilizam-se sobrelhas franzidas na produção pergunta indireta.

Tabela 4 – Padrão de usos do sinal *que/quem*.


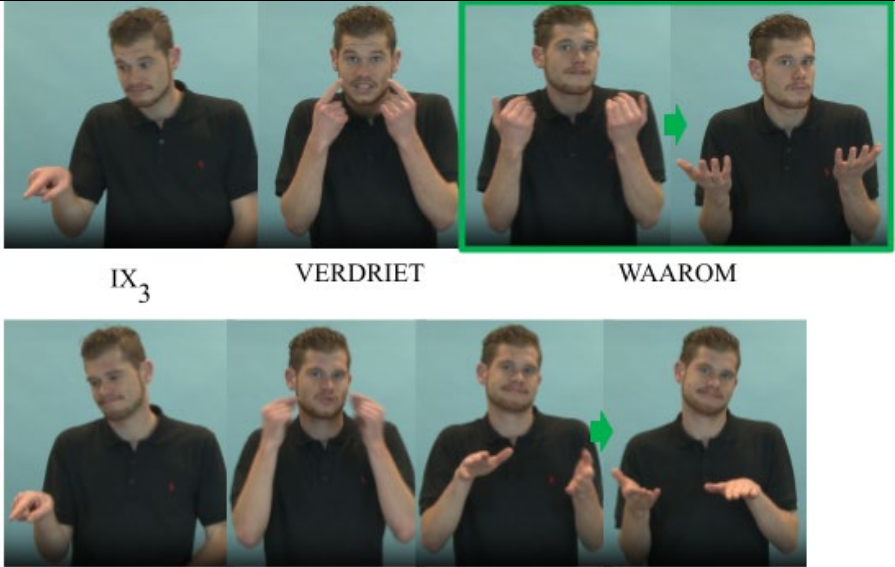
Categorias	Sinal Que/Quem	Propriedades	
		Específicas	Todas
Pronome interrogativo		 (optativo para retórica e semirretórica)	 (articulação-boca que)
Pronome Indefinido		X	 (articulação-boca quem)
Conjunção Subordinativa Adjetiva		X	
Conjunção Subordinativa Substantiva			 (pergunta indireta)

Fonte: elaborado pelo autor.

Ainda que a apresentação dos resultados das nossas análises precise ser mais bem sistematizada, pudemos mostrar que o sinal  tem usos variados na Libras e está associado a tipos de marcação não manual diferentes a depender dos contextos de uso e função gramatical. Atestamos, como mostram os dicionários consultados, que esse sinal tem uma função de pronome interrogativo em sentenças com perguntas plenas. Todavia, observamos igualmente que seu uso é ampliado para contextos de sentenças com perguntas retóricas e semirretóricas, podendo, em alguns casos, serem interpretados como casos de subordinação.

Como salienta Pfau (2016, p. 157), o uso de perguntas retóricas nas línguas de sinais é muito produtivo e habilita interpretações que apontam para uma ambiguidade estrutural. Analisando dados da Língua de Sinais Holandesa (NGT), o autor destaca, conforme mostrado na ocorrência 63, que o sinal interrogativo “WAAROM” (*porque*) pode também ser interpretado como uma conjunção num contexto de oração causal. As duas traduções possíveis para ocorrência 63 deixam clara essa ambiguidade estrutural:

Ocorrência 63


IX₃ VERDRIET WAAROM

IX₃ KAT STERVEN

Tradução 1: Ele está triste porque seu gato morreu

Tradução 2: Por que ele está triste, é (porque) seu gato morreu



Fonte: elaborado pelo autor com base em Pfau (2016, p. 157).


Defendemos que a explicação para os diferentes usos do sinal  na Libras precisa levar em conta essa ambiguidade estrutural entre perguntas semirretóricas e orações subordinadas numa perspectiva histórica, assumindo que as evidências sincrônicas, analisadas à luz dos pressupostos teóricos da gramaticalização, nos permitem propor um *cline* de mudança para esse sinal.

Baseados em Hopper e Traugott (2003), propomos o *cline* abaixo, concebido como um arranjo de formas analisadas como menos e mais gramaticalizadas:

pronome interrogativo > *pronome indefinido* > *subordinação*

A análise dos marcadores não manuais precisa ser refinada para que possamos identificar se mudanças morfofonológicas podem ser atestadas e usadas para comprovar nossa hipótese.

Encontramos outras ocorrências que é possível demonstrar a gramaticalização de outro tipo da oração subordinada: a adverbial, conforme as ocorrências 64 e 65. Nestes usos dos sinais  como *que*, na ocorrência 64 a sinalizante explica sobre o implante coclear que acha não era bom e, então, faz o sinal  para explicar o motivo de que não é bom, explicando o motivo “*que eu esteja com medo*” por causa do implante coclear. Na ocorrência 65, outra sinalizante

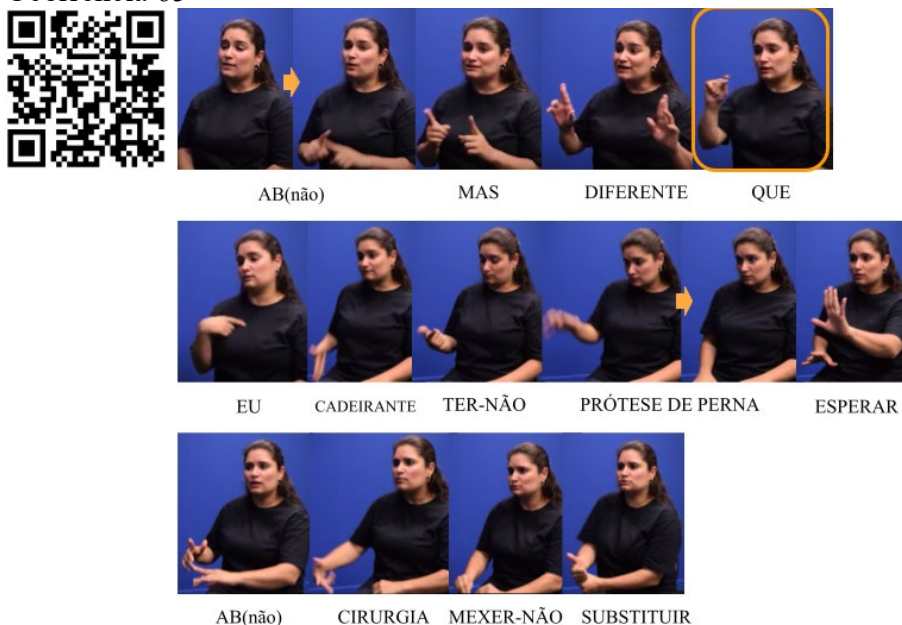
explica sobre aparelho e diz que prótese de perna e implante coclear são a mesma coisa; a sinalizante discorda dizendo: “*mas isso é diferente*”; ”isso” se refere àquilo que a sinalizante explicou, e, assim, utiliza o sinal  para explicar que não se pode comparar um cadeirante com alguém que é implantado coclear. Segundo Neves e Braga (2021), o elemento *que* como conectivo, na maioria das vezes, pode ser substituído por *porque* na língua portuguesa, assumindo a função de conjunção causal, conforme (32) e (33). Todavia, não nos aprofundaremos nisso.

Ocorrência 64



Tradução do contexto: Começamos sobre o implante coclear. Eu acho que não é bom que eu esteja com medo.

Ocorrência 65








Tradução do contexto: Não, mas isso é diferente porque cadeirante não tem perna... (outra sinalizante interrompe) espera. Não faz cirurgia, pois não mexe a perna, é só substituir pela prótese de perna.

- (32) Doc. Na sua opinião... qual o esporte favorito do gaúcho?
 Inf. Eu acho que é o futebol... *que* a gente só ouve fala(r) em futebol... só futebol, né...
 [DID POA 045]
- (33) Doc. Na sua opinião... qual o esporte favorito do gaúcho?
 Inf. Eu acho que é o futebol... *porque* a gente só ouve fala(r) em futebol... só futebol, né...


(Neves; Braga, 2021, p. 138).

6. CONCLUSÃO

Neste trabalho, fizemos uma grande pesquisa complexa para atestar a nossa hipótese de que o sinal  pode ter se gramaticalizado como um complementizador (conjunção manual), em uso em orações completivas (subordinadas substantivas) a partir da sua função como pronome interrogativo. Ferreira-Brito (2010[1995]), Quadros e Karnopp (2004) e Carneiro, Khouri e Ludwig (2020) demonstram que a Libras utiliza a justaposição para oração subordinada, ou seja, sem uso de conjunção manual. Recentemente, todavia, Ludwig, Carneiro e Khouri (2021), Quadros *et al.* (2021) e Ludwig (2022) demonstraram exemplos com uso do sinal  que foi utilizado como juntor entre orações, e definiram a oração subordinada substantiva. Normalmente, este sinal foi considerado um marcador com único significado interrogativo para produzir as sentenças interrogativas, como perguntas. Todavia, Quadros (1999) e Quadros e Karnopp (2004) demonstraram que esse sinal pode ser utilizado em oração subordinada pelo contexto da pergunta indireta, em uma análise comparativa à ASL. Esse foi um grande desafio para nossa pesquisa, que tivemos que argumentar a favor de nossa hipótese de que o uso desse sinal como juntor em sentenças completivas é resultado de um processo de gramaticalização, em que uma nova função gramatical se devolveu a partir da função interrogativa.


Então, analisamos 131 usos do sinal para identificar a sua função nas categorias: *Pronome Interrogativo*, *Pronome Indefinido*, *Pronome Relativo*, *Conjunção Integrante* e *outra categoria sem confirmação*. Nessas categorias, demonstram-se as suas naturezas de definição ao uso do sinal  no contexto das orações. Ele possui dois sentidos entre “*que*” e “*quem*”, e possui diferença na sua descrição pela articulação-boca do  (/u/) e  (/e/).


Nós produzimos três perguntas de pesquisa na introdução que iremos responder de acordo com nossa análise, em que observamos os resultados para argumentar as nossas hipóteses. A primeira pergunta foi:

Todas as ocorrências com o uso de sinal  estão relacionadas à pergunta plena com uso do franzimento das sobrancelhas e movimento de cabeça para frente que esperam receber outras respostas?


Resposta: Não foram todas as ocorrências – apenas para pergunta plena (apta a receber resposta de outra sinalizante); além disso, algumas foram produzidas perguntas mesmo que não tenha recebido de resposta; para perguntas retóricas e semirretóricas, estas mantêm o uso do movimento de cabeça para frente e o franzimento das sobrancelhas, mas elas serão optativas com uso de arqueamento das sobrancelhas. As outras ocorrências foram alocadas para outras categorias em que não foram produzidas perguntas, mesmo que sejam frases declarativas, exclamativas e em orações subordinadas.

A segunda pergunta foi:

Quais são as funções possíveis do sinal  que poderiam ser alocadas num continuum de gramaticalização que vai de pronome interrogativo para outra função gramatical quando não está produzindo pergunta plena?


Resposta: Este sinal  que tem sua origem de classe como pronome interrogativo pode ser alocado num continuum de gramaticalização para as outras funções gramaticais mesmo que não sejam produzidas perguntas plenas, inclusive perguntas retóricas e semirretóricas. O processo de gramaticalização foi observado por meio dos princípios e mecanismos propostos por Heine (2003 *apud* Rodrigues, 2022): *extensão*, *dessemantização* e *decatégorização*. As novas funções gramaticais foram pronome indefinido, pronome relativo (oração subordinada adjetiva) e conjunção integrante (oração subordinada substantiva). Havia, ainda, outra categoria pela nossa hipótese, que era interjeição, mas não podemos afirmar esse uso em virtude dos poucos dados. Como pesquisador surdo, entretanto, que tenho convivência com comunidade surda, vemos muito sinalizantes utilizarem dessa forma com sentido relacionado com a interjeição. Assim, assumindo o *cline* de Hopper e Traugott (2003), podemos realizar a mudança das categorias: *pronome interrogativo* > *pronome indefinido* > *pronome relativo (Oração Subordinada Adjetiva)* > *Conjunção (Oração Subordinada Substantiva)*.

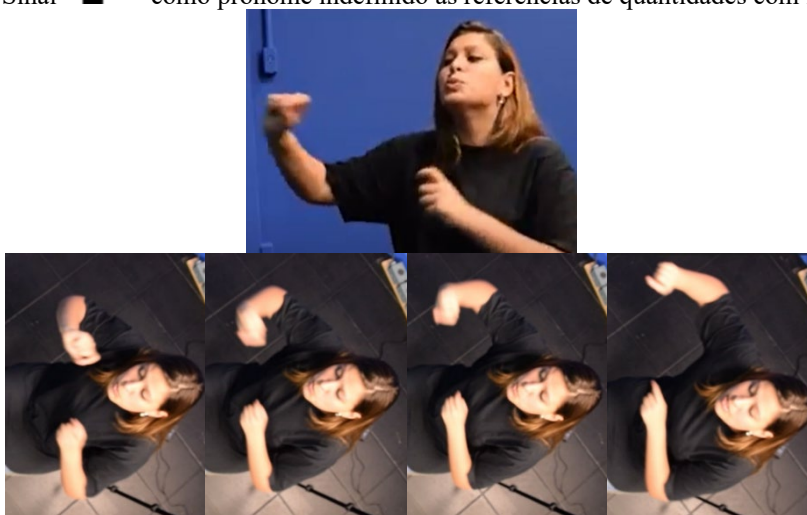
E a terceira pergunta foi:

Quais são significados dos diferentes usos do sinal .


Resposta: Antes, pensávamos que ao realizar o sinal com as duas mãos haveria um significado diferente; então, observamos que não há significado diferente – há, apenas, *coarticulação* (XAVIER, 2014), quando acontece a influência pelas formas antecipatória ou perseveratória, pois ele permanece com seu próprio significado em cada categoria. Então, encontramos sinal




de forma específica do movimento para apontar os lados, conforme a figura 37, que significa que não particulariza nem restringe as identificações como *todo*, *outro*, *vários*, *algum* e *nenhum*; todavia, foram encontradas apenas 3 ocorrências na análise. E “que” e “quem” possuem cada um seu significado diferente, como polissemia, havendo, assim, diferença no uso da articulação-boca de ⓪ (/u/) para *que*, e de Ⓧ (/e/) para *quem*. As sobrancelhas franzidas indicam que a sentença é interrogativa, e o arqueamento e neutro podem significar: afirmativa, produzir uma nova oração e introduzir a oração.

Figura 37 – Sinal  como pronome indefinido às referências de quantidades com identificações.



Fonte: elaborado pelo autor com base em Corpus de Libras da UFSC.

Fizemos, assim, o possível para responder a nossas perguntas, pois, como dissemos, esta pesquisa ainda é complexa; por exemplo, há a questão da oração subordinada substantiva, em que pode haver uma ambiguidade por causa da pergunta semirretórica; em ambas, pode-se fazer uso do sinal . Para esse sinal, que tem como origem de classe ser pronome interrogativo, tanto autores indicam que são utilizadas as sobrancelhas franzidas nesse contexto (interrogativo), mas nem todas as ocorrências fazem esse uso.

Há, ainda, pontos que merecem novas pesquisas a fim de que encontremos mais ocorrências sobre o uso destes sinais  como pronome indefinido com relação ao apontar para os lados como *todo*, *outro*, *vários*, *algum* e *nenhum*; podemos, também, analisar o sinal  como *que* e *quem* em outros tipos de videossinalizado, como em *lives* do Instagram por exemplo. Por fim, é preciso especializar mais as descrições fonológicas, observando, também, o movimento de ombro e tronco e o piscar dos olhos, a fim de identificar algumas restrições de cada categoria com uso do sinal .

REFERÊNCIAS

- ALECRIM, E. C. **A variação fonético-fonológica da configuração de mão na Libras**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2022.
- ALEIXO, F. **Orações condicionais na Língua Brasileira de Sinais (Libras): uma análise funcionalista**. 2021. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de Paulista (Unesp), Araraquara/SP, 2021
- ALMEIDA-SILVA, A. **A (in)definitude no sintagma nominal em libras: uma investigação na interface sintaxe-semântica**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- AMPESSAN, J. P. **A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da libras pelo sistema SignWriting**. Dissertação. (Mestrado em linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- ARAÚJO, A. S.; FREITAG, R. M. K. **“Quem pergunta quer resposta!”** - Perguntas como estratégia de interação na escrita. *Via Litterae*, v. 2, p. 321-335, 2010.
- BARRETO, M. & BARRETO, R. **Escrita de Sinais sem mistérios**. 2 ed. rev. atual. e ampl. – Salvador, v. 1: Libras Escrita, 2015.
- CAPOVILLA, F. C. *et al.* **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- CARNEIRO; B. G.; KHOURI, J. I. B. El; LUDWIG, C. R. Articulação de Orações em Libras: Um Breve Panorama. *In: ALDRETE, M. C; CARNEIRO, B. G.; LUDWIG, C. R. Humanidades e Inovação: Línguas de Sinais da América Latina*. Vol. 7. N. 26. Palmas: Unitins, 2020.
- CECCHETTO, C.; DONATI, C. GERACI, C. KELEPIR, M.; PFAU, R.; QUER, J.; STEINBACH, M. **SignGram Blueprint: A Guide to Sign Language Grammar Writing**. Berlin: De Gruyter, 2017.
- CRESCÊNCIO NETO, J. D. **As orações de tempo em Libras: uma abordagem tipológico-funcional**. 2021. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2021.
- FELIPE, T.; MONTEIRO, M. **Libras em Contexto: Curso Básico - Livro do Estudante**. ed. 8. Rio de Janeiro : WalPrint Gráfica e Editora, , 2007.
- FELIPE, T. A. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- _____. **O processo de formação de palavra na Libras**. Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.200-217, jun. 2006.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010[1995].

FIGUEIREDO, L. M. B.; LOURENÇO, G. **O movimento de sobrelanceiras como marcador de domínios sintáticos na língua brasileira de sinais**, Revista da Anpoll, Florianópolis, v.1, n. 48, p. 78–102, 2019.

FREITAG, R. M. K. **É o quê?: estratégia de interação ou sequenciação?.** Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 39, p. 157-166, 2010.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB GALVÃO, V. C. (Orgs.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HELLWIG, B.; ELAN – **Linguistic Annotator**. Versão 6.3.0. Disponível em: <<http://www.mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf>>. Acesso em: jul. 2022

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

LEITE, T. de A.; AMPESSAN, J. P.; BOLDO, J.; TASCALOHN, J.; AZEVEDO, G. S. de O. Semântica lexical na libras: Libertando-se da tirania das glosas. Revista da ABRALIN, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–23, 2022.

LIRA, G. A., SOUZA, T. A. F. de. **Dicionário de LIBRAS do INES**. 2011 Disponível em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/.

LUDWIG, C. R. Sentenças encaixadas relativas na Libras: as marcações não-manuais como estratégia de articulação. In: KHOURI, J. I. B. El; XAVIER, A. N.; CARNEIRO, B. G.; LUDWIG, C. R. **Descrição e Análise Linguística da Língua Brasileira de Sinais**. Vol. 6. N. 6. Porto Nacional: Porto das Letras, 2020.

_____. Sentenças Encaixadas Objetivas na Libras. In: ALMEIDA, W. G.; LUDWIG, C. R. **Linguagens e Educação em Diálogo**. Vol. 8. N. 4. Porto Nacional: Porto das Letras, 2022.

LUDWIG, C. R.; CARNEIRO, B. G.; KHOURI, J. I. B. El. Orações subordinadas. In: QUADROS, R. M. de. (org.) **Gramática da Libras**. 1 ed. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2021. V-book. Disponível em: <https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/gramatica/?v=videos/Cap%C3%ADtulo%204%20-%20Senten%C3%A7as/4.7+Encaixadas+%28ora%C3%A7%C3%B5es+subordinadas%29.mp4> Acesso em: dez 2022

MARTELOTTA, M. E. T.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: departamento de Linguística e Filologia UFRJ, 1996. p. 277-291.

MÁXIMO, N. N. **Tipologia linguística da Libras**. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras). Programação de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Recife, 2023.

MCKEE, R. 2006. **Aspects of interrogatives and negation in New Zealand Sign Language**. In Zeshan (ed.), pp. 70–90.

MONTEIRO, M. S. **A interferência do português na análise gramatical em Libras: o caso das preposições**. Dissertação (Mestrado em linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

NEVES, M. H. M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

_____. **Gramática funcional: Interação, discurso e texto**. 1. Ed., 1ª reimpressão. Editora contexto, São Paulo, 2021.

_____. **Texto e gramática**. 2. Ed., 1ª reimpressão. Editora contexto, São Paulo, 2022.

NEVES, M. H. M.; BRAGA, M. L. As construções hipotáticas / adverbiais. In: NEVES, M. H. M. (org) **A construção das orações complexas**, v. 5. São Paulo: Contexto, 2021.

PÊGO, C. F. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e Lexicais: um estudo do morfema-boca**. Dissertação. (Mestrado em linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

_____. **Articulação-boca na libras: um estudo tipológico semântico-funcional**. Teste (Doutorado em linguística) – Universidade federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2021.

PFAU, R.; BOS, H. Syntax: simple sentences. In: BAKER, A.; BOGAERDE, B. van den; PFAU, R.; SCHERMER, T. (eds.), **The Linguistics of Sign Languages: An Introduction**, Amsterdam: Benjamins, 2016, p.117-147.

PFAU, R.; QUER, J. Nonmanuals: their grammatical and prosodic roles. In: BRENTARI, D. **Sign Languages**. Cambridge University Press: Cambridge Language Surveys, 2010. p. 381 – 402.

PFAU, R.; STEINBACH, M. Grammaticalization in sign languages. In: H. Narrog & B. Heine (eds.), **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 683-695.

QUADROS, R. M. de. **Phrase structure of Brazilian Sign Language**. 301f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

_____. **Libras**. São Paulo: Editora Parábola, 2019. v. 1. 192p

_____. (org.) **Gramática da Libras**. 1 ed. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2021. V-book. Disponível em <https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/gramatica/index.php> Acesso em: dez 2022

QUADROS, R. M. de; KARNOPP L. B. **Língua de sinais brasileira** - Estudos Lingüísticos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

QUADROS, R. M. de *et al.* **Língua Brasileira de Sinais: patrimônio linguístico brasileiro**. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

ROCHA, R. **O sinal DENTRO na Língua Brasileira de Sinais: uma análise funcionalista**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2023. No prelo.

RODRIGUES, A.; SOUZA, J. C. **Gramaticalização do sinal “motivo” na Língua Brasileira de Sinais: uma análise baseada no uso**. Revista do GEL, v. 16, n. 1, p. 53-82, 2019.

RODRIGUES, A. **As orações adversativas na Língua Brasileira de Sinais: uma abordagem semântico-funcional**. *Sensos-e* | Vol. VI - n. 1 | 2019.

_____. **Gramaticalização de conjunções na Língua Brasileira de Sinais: um estudo sobre a mudança linguística nas línguas de sinais**. 2022. Tese (Livre Docência em Linguística) – Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, 2022.

ROYER, M. **Análise da ordem das palavras nas sentenças em Libras do Corpus da Grande Florianópolis**. Dissertação. (Mestrado em linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

ROYER, M.; QUADROS, R. Outras possíveis ordenações na Libras. In: QUADROS, R. M. de. (org.) **Gramática da Libras**. 1 ed. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2021. V-book.

Disponível em:

<https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/gramatica/?v=videos/Cap%C3%ADtulo%204%20-%20Senten%C3%A7as/4.3+Outras+poss%C3%ADveis+ordena%C3%A7%C3%B5es+na+Libras.mp4> Acesso em: dez 2022

SANTOS, J. C. L. dos. **O par pergunta-resposta como estratégia de articulação tópica: uma análise funcional**. 2017. 201 p. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), João Pessoa/PB, 2017.

SEVERINO, R. da M. **Tipos de solução de tradução no par linguístico português-Libras: uma reflexão a respeito dos conceitos de procedimentos, estilo e multimodalidade aplicados à tradução**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Rio de Janeiro, 2022.

SCHERMER, T.; PFAU, R. Language contact and change. In: BAKER, A.; BOGAERDE, B. van den; PFAU, R.; SCHERMER, T. (eds.), **The Linguistics of Sign Languages: An Introduction**, Amsterdam: Benjamins, 2016, p.299-324.

SILVA, R. **Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a prova como foco de análise**. 2019. 241 p. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis/SC, 2019.

STOKOE, W. **Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf**. Studies in Linguistics: Occasional Papers, v. 8, 1960.

TANG, G.; P. LAU. Coordination and subordination. In PFAU, R; STEINBACH, M; WOLL, B. (eds.), **Sign language**. An international handbook, De Gruyter Mouton. Berlin, 2012, p.340–365.

WILCOX, S. '**Gesture and language**; cross-linguistic and historical data from signed languages', *Gesture* 4: 43–73, 2004.

_____. **Routes from gesture to language**. Revista da ABRALIN, v. 4, n. 1/2, 22 maio 2017.

XAVIER, A. **Uma ou duas? Eis a questão**: um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras). 2014 Tese (doutorado em linguística). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP. 2014

XAVIER, A.; BARBOSA, P. **Com quantas mãos se faz um sinal?** Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (Libras). *Todas as Letras*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 111-128, 2013. XAVIER, A. N.; WILCOX, S. **Necessity and possibility modals in Brazilian Sign Language (Libras)**, *Linguistic Typology*, vol. 18, no. 3, 2014, p. 449-488.

ZESHAN, U.; PALFREYMAN, N. Typology of sign languages. In AIKHENVALD, A.Y; DIXON, R.M.W. (eds.) **The Cambridge Handbook of Linguistic Typology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

ZESHAN, U. **Interrogative Constructions in Sign Languages**: Crosslinguistic Perspectives. *Language*, 80(1): 739. New York: Linguistic Society of America. 2004.

_____. **Interrogative and Negative Constructions in Sign Languages**. Sign Language Typology Series No. 1. Nijmegen: Ishara Press, 2006.